

**UM CLIC PARA PERPETUAR A FELICIDADE
CLANDESTINA: REFLEXÕES SOBRE
MEDIAÇÃO DE LEITURA**

CRISTINE LIMA ZANCANI

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**UM CLIC PARA PERPETUAR A FELICIDADE CLANDESTINA:
REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURA**

CRISTINE LIMA ZANCANI

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Letras, na área de concentração de Teoria da Literatura.

PROF.^a DR. VERA TEIXEIRA DE AGUIAR

Orientadora

Data de defesa: 21/01/2008

Instituição Depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre
2008

**Tudo o que não invento é falso.
(Manoel de Barros).**

Para Vera Aguiar, que inventou o CLIC.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ, pela concessão da bolsa de pesquisa;

À Vera Aguiar, pela minha formação profissional e transformação pessoal;

A todos os mediadores de leitura, que atuaram ou atuam no CLIC, pelo sonho compartilhado;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pela oportunidade de encontro ou reencontro com autores e obras que fazem parte de mim;

À Alice Áurea Penteado Martha, pelas preciosas indicações bibliográficas;

À Mara Nascimento e Isabel Lemos, pela atenção dispensada a cada informação solicitada;

À Adriana Bayer, que chegou ao “q” da questão;

Às crianças do CLIC, pelas histórias que vivemos;

A todos os integrantes do Centro de Extensão Universitária da Vila Nossa Senhora de Fátima, nossa casa na comunidade;

Aos homens da minha vida, Marcelo Fornasier, Paulo Zancani e Paulo Eduardo Lima Zancani, por tantas coisas que não cabem em palavras;

Às mulheres da minha vida, Carla Cassapo, Cristiane Dias, Mari Fiorelli, Helana Oliveira, Ana Lenina, Bebê Baumgarten, Aline Schaefer, Dedé Ribeiro, Bettina Rupp e Irínia Taborda, minhas amigas maravilhosas, criativas e talentosas, com quem compartilho o grupo mais divertido de correspondências virtuais. Longa vida às *Chinelas!*;

Para Rejane Freitas Lima Zancani e Raul Freitas Lima, que não estão mais aqui, mas continuam em mim.

RESUMO

Esta tese, intitulada *Para perpetuar a felicidade clandestina: reflexões sobre mediação de leitura*, tem como objeto de estudo a mediação de leitura, a partir da figura do mediador que atua no CLIC, projeto de pesquisa inserido no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / PUCRS. A trajetória de formação do mediador de leitura começa quando, ao ouvir ou ler histórias, identifica esse momento como fonte de prazer. Tal constatação parte de uma entrevista, com uma amostra de mediadores. As respostas do questionário proposto são examinadas com base na seguinte metodologia: análise, interpretação e cruzamento de dados, relacionando as histórias de leitura dos mediadores às histórias do CLIC. Com isso é possível contribuir para a criação de parâmetros de formação e atuação de mediadores, que possam ser seguidos por outros grupos envolvidos na promoção da leitura.

Palavras-chave: mediação de leitura; formação de leitores; CLIC.

ABSTRACT

This thesis, entitled *To perpetuate clandestine happiness: reflections on reading mediation*, has the reading mediator as its object of study, from the figure of the mediator who acts in CLIC, research project inserted on the *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)*'s Post-Graduation Program in Letters. The path of the reading mediator formation begins when, reading or listening to stories, he or she identifies this moment as a source of pleasure. Such evidence rests upon an interview with a mediator's sample. The answers to the questionnaire purposed are examined based on the following methodology: analysis, interpretation and data crossing, relating the mediator's reading histories to CLIC histories. Therewith it is possible to contribute to the creation of parameters to mediators' formation and actuation, which could be followed by other groups engaged on reading promotion.

Keywords: reading mediation; readers' formation, CLIC

Sumário

HISTÓRIA(S) DE AMOR PELA LEITURA: O COMEÇO DA NARRAÇÃO	09
1 UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO CONTADA AOS RETALHOS: A HISTÓRIA DO CLIC	17
2 NA RUA, NO MEIO DO REDEMOINHO: O CLIC EM OUTRAS VEREDAS	48
3 ECOS QUE ACOMPANHAM O CAMINHAR DE QUEM ATUA NO CLIC: A VOZ DOS MEDIADORES	80
PARA PERPETUAR A FELICIDADE CLANDESTINA	126
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICES	143
APÊNDICE 1: INSTRUMENTO DE PESQUISA	144
APÊNDICE 2: ENTREVISTAS	146
ANEXOS	183
ANEXO 1: O CLIC EM PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS	184
ANEXO 2: A SALA DO CLIC	191
ANEXO 3: FOTOS DOS ENCONTROS CULTURAIS	193
<i>CURRICULUM VITAE</i>.....	197

HISTÓRIA(S) DE AMOR PELA LEITURA: O COMEÇO DA NARRAÇÃO

Meus livros (que não sabem que eu existo) são tão parte de mim como este rosto (...).

Não sem alguma lógica amargura penso que as palavras essenciais que me expressam se encontram nessas folhas que não sabem quem eu sou, não nas que escrevi.

Melhor assim. As vozes dos mortos vão me dizer para sempre.

(Jorge Luis Borges – *Meus livros*)

Quando eu era criança, minha família mudou-se para o Rio de Janeiro. Em nossa casa, circulavam jornais e revistas, mas não havia um grande acervo de livros; acho que foram sendo deixados para trás por causa de nossa vida cigana. Meu pai tinha (e ainda tem) o hábito de dar muitas coisas e, cada vez que, em consequência de seu trabalho, éramos destinados a uma nova cidade, muitos objetos ficavam pelo caminho, para a alegria dos porteiros e zeladores dos prédios onde, até então, morávamos, e para surpresa de minha mãe, na hora em que percebia a falta dos pertences. Nessa época, meus avós residiam em Porto Alegre, e eu relato isso porque minha relação com meu avô materno faz parte da minha

história de leitura e de minhas primeiras aventuras na escrita, mesmo antes de saber escrever.

Ao nos visitar no Rio de Janeiro, meus avós passavam longas temporadas conosco. Na primeira visita, meu avô Raul criou uma rotina, tornada sagrada para nós dois: à noite, íamos juntos para o meu quarto, acompanhados por um livro, e ele lia ou me contava a história. As obras de Lobato foram nossas grandes companheiras. Ao lado de meu avô, eu acompanhei as *Reinações de Narizinho*, me diverti com as *Memórias da Emília* e me perdi nos labirintos do *Minotauro*. Quando ele voltava para Porto Alegre, minha mãe tomava seu posto e, com saudade, eu ficava aguardando a chegada do carteiro. Meu avô mandava cartas para minha mãe e, no mesmo envelope, remetia uma correspondência para mim e outra para o meu irmão. Eu ainda não sabia ler e esperava, aflita, a revelação do conteúdo do texto, que nunca ficava sem resposta.

Para responder às cartas de meu avô, havia sempre o apoio da Marlene, nossa ajudante, vinda do Maranhão. Marlene bem sabia o que era viver longe da família e também se correspondia com os seus. Sentada ao seu lado na mesa da cozinha, eu ditava para ela as palavras enviadas para o meu avô. Com ela, aprendi que toda carta que se preze começava com a frase: *nessas mal traçadas linhas* e assim eu iniciava todas as correspondências remetidas para o vô Raul. Muitos anos mais tarde, a morte da minha mãe levou-nos a esvaziarmos seus armários. Então, achei uma carta de meu avô (que a essa altura também já havia falecido) para mim, em resposta a algo que eu havia lhe escrito. Lá pelas tantas, o texto dizia assim: *diz para a Marlene, aquela bruxa, que se ela continuar te incomodando, o Jacaré Seu Dãozinho vai aparecer para acertar as contas com ela*. Foi engraçado lembrar que

eu ditava para a própria Marlene as “queixas” a seu respeito.

Na adolescência, já morando novamente em Porto Alegre, o gosto pela leitura não foi abandonado, mas eu tinha um critério peculiar na seleção de textos – nada de literatura brasileira em prosa. A resistência à narrativa nacional foi gerada pela primeira imposição traumática feita pela escola: a leitura de *Iracema*. Tudo contribuía para a minha antipatia pela “virgem dos lábios de mel”, até a edição na qual eu a conheci, com uma capa bege, desbotada e manchada pela marca de um copo, muito provavelmente pelo meu irmão, “vitimado” pela obra anos antes. A partir do contato com *Iracema*, eu realizei todas as outras leituras solicitadas no colégio com extrema má vontade. Hoje, tenho consciência de que minha implicância me impediu de antecipar encontros com autores que, mais tarde, vim a amar.

Com a poesia brasileira, eu não tinha problemas: Cecília eu já conhecia da infância, por ter lido *Ou isto ou aquilo* à exaustão; Bandeira foi amor à primeira vista, bem como Augusto dos Anjos, cujo tom sombrio me fascinava. Eu sempre fui uma leitora de poesia, pois como (quase) toda adolescente, julgava que era poeta, por causa de minhas criações. Pensando bem, até que fui longe nesse sonho, pois cheguei a ter um livro publicado, sem fazer esforço algum nesse sentido. A escrita teve um papel importante em minha juventude, pois eu era muito tímida e só me expressava com facilidade, através de uma folha em branco. Na época, tudo o que eu não conseguia verbalizar — muita coisa, acredite — eu organizava em linhas e entrelinhas. Haja caderno, diário e bloco!

Meu cardápio de leitura nesse período era diversificado: os títulos das coleções *Vaga-lume* e *Para Gostar de Ler* foram devidamente devorados nos

primeiros anos da juventude. Com o tempo, passei a realizar leituras mais desafiadoras: Fernando Pessoa, Kafka, Fante, Bukowski, Laclos (A obra *As relações perigosas* foi um encontro e tanto! A edição pertencia a uma coleção de clássicos lançada em bancas de revista, que ganhei de meu pai.), Bram Stoker, Dostoiévski, Salinger, etc. Fiz as pazes com a narrativa brasileira, somente nos últimos anos do Segundo Grau. Recuperei o tempo perdido reencontrando ou conhecendo: Machado de Assis, Erico Verissimo, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues, Guimarães Rosa, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan e mais alguém que devo estar esquecendo. Atualmente, a leitura continua fazendo parte de minha rotina. Enquanto trabalho, leio, e no momento em que descanso do trabalho, também leio. Tenho sorte por isso. Sou uma leitora porque preciso da companhia de um livro, porque me perco e me encontro em cada página lida.

Essa trajetória de amor pelos livros e pela escrita possibilitou o encontro comigo mesma quando cheguei ao CLIC: um projeto de formação de leitores e de mediadores de leitura. Na época, recém formada em Letras na Faculdade Porto-Alegrense/FAPA, eu tinha ingressado na PUCRS para realizar uma especialização em Literatura Infantil. Sabendo do projeto, a dar seus primeiros passos, eu pedi à Vera Teixeira de Aguiar, coordenadora do CLIC, para trabalhar na pesquisa como voluntária e ela me convocou para a primeira reunião do grupo. Desde então — eu terminei essa especialização; comecei outra em Literatura Brasileira, renunciada ao ingressar no Mestrado; conclui o Mestrado; dei aulas na PUCRS de Uruguaiana, substituindo uma colega durante um ano; ingressei no Doutorado; casei, com direito a ser feliz para sempre; conclui a escrita da tese — e, depois de DEZ anos, ainda faço parte do CLIC.

Ao longo desse período de atuação no projeto ministrei diversas oficinas na Vila Fátima: Literatura e Computador, Literatura e Contação de Histórias, Literatura e Biblioteca; dei cursos de formação para professores; elaborei unidades de ensino de literatura no computador; organizei os Encontros Culturais na comunidade; participei das reuniões semanais do grupo de pesquisa, refletindo em conjunto sobre as ações e aproveitando, na prática, muitos semestres de créditos não contabilizados institucionalmente. Portanto, devo à Vera Aguiar e ao CLIC minha formação profissional. Além disso, devo à Vera Aguiar e ao CLIC minha transformação pessoal: a força conquistada para enfrentar a roda-viva da vida vem dos exemplos colhidos em ambos.

Pela importância que o CLIC tem em minha trajetória e na de muitos colegas, eu decidi registrar sua história e, a partir dela, refletir sobre a formação e a atuação dos mediadores de leitura. Quando tomei essa decisão, uma coisa me angustiava: no CLIC, as reflexões sempre são feitas em conjunto. Portanto, eu precisava ouvir a voz dos meus pares. Da necessidade de continuar falando em coro com o grupo, nasceu a idéia de realizar entrevistas com os participantes. As entrevistas foram entregues tanto à equipe de mediadores, participantes da fundação do projeto, composta por quatro pessoas; quanto à equipe que estava atuando no CLIC na época em que eu realizei esta etapa inicial da pesquisa, composta por dez pessoas. Os envolvidos no projeto deveriam responder, por escrito (pois essa forma de expressão permite uma reflexão mais elaborada), a vinte questões. As primeiras onze perguntas, recuperavam a trajetória de leitura do mediador desde a infância, passando pela adolescência, até o momento atual. As próximas seis interrogações diziam respeito à história do participante no CLIC, de sua chegada ao projeto à

reflexão sobre sua atuação. Os quatro últimos questionamentos eram relacionados aos planos ou realizações de cada um após a experiência no CLIC.

Falando ainda sobre as decisões iniciais tomadas, é importante destacar que as ações do CLIC contemplam dois grandes objetivos: de um lado visam à formação de leitores, e, de outro, à formação de mediadores de leitura, que aprendem na prática a exercer tal função. Decidindo registrar essa história, foco minha atenção no grupo de mediadores, pois julgo que a avaliação dos resultados obtidos pela formação de leitores exigiria a utilização de outros instrumentos de pesquisa, destinados às crianças envolvidas na ação. Ao longo do estudo, menciono algumas das conquistas das crianças, uma vez que elas representam exemplos bem sucedidos de mediação. Todavia, ressalto que o acompanhamento da trajetória de cada uma delas no projeto merece um estudo à parte. Desse modo, deixo uma porta aberta, com o objetivo de que a história do CLIC continue a ser escrita, a partir de um novo foco.

Centrada na atuação dos mediadores, a trajetória do CLIC é narrada ao longo de quatro capítulos. No primeiro capítulo, *Uma experiência de mediação contada aos retalhos*: a história do CLIC, são descritas as ações ocorridas no interior do Centro de Extensão Universitária da PUCRS, localizado na Vila Nossa Senhora de Fátima. Estudos que discutem questões pertinentes à literatura, à leitura, ao leitor e à mediação de leitura são apresentados e nos ajudam a refletir sobre a tarefa de conquistar leitores.

No segundo capítulo, *Na rua, no meio do redemoinho*: o CLIC em outras veredas, é narrada a saída do projeto para além dos portões da Vila Fátima, versando sobre o pacto estabelecido com as escolas Colégio Marista Champagnat,

escola particular, situada no interior da PUCRS; Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopoldo Teitböhl, localizada em um bairro de classe média de Porto Alegre; Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto, fixada na periferia da cidade. A parceria com a instituição Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (antiga FEBEM), que abriga menores infratores, também é mencionada. Textos teóricos voltam a entrecortar a narrativa, em diálogo com as experiências relatadas.

No terceiro capítulo, *Ecos que acompanham o caminhar de quem atua no CLIC: a voz dos mediadores*, é construído o percurso de cada integrante da equipe a partir da transcrição da entrevista. Os participantes tiveram total liberdade na hora de responder ao questionário. Isso faz com que alguns relatos sejam breves e outros sejam longos. Não interfeiri nos relatos breves, pois, provavelmente, foram ocasionados pela pouca experiência dos integrantes no projeto. No entanto, dois dos mediadores que participaram da fundação do CLIC, Marília Papaléo Fichtner e Luís Pedro da Rosa Fraga, tiveram suas entrevistas complementadas com dados presentes nos relatórios de pesquisa, de forma que a importância de cada um no CLIC não ficasse desmerecida pela exigüidade de suas respostas. Minha voz aparece, entrecortando todos os relatos; de que forma faço isso, você vai saber depois da leitura do capítulo.

No capítulo conclusivo deste estudo, *Para que se perpetue a felicidade clandestina: reflexões sobre mediação de leitura*, os resultados obtidos nas análises, interpretações e cruzamentos das entrevistas, são sintetizados, de modo a responder as seguintes questões: Como é a história de leitura de um mediador? Com base na trajetória de cada um, o que deve ser seguido para formar leitores e o que deve ser evitado? Como são formados os mediadores de leitura? Como atua um mediador? Todas as respostas foram encontradas a partir na realidade do CLIC.

Dessa forma, é possível contribuir com parâmetros para a formação e atuação de mediadores, que possam ser seguidos por outros grupos envolvidos na promoção da leitura.

No mais, devo dizer que cada capítulo desse estudo traz à tona um pouco dos livros que não sabem que eu existo, mas que são parte de mim. Registrando a história do CLIC, eu o transformo em uma dessas narrativas, compostas por palavras que me expressam e que vão me dizer para sempre.

1 UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO CONTADA AOS RETALHOS: A HISTÓRIA DO CLIC

...Afastei-me do fio narrativo e agora devo retomá-lo, se é que existe algum fio nestas minhas divagações. Eis o que é nostalgia: uma dança lenta e circular. As lembranças não se organizam cronologicamente, são como fumaça, de tal modo mutantes e efêmeras, que se não tratarmos de registrá-las no papel desaparecerão no esquecimento...

(Isabel Allende – *Meu país inventado*)

Quando Emília, personagem criada por Monteiro Lobato, teve de escrever suas *Memórias*, não sabia por onde iria começar. Ao ditar o texto para o Visconde de Sabugosa, chegou a sugerir que seu livro iniciasse por seis pontos de interrogação. No momento, compartilho com a boneca, que despertou em mim a paixão pela leitura, da dificuldade de começar a escrever uma história cujo amor pelos livros é o pano de fundo: a história do CLIC.

Começando pelo que poderia ser o final, eu diria que o CLIC me transformou ao longo desses anos. Pertencer a um grupo é uma experiência importante, significa aprender a conviver com pensamentos muitas vezes divergentes. Por isso mesmo, eles ensinam novas formas de ver. E não será essa também a grande lição da leitura, o hábito que esse grupo se propõe a divulgar e a formar? Para responder a essa pergunta, façamos um passeio pelos estudos de sociologia da leitura,

ênfatizando, no *corpus* selecionado, questões pertinentes à literatura, à leitura, ao leitor e à mediação de leitura, propriamente dita. Nos atalhos do caminho, a história do CLIC vai sendo contada...

No livro *Literatura e sociedade*, Antonio Candido afirma que a obra de arte é social, pois produz nos indivíduos um efeito prático, modifica sua conduta e concepção de mundo, ou reforça neles o sentimento dos valores sociais. Para o autor, o objeto artístico, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, através da qual propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres e os sentimentos. Cabe salientar que a gratuidade é um componente mencionado como indispensável à produção artística, incorporada não só à intenção do autor no momento da criação, como também à postura do receptor na hora da apreciação.

Robert Escarpit, em *Hacia una sociologia del hecho literário*, também relaciona a obra de arte ao social. Em busca de uma definição para o literário, parte da teoria expressa por Lucien Goldmann. De acordo com Goldmann, a literatura se compõe de textos que organizam o imaginário segundo estruturas homólogas às estruturas sociais de situação histórica. Segundo Escarpit, a questão proposta por Goldmann está centrada no texto, mas o texto só se realiza quando o leitor lhe confere um sentido, por esse motivo, vê a necessidade de repensar a definição do literário, a partir da relação entre o produtor e o receptor da obra. O autor assevera que, diante de um texto trabalhado de forma artística, o leitor tem a liberdade de injetar conteúdos novos durante sua decodificação. Tal fato ocorre porque a obra literária tem uma disponibilidade para a traição de seu sentido original, e não deixa de ser ela mesma, caso esse sentido seja modificado nas sucessivas leituras:

...É literária a obra que possui uma determinada “aptidão” ou “receptividade para a traição”, uma disponibilidade que faz com que seja possível que, sem deixar de ser ela mesma, possa comunicar em outra situação histórica, algo diverso do que comunicava em sua situação original. Certamente tal disponibilidade não é inesgotável. As obras que denominamos “eternas” são aquelas em que o seu conteúdo latente ainda não está esgotado. Assim, se pode afirmar que, quanto mais literária for uma obra, mais ela amplia sua disponibilidade e, conseqüentemente, sua capacidade de comunicação. (p.31 – tradução minha).

Em *Sociologia del arte*, Arnold Hauser comunga com Escarpit da opinião de que a obra de arte produzida pelo autor difere daquela consumida pelo receptor. Discorda, no entanto, da inocuidade da alteração do sentido original, pois acredita que, no momento em que a realização artística perde sua intenção primária, perde também o seu efeito emancipador. Para Escarpit, a recepção de uma autêntica obra de arte não é uma tarefa fácil, requer maturidade, concentração e sensibilidade, mas a dificuldade guarda uma recompensa, pois quando o sujeito entra em contato de forma verdadeira com o objeto artístico, experimenta uma melhor compreensão do mundo e de si mesmo. Acompanhar outros destinos em um texto literário, por exemplo, põe o leitor frente a frente com a problemática de sua existência.

Uma vez que as obras de arte verdadeiras são complexas demais para os não iniciados, Escarpit aponta a necessidade de mediação. A mediação torna-se indispensável em dois casos: diante de obras com qualidade superior e diante de um público com baixo nível de instrução. O observador ignorante, nas palavras do autor, vive a obra como realidade; enquanto o observador crítico percebe o objeto artístico como produto do talento criador e de sua faculdade de imitar, transformar e interpretar o mundo.

Em *A economia das trocas simbólicas*, Pierre Bourdieu aprofunda a relação entre o baixo nível de instrução e a dificuldade de apreciação de objetos artísticos. O

autor “divide” as produções culturais em duas categorias: os produtos da indústria cultural e as obras de arte erudita. Os primeiros são mais ou menos independentes do nível de instrução dos receptores, visto que são pensados de maneira a atender a expectativa do grande público. As obras de arte erudita, no entanto, exigem habilidades específicas para a sua decodificação, devido à complexidade de sua estrutura. As condições favoráveis para a apreensão do objeto artístico não são as mesmas para todas as classes sociais; por isso esses objetos são exemplos de bens simbólicos¹. Assim, freqüentar uma boa escola e pertencer a uma família culta faz toda a diferença quando está em questão a compreensão das obras de arte erudita, entre elas, os textos literários. O acesso à cultura dominante e o entendimento das formas artísticas que dela fazem parte são poderosos meios de distinção social.

A produção erudita, de acordo com o estudioso, necessita de instâncias capazes de conservar o seu patrimônio, os museus e as bibliotecas, por exemplo; e de instâncias especializadas para preparar o receptor para apreciação do objeto artístico, sendo a principal o sistema de ensino. A qualificação do público para a avaliação do objeto artístico, todavia, não ocorre em todas as escolas. Conforme o autor, a instituição escolar cumpre a função de distinção das classes, uma vez que veicula um sistema de categorias de percepção, de linguagem, de pensamento e de apreciação das produções artísticas, apenas para as classes cultivadas. As classes populares recebem uma educação bastante inferior, que não lhes oferece como prioridade o contato com a arte.

¹ Para o autor, uma classe não pode ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social, ou seja, pelas relações que mantém com outra classe. Além do poder econômico, as classes sociais se distinguem pela posse e pela maneira de usufruir os bens simbólicos, entendidos como traços distintivos que deixam transparecer claramente a posição diferencial dos agentes na estrutura social, tais como a roupa, a linguagem, o bom gosto e o acesso (ou a falta de acesso) à cultura letrada.

Antonio Candido, em um artigo denominado O direito à literatura, defende a tese segundo a qual o contato com a arte — mais especificamente, com a literatura — é tão prioritário, que deveria entrar na pauta das discussões a respeito dos direitos humanos:

...A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (...) Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (p.173).

Para Candido, quem pensa em direitos humanos, parte de um pressuposto: o que é indispensável para mim, também é para o próximo. Se é certo que uma pessoa deve ter assegurada a possibilidade de viver de forma íntegra, no que concerne ao atendimento de suas necessidades básicas de sobrevivência; é certo, ainda, que essa pessoa deve ter a chance de usufruir dos direitos que lhe assegurem a integridade espiritual, tais como o contato com a literatura e com a arte em geral.

Conforme o estudioso, ao criar uma obra literária, o autor propõe um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Diante de tal construção, o leitor torna-se mais apto a ordenar sua própria mente e os seus sentimentos e, em consequência disso, mais capaz de organizar a sua visão de mundo. O resultado final desse processo é o enriquecimento da personalidade e a humanização, definida por Candido da seguinte forma:

...Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a

percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (p.180).

O processo de humanização precisa de ser possibilitado a todos a partir de uma distribuição mais justa de produtos culturais. Quem luta pelos direitos humanos, luta por uma sociedade igualitária. Nela, os produtos artísticos circulam sem barreiras. Se a classe erudita pode ter acesso à cultura popular, a classe popular deve poder ter acesso à cultura erudita.

Em *Cidadania cultural*: o direito à cultura, Marilena Chaui chama atenção para as categorias qualitativas de diferenciação entre cultura popular e erudita. Tomada por mais complexa, mais vanguardista e mais voltada para o futuro em relação à cultura popular, a cultura erudita torna-se hermética. Enquanto o artista popular exprime o que se passa no seu ambiente e é compreendido de imediato pelos que estão à sua volta, na arte erudita, o autor cria novas formas de expressão. Nesse sentido, sua obra se torna incompreensível a um público não iniciado.

Chaui apresenta tal distinção para, em seguida, subvertê-la. Apoiada nas idéias de Antonio Gramsci, a autora propõe que o conceito de arte popular seja repensado. De acordo com o novo conceito, popular não é a obra menos complexa, mas aquela na qual idéias, situações, sentimentos, paixões e anseios universais são reconhecidos, identificados e compreendidos pelo povo. A obra de Shakespeare é citada como exemplo. Também é popular um texto em que artistas, tais como Victor Hugo e Tolstói, conseguem captar, no saber e na consciência do povo, instantes de revelação. Significa, ainda, aproveitar situações produzidas pelas condições de vida e transformá-las em temas de crítica social, tal qual fez Dostoiévski. Por fim, denota

ligar-se aos sentimentos da massa, com o objetivo de exprimi-los. Nesse último caso, não interessa o valor artístico da produção, haja vista o melodrama e o folhetim, citados como exemplo. O real mérito dessas narrativas é a capacidade de fazer sonhar.

Julgo interessante o alargamento do conceito de popular, ao qual a autora adere. No entanto, se tais escritores, quer por tratarem de temas universais, quer por encararem o mundo com olhos que simpatizam com questões pertinentes aos menos favorecidos, aproximam-se do povo, afastam-se desse leitor, quer pela linguagem utilizada em seus textos, quer pela extensão de suas obras. A leitura de Dostoiévski, por exemplo, exige preparo e fôlego. Na minha opinião, os títulos desses autores, por serem clássicos, são naturalmente (pré) conceituados pelo grande público como “leituras difíceis”. Portanto, eles necessitam da indispensável interferência do mediador de leitura, a fim de chegarem aos (não) leitores da classe popular.

Em *Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura*, Michèle Petit disserta sobre o papel dos mediadores. Para a autora, o trabalho dos iniciadores de leitura é imprescindível sempre que o contato com o livro não faz parte da realidade do público a ser atendido. Quando um jovem provém de uma localidade onde predomina o medo ou o descaso em relação ao objeto escrito, o mediador pode criar, legitimar e autorizar o desejo de ler ou de aprender:

...O gosto pela leitura pode não surgir da simples convivência com os livros. Um saber, um patrimônio cultural e o acervo de uma biblioteca podem não ter significado algum se nada lhes conferir sentido. Para alguém que se sente pouco autorizado a aventurar-se na cultura letrada devido a sua origem social ou devido à falta de convívio com bens culturais, o encontro com um mediador é essencial. (p.160 – tradução minha).

O mediador não é apenas quem aproxima o jovem do livro, mas quem acompanha sua trajetória de leitura, ajudando-o a vencer barreiras. Para Petit, um leitor em processo de formação encontra muitos obstáculos que podem fazê-lo desistir do contato com o texto. Qualquer um desses entraves — passar da seção infantil para a juvenil, da seção juvenil para a adulta, experimentar outros tipos de narrativa, outras formas de leitura — pode reativar uma relação de repulsa diante do objeto escrito.

Já que me refiro à repulsa pelo objeto escrito, é bom lembrar que uma interferência equivocada por parte do mediador pode afastar definitivamente o leitor. Um erro muito comum a mediadores, principalmente professores e bibliotecários, atuantes em comunidades periféricas, é priorizar a leitura “útil” – ou seja, aquela que supostamente serve de forma imediata para o estudo ou para a busca de emprego. Outro equívoco freqüente é a indicação exclusiva de leituras “fáceis”, de baixa qualidade literária, que não proporcionam a chance de experimentar a dimensão essencial da leitura - seu papel na formação da intimidade, do descobrimento, da construção e reconstrução de si mesmo. Conforme Petit:

...O que determina a vida do ser humano é, em grande medida, o peso das palavras ou o vazio da sua ausência. Quanto mais capaz alguém é de nomear o que vive, mais apto será para vivê-lo e para transformar o que foi experimentado (...). A leitura pode ser, em todas as idades, um caminho privilegiado para construção de si mesmo, para pensar sobre si, para dar sentido às próprias experiências e à própria vida, para dar voz ao sofrimento, para dar forma aos desejos e aos próprios sonhos. (p.74 – tradução minha).

De acordo com a autora, ao nos identificamos com um texto, tanto nossa verdade vem à tona, como a essência do sentimento humano que compartilhamos com os demais. Tal fato modifica nossa relação com o próximo. Ler não nos exila do mundo, como pode parecer. Ler nos introduz no mundo de forma diferente. O mais

Íntimo nos põe em contato com o que é universal. Por isso, os jovens que lêem literatura, de maneira geral, são também os que têm maior curiosidade pelo mundo real, pela atualidade e pelos temas sociais. Ao proporcionar o encontro com o livro, o mediador abre os olhos do leitor em duas direções: para dentro e para fora de si.

Na obra *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*, Michèle Petit volta a abordar a relevância do trabalho de mediação. Para a autora, os iniciadores de livros devem estimular crianças e adolescentes a uma maior familiaridade com o texto escrito. Para a efetiva concretização dessa ocorrência, os mediadores devem transmitir suas paixões e suas curiosidades. É importante também que eles ofereçam ao público atendido a possibilidade de encontrar, entre as obras de hoje e de ontem, aquelas que vão lhes falar de modo muito particular.

Escutando o relato de leitores que se (re)encontraram em algum texto, Petit interpreta o ponto convergente desses depoimentos — a evocação a um trabalho psíquico, de sonho e de pensamento, que resulta na elaboração de uma posição de sujeito:

...De um sujeito que constrói sua história apoderando-se de fragmentos de relatos, de imagens, de frases escritas por outros. De um sujeito que a partir dessas leituras tira forças para ir a um lugar diferente daquele ao qual parecia destinado. Se determinado livro ou determinada sentença foram importantes nesse processo é porque permitiram que esse sujeito se reconhecesse e se sentisse no direito de ocupar um lugar, no direito de ser como é. (p.48 – tradução minha).

Em uma realidade que oferece poucas perspectivas, a necessidade de elaborar uma condição de sujeito, parece ainda mais urgente. Construir-se ou descobrir-se a partir de um espaço íntimo é dar um passo importante em direção a outras conquistas, inclusive sociais. Por isso, a inclusão cultural se faz tão premente.

Guido de Ridder, em artigo denominado *Médiateurs du livre: animateurs ou missionaires?*, afirma que uma das formas de realizar a inclusão cultural é disponibilizar o acesso ao livro nas comunidades periféricas. Tal tarefa ficaria a cargo do mediador de leitura. Realizando um trabalho de formação de mediadores em áreas populares da França, o autor entende por mediação cultural todos os atos voltados à facilitação da apreensão de obras artísticas ou científicas, quer seja por uma aproximação sensível, intelectual ou técnica. O mediador pode ser conferencista, responsável por oficinas de crianças ou adultos, bibliotecário, guia, etc. Entretanto, Ridder destaca a importância de o mediador fazer parte da comunidade em que atua. Ele deve conhecer a exclusão por experiência e ser reconhecido pelo público-alvo do projeto como um dos seus para que possa ser o elo entre o meio desfavorecido e a cultura letrada.

Ciente da dificuldade de acesso à cultura letrada nas comunidades periféricas e da importância de encontrar apoio dentro da comunidade para realização de uma ação de leitura, o CLIC² foi criado em 1997 por Vera Teixeira de Aguiar. Nas dependências do *Centro de Extensão da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*, na Vila Nossa Senhora de Fátima, um grupo de alunos da Graduação e da Pós-Graduação da Faculdade de Letras passou a atuar em parceria com o líder comunitário local, Luís Pedro da Rosa Fraga, ministrando, diariamente, oficinas³ de leitura pela manhã e pela tarde para crianças matriculadas no ensino público, atendidas em horário extraclasse. A opção de atendimento em um período

² Na época, o CLIC era conhecido como Centro de Literatura Interativa da Comunidade. Em 2007, passamos a adotar somente a sigla CLIC para designar o projeto.

³ Desde então, as oficinas ocorrem, de segunda-feira a sexta-feira, nos turnos da manhã e da tarde, com duração de 1h e 30 min, sob responsabilidade de um mediador, que atende grupos de 08 a 12 crianças. Cada grupo de crianças, com idade de 7 a 14 anos, participa das oficinas semanais ao longo do ano, o que permite um contato contínuo com o capital cultural oferecido pelo espaço do CLIC no tocante a livros literários, revistas infantis, quadros artísticos, música, vídeo e computador.

não vinculado ao turno escolar encontra justificativa no reconhecimento da importância de se realizar um trabalho lúdico com os textos literários, nos quais a gratuidade ficasse evidente para os frequentadores, de todas as formas possíveis.

Comentando a relação nem sempre feliz entre a literatura e a escola, Ítalo Calvino, em *Por que ler os clássicos*, ressalta que as instituições de ensino têm a obrigação de possibilitar ao leitor o acesso a certo número de obras literárias. Contudo, para Calvino, não é dentro dessas instituições que o encontro verdadeiro entre leitor e obra acontece. O que possibilita esse encontro, que faz com que o leitor entenda melhor a si mesmo, é a gratuidade do ato de ler.

Advogando em prol da leitura por prazer, Gérard Mauger, em artigo denominado *Os usos sociais da leitura*, assegura, com base em dados de uma pesquisa por ele realizada, que as lembranças de leituras escolares costumam ser vagas ou ausentes. Por esse motivo, o autor reconhece os benefícios da leitura de evasão, realizada, normalmente, fora do ambiente escolar. A leitura evasiva proporciona ao leitor a emigração mental para um mundo fictício, do qual ele volta modificado. Conforme o autor, o engajamento imaginário do receptor do texto em uma outra vida, joga com a distância entre a familiaridade e a estranheza, o conhecido e o desconhecido, o possível e o impossível. Através de uma situação fictícia, a leitura literária induz ao aprendizado do mundo e de tudo relacionado ao que é humano. O estudioso ressalta o poder que a escrita tem de organizar o pensamento. Por conta desse poder, não são raros os casos de leitores seduzidos por textos cujas descrições parecem presentificar situações nas quais eles já haviam pensado, mas não sabiam como formular.

Essa sensação de identificação provocada pela leitura, que deixa a impressão de que o texto está se dirigindo ao receptor de modo muito particular, é descrita por Alberto Manguel em *Uma história da leitura*. Nas palavras do autor, para os leitores, deve haver um milhão de autobiografias, pois eles encontram, livro após livro, traços de sua vida.

Falando em autobiografia, voltemos à história do CLIC, que, de alguma forma, guarda traços de minha história (mas nesse momento, isso é só uma associação perdida, tal qual pedra, no meio do caminho). Suspendi a narrativa que vinha sendo contada, ao relatar a origem do projeto, para mostrar a relevância da gratuidade no trato das questões literárias, base do trabalho implantado na Vila Fátima, e que encontra apoio em diversos teóricos. Isso posto, é hora de conhecer melhor as ações que compõem o CLIC.

A atuação do CLIC desdobra-se em duas frentes: de um lado, visa à formação dos futuros professores de Letras, ao proporcionar uma experiência de mediação que os aproxima da realidade brasileira e, de outro, propõe-se a desenvolver o gosto pela leitura em crianças que vivem em uma comunidade periférica, onde o contato com o livro não é freqüente.

Uma vez que o convívio com o livro não faz parte do dia-a-dia das crianças, tudo que está por trás das ações do projeto é pensado de forma a atraí-las para o encontro com a leitura e com os bens culturais letrados. A decoração da sala onde se realizam as oficinas é um exemplo dessa afirmação. No espaço em questão, as mesas foram forradas com ilustrações de catálogos de editoras de livros infantis. Em um ambiente onde a leitura é a palavra-chave, até as mesas, objetos utilitários por excelência, guardam mensagens a serem desvendadas. Os freqüentadores não

ficam indiferentes ao apelo por decodificação; uma atitude comum entre eles é a comparação espontânea entre o “acervo” ilustrativo das mesas e os volumes que compõem a biblioteca do CLIC. Sabendo disso, continuemos nossa *tour* pela sala.

Em uma das paredes, reproduções de obras de arte ficam expostas. De tempos em tempos, as gravuras são trocadas, para que as crianças possam ter contato com um número significativo de pintores e telas ao longo do ano. Quadros bastante familiares para os monitores são totalmente desconhecidos pelo público-alvo do projeto. Exemplo comprovante da circulação deficiente do capital cultural erudito entre a classe popular. Cabe salientar, no entanto, que, diante do material artístico, a reação das crianças é de interesse, curiosidade e admiração. Certa vez, uma garota ficou encantada com um quadro de Renoir e me pediu informações sobre o pintor. Quando soube que o autor já havia falecido, realizou a leitura do acontecimento a partir de sua realidade e perguntou: “morreu de morte morrida ou de tiro?”. Mesmo que uma dura realidade preencha as entrelinhas do material disponível para ser lido, acreditamos que a leitura seja um instrumento de transformação individual e social, capaz de alterar os contornos de um cotidiano de poucas perspectivas.

Falando em contornos, voltemos à descrição do espaço físico do CLIC. As demais paredes da sala são reservadas para a exposição dos trabalhos produzidos pelas crianças durante as oficinas. Varais se encarregam de sustentar grande número de desenhos, poemas e narrativas. A socialização das atividades desperta a atenção dos visitantes para determinados títulos, uma vez que as tarefas expostas são produtos da reflexão realizada a partir da leitura de obras literárias. Do colorido da sala, obtido pelas matizes da forração das mesas, pelas reproduções de obras de

arte e pela exposição das realizações das crianças nas oficinas, passemos à descrição dos demais objetos que a compõem.

Também fazem parte do mobiliário uma biblioteca com aproximadamente mil e quinhentos livros, que ficam à disposição dos mediadores e das crianças no decorrer das oficinas; televisão com aparelho de dvd, utilizada para exibição de filmes, a fim de serem relacionados com títulos literários; quatro computadores, usados tanto para a exploração do universo virtual, quanto para a realização de atividades lúdicas a partir da leitura de obras literárias; impressora, para imprimir os trabalhos realizados no computador; scanner, para cópia de materiais que possam enriquecer visualmente as atividades realizadas; um painel magnético, para exposição de reproduções de obras de arte; máquina fotográfica digital e gravador portátil, ambos utilizados pelos mediadores para registro das oficinas e de Encontros Culturais.

Essa história que conto tem idas e vindas. Sendo assim, resgato as origens do projeto. A implantação de uma ação de formação de leitura, utilizando o computador como aliado, esteve na base da idéia inicial que gerou o CLIC. Por esse motivo, a sigla faz referência a uma ação tão comum aos usuários de computador: o toque no *mouse*. A utilização do meio eletrônico na realização de atividades propostas a partir da leitura literária possibilitou que várias crianças da Vila Fátima tivessem o primeiro contato com o computador e aprendessem as primeiras noções sobre informática nas oficinas do CLIC. Cabe salientar que o líder comunitário local também se familiarizou com o uso do computador graças ao CLIC. Tal fato denota mais uma conquista importante do grupo, referente à circulação de capital cultural.

Aos mediadores, o computador ainda reservava outros desafios...Diante da constatação de que a maior parte dos *softwares* pensados a partir de textos literários não é satisfatória no trato com a literatura, o grupo passou a se reunir em torno de um novo objetivo: o desenvolvimento de unidades virtuais de ensino, fundamentadas em aspectos da Teoria Literária, ressaltando o prazer de ler e o contato lúdico com a palavra. A primeira unidade foi gerada a partir do poema *O velho que trazia a noite*, de Sérgio Capparelli. Por trás de cada atividade lúdica proposta, as idéias de Roman Ingarden conduzem o leitor.

Em *A obra de arte literária*, Roman Ingarden apresenta os estratos que compõem todas as obras de caráter literário: o estrato das formações fônico-lingüísticas, o estrato das unidades de significação, o estrato das objetividades apresentadas e o estrato dos aspectos esquematizados. Esses estratos são heterogêneos, distintos entre si pelo seu material característico e pelas funções que desempenham em relação uns aos outros e em relação a toda obra. Assim, a obra literária resulta em um todo articulado e uno, mas também polifônico, pois cada estrato é visível, tem qualidades múltiplas e contribui para a composição geral do conjunto.

Em nossa unidade, explorando o texto de Sérgio Capparelli no suporte virtual, a criança realiza atividades lúdicas que enfatizam o estrato fonológico da obra. Em uma das telas, por exemplo, o poema aparece acompanhado pelo desenho de um rádio. Ao clicar nos botões do aparelho, a *Rádio Pernetá* entra em ação, mostrando seu repertório, composto por seis canções bem distintas. A criança terá de “casar” cada estrofe do poema a um determinado tipo de som. Na brincadeira proposta, não existe “certo e errado”. Cada aluno irá associar as músicas às sensações

experimentadas ao longo da leitura.

É importante salientar que a unidade de ensino criada também prevê a utilização da ferramenta pelo professor ou pelo adulto. Por esse motivo, um *link* presente em cada tela, explica o porquê de cada atividade exposta. Ao ter de identificar ritmos distintos em cada estrofe, por exemplo, a criança está sendo levada a perceber que a mudança rítmica aponta para uma alteração de sentido no texto. Nossa idéia foi mostrar que o estrato fonológico não está restrito a pequenas questões gramaticais. Ao contrário, ele contribui para a construção do significado do poema.

Depois dessa unidade, realizamos uma a partir do livro *Tecelina*, escrito por Gláucia de Souza e ilustrado por Cristina Biazetto. O aprendizado na construção do módulo anterior enriqueceu o trabalho. A história de *Tecelina*, adaptada para a leitura no computador, segue um modelo não linear de leitura. O leitor faz escolhas que o remetem para partes diferentes do texto, “recortadas” de modo a não comprometer o desenvolvimento da narrativa. Cabe salientar que, independente do caminho determinado a partir dos *links* escolhidos, o usuário sempre chegará ao fim da história.

Tecelina é uma narrativa de vida relatada na terceira pessoa. Vinda de uma família na qual todos cumpriam o mesmo destino, tricotando de maneira idêntica, a protagonista rompe com essa tradição e passa a tecer ao contrário. O ato de tecer perpassa toda a narrativa, associado metaforicamente à ação de contar. Tecelina encanta a todos pelo seu modo peculiar de unir retalhos, não só de lã, mas também de histórias. Diante disso, podemos dizer que o texto é metalingüístico, visto que conta uma história, cujo tema é, no fundo, a arte de tecer histórias. Nesse sentido,

as atividades associadas à unidade também incidem sobre essa arte. Para tanto, elas enfatizam os elementos essenciais da narrativa — tempo, espaço, personagem — bem como sua própria estrutura, de modo a permitir que a criança, após internalizar esse conteúdo, seja estimulada a contar sua história de vida. Para exemplificar a asserção, escolhemos um exercício, comentado a seguir.

Na atividade em questão, a criança depara-se com fotografias das personagens e com dois quadros. Em um deles, está escrita a frase: *o que é tecido é presente*. No outro, está a sentença: *o que foi tecido é passado*. O usuário tem a possibilidade de arrastar as fotografias para o presente ou para o passado, conforme sua vontade. No *link* para o professor ou para o adulto, encontra-se a explicação concernente à elaboração dessa brincadeira. O texto mostra que, em uma narrativa literária, existem duas histórias sobrepostas: a história aparente e a história cifrada, conforme Ricardo Piglia, em *O laboratório do escritor*. A recorrência de determinados elementos na história aparente nos dá pistas para compreender a história cifrada. Ao longo de *Tecelina*, por exemplo, uma frase se repete: *o que foi tecido é presente*.

Na leitura aparente, essa sentença remete ao ato de tecer, uma vez que é proferida sempre que uma mulher da família, prestes a casar, recebe seu enxoval. Na leitura cifrada, essa expressão está ligada ao cumprimento de uma sina familiar, na qual todas as mulheres repetem o mesmo destino. Essa interpretação vai ser reforçada pela ação contrária da protagonista. Ela rompe com um fado pré-determinado, pois ao invés de dizer que *o que foi tecido é presente*, afirma que *o que foi tecido é passado*.

Ao propor, a brincadeira com as frases *o que foi tecido é presente* e *o que foi tecido é passado*, o leitor arrasta as figuras para um ou outro quadro e percebe a

modificação causada nas personagens pelo tempo, estabelecendo relações temporais a partir das sentenças. Portanto, por meio de um jogo lúdico, no qual não existe certo ou errado, estamos dando pistas de que existe uma nova possibilidade de leitura, a leitura cifrada.

Na oficina intitulada Literatura e Computador, as unidades de ensino produzidas pelo grupo eram aplicadas junto às crianças da Vila Fátima. Foi essa a primeira oficina ministrada por mim no CLIC. Na época, não tínhamos conquistado a sala que passei mais de uma página a descrever. Trabalhávamos em um espaço concedido à Faculdade de Informática, onde eram oferecidos cursos de computação para jovens e adultos da comunidade. A cada dia que chegávamos para ocupar o local com o grupo do CLIC, descobríamos que nossas unidades de ensino haviam sido deletadas, pois desviavam a atenção dos ingressos no curso técnico. Hoje já conseguimos rir dessa história. Nessa ocasião, a intervenção do CLIC na comunidade gerou uma demanda grande de interessados em ambos os times envolvidos no processo: o das crianças e o dos mediadores. A repercussão positiva do trabalho foi um fator determinante na conquista de um espaço próprio.

Em 1998, já de casa nova, o CLIC passou a oferecer, além da Oficina de Literatura e Computador, muitas alternativas para os participantes: Literatura e Contação de Histórias, Literatura e Imagem, Literatura e Teatro, Literatura e Artes Plásticas, Literatura e Biblioteca. É importante ressaltar que as novas oficinas foram criadas a partir das aptidões dos novos mediadores, integrantes no grupo. Todos tinham – e têm até hoje – a liberdade de estabelecer um diálogo entre literatura e alguma outra linguagem, desde que a literatura fale mais alto nessa conversa. O livro, portanto, é o foco de todas as atividades. Também é indispensável que diversos gêneros literários (contos de fadas, lendas, fábulas, novelas, romances,

poemas, drama) sejam explorados ao longo dos encontros, possibilitando o conhecimento das peculiaridades de cada tipo de texto, que exigem habilidades de leitura diferenciadas.

Nosso passeio nos leva agora ao conhecimento de cada uma das oficinas oferecidas. Literatura e Contação de Histórias é uma atividade que explora universos orais de entoação ao contar a história e aproxima a literatura das vivências socioculturais da criança. A partir da contação, com o apoio das imagens dos livros à disposição do público, e de outros recursos, recupera-se o sentido mágico da literatura, cooptando o leitor pelo caráter afetivo presente no texto literário. Não só nessa oficina, como também nas demais, as crianças são solicitadas a criar novas histórias e poemas a partir da leitura realizada pelo mediador. Ao assumir a autoria de um texto, os pequenos leitores desenvolvem a criatividade e exercitam a escrita. Armando Petrucci, em artigo intitulado *Ler por ler: um futuro para leitura*, salienta a relevância da prática da escrita nos processos educativos. Para o autor, a escrita tem sido deixada de lado por ser uma capacidade individual e totalmente livre, que instiga o indivíduo a produzir o texto que ele bem entenda, estando além do controle e da censura.

Literatura e Imagem é um encontro em cujo centro está o livro literário em interface com a ilustração. Dessa forma, o diálogo entre texto e imagem estabelece uma nova percepção do objeto livro, originando uma leitura mais ampla. A oficina prevê, também, atividades com livros de imagem que apresentam narrativas gráficas a serem transpostas para outros códigos. Uma constatação significativa a partir desse trabalho foi o êxito na utilização dos livros de imagens para o auxílio da compreensão da estrutura narrativa. Crianças com imensa dificuldade em produzir histórias com início, meio e fim, passaram a desenvolver textos coerentes depois de

efetuar um trabalho para o qual era solicitada a escrita de uma história, antes contada só pela imagem.

Em Literatura e Teatro, partindo da leitura da obra literária, a criança é convidada a fazer uma releitura do texto, criando esquetes e pequenas peças que, a par de valorizar o prazer de ler, revelam aspectos de suas vivências na comunidade. Segundo uma mediadora atuante nessa oficina, um dos fatos reveladores da realidade existencial da criança na Vila, encenados no teatro infantil, foi a transformação de Chapeuzinho Vermelho, com sua cesta, em uma esmoleira. O conto foi ressignificado pela criança a partir de sua vivência.

Nos encontros de Literatura e Artes Plásticas, os participantes reconstruem os sentidos do texto, aproveitando objetos de sucata, bem como todo o material que seja pertinente às artes plásticas. Através desses recursos, é possível estimular na criança a exposição de sentimentos suscitados pela obra, revelando novas possibilidades de, plasticamente, transformar e ressignificar uma situação existencial.

Em todas as oficinas até aqui descritas, o monitor, ao chegar ao encontro, instiga a turma de forma lúdica, a fim de despertar o interesse pelo tema da obra a ser lida; em seguida, forma uma roda de leitura para que a história seja contada. Após a contação, a conversa sobre a obra sugere ao grupo que estabeleça relações não só com suas vivências, mas também com outras leituras realizadas anteriormente. Uma atividade é então proposta, com vistas a formar um vínculo entre a linguagem literária e a linguagem que nomeia o encontro (teatro, artes plásticas...). No encerramento, os trabalhos realizados pelos participantes são

socializados. A forma de socialização varia de acordo com a oficina: leitura das produções escritas, exposição de desenhos, apresentação de esquetes teatrais, etc.

Os passos descritos acima não acontecem na oficina Literatura e Biblioteca, criada para oportunizar ao leitor a manipulação do acervo, de forma livre, escolhendo a obra que pretende ler. O mediador responsável pela biblioteca do CLIC tem consciência de que seu papel vai além do cuidado com o material de leitura. Também cabe a esse educador acompanhar as escolhas dos participantes, com vistas a conhecer melhor o perfil dos leitores. Estabelecida a proximidade com os visitantes, é possível auxiliá-los em suas escolhas; criar estratégias para alargar seu horizonte de preferências; promover encontros para conversa sobre determinados títulos, enfim, realizar toda e qualquer atividade que tenha por princípio a dinamização do acervo.

Em artigo denominado *Espaços de leitura: projetos, conteúdos e animação cultural*, Eloy Martos Nuñez critica a postura tradicional dos bibliotecários escolares, que agem muito mais como distribuidores impessoais de material do que como agentes dinamizadores do acervo. A forma burocrática adotada por esses profissionais resulta em conseqüências desastrosas, fazendo com que os alunos procurem a biblioteca somente por obrigação, não associando tal visita a um momento prazeroso. Em geral, os atendentes de biblioteca das escolas não se envolvem na conquista de leitores.

No texto *De acervos e sua dinamização*, Nanci Gonçalves da Nóbrega ressalva que dinamizar acervos para conquistar leitores ultrapassa a tarefa com atividades isoladas e compreende ações como: propiciar ambiências de leitura, por meio da criação de espaços agradáveis; incorporar acervos pessoais e coletivos,

trabalhando, por exemplo, com álbuns de fotografia, com relatos, com depoimentos; enfatizar exercícios com a oralidade e a escuta; brincar com a palavra, organizando festivais, saraus; possibilitar discussões sobre as leituras e ensejar espaço para criação.

Nóe Richter, em *A morte da leitura popular*, comenta a importância do engajamento do profissional que trabalha em bibliotecas na conquista de novos leitores. Para o autor, além de organizar e conservar o acervo, cabe ao bibliotecário conhecer o gosto e as necessidades do público. Se o leitor é quem cria a verdadeira utilidade do livro, o atendente de um espaço de leitura deve propiciar o encontro do livro com o leitor.

Com o intuito de promover a aproximação do leitor com o livro, a biblioteca do CLIC fica com as portas abertas, uma vez por semana, nos turnos da manhã e da tarde, para todas as crianças que participam das oficinas. Durante os encontros, os alunos recebem, se preciso, orientação na escolha do material a ser lido; ficam à vontade para realizar a leitura, deitados nos tapetes e almofadas da sala; encontram auxílio para efetuar pesquisas na internet, para navegar em *sites* literários ou visitar museus virtuais. O encerramento da visita à biblioteca é precedido pela troca de informações entre os participantes a respeito dos textos lidos. O mediador conduz e participa ativamente desse processo. Enquanto as crianças lêem, ele também lê um livro, escolhido no acervo. Não é raro que esse título seja procurado pelos participantes no próximo encontro. Tal fato denota uma grande responsabilidade da qual o mediador deve estar consciente, pois seus gestos educam tanto quanto (ou mais) do que suas palavras.

A criação da biblioteca está atrelada a um evento que, sem dúvida, é uma das páginas mais tristes da nossa história. No primeiro ano de existência do projeto, as crianças, no final dos encontros, escolhiam livros para ler em casa. O material deveria ser devolvido na semana seguinte. Todavia, um número significativo de volumes foi perdido durante esse processo. Para salvaguardar o direito de as crianças continuarem a ler os livros de sua escolha, a oficina Literatura e Biblioteca foi criada. Parte do problema estava resolvido, mas tínhamos a consciência da importância da circulação do acervo na comunidade. A solução estava escondida dentro de uma velha mala...

A Mala de Leitura disponibiliza, mensalmente, um acervo de livros literários e revistas informativas. Fica a cargo do líder comunitário da Vila Fátima, Luís Pedro da Rosa Fraga, garantir a circulação desse acervo⁴. O público da mala não se restringe às crianças do CLIC, já que ela fica à disposição de todos os moradores da comunidade. A seleção dos títulos que compõem o acervo itinerante é definida a partir dos interesses manifestados pelos leitores. Em depoimento publicado no Relatório de Pesquisa do CLIC, referente ao ano de 2006, Luís Pedro Rosa Fraga comenta:

...A mala de leitura tem a sua função social de inclusão da leitura no cotidiano das crianças e adolescentes e seus familiares, dentro da comunidade da Vila Nossa Senhora de Fátima. O livro chega ao leitor de verdade.

⁴ Foi mencionada anteriormente, a importância, apontada por Ridder, de o mediador de leitura, oriundo da comunidade, ser a “ponte” que une a cultura letrada e a periferia. Ao transitar com a mala na comunidade, Luís Pedro faz às vezes de “biblioteca ambulante”. Conhecendo como ninguém as necessidades do público que visa atender, o êxito na conquista de novos leitores fica assegurado.

Fazer com que o livro chegue ao leitor de verdade, realizar a inclusão social pela leitura e possibilitar o acesso aos bens culturais são objetivos comuns aos educadores que atuam no CLIC. A conquista de leitores exige a formação inicial e continuada dos mediadores. Para que isso ocorra, eles se reúnem semanalmente com a coordenadora do projeto. Na primeira parte da reunião, o planejamento antecipado de cada oficina é apresentado e discutido em conjunto pelo grupo, antes de sua aplicação. Na segunda parte, são relatados os resultados obtidos nas oficinas que ocorreram ao longo da semana. Êxitos e problemas são compartilhados, com a finalidade de aprimorar, constantemente, a ação do grupo.

Nessas reuniões, novas idéias para o projeto são bem-vindas, e, em uma delas, os Encontros Culturais foram criados. Os Encontros Culturais são realizados mensalmente e objetivam aproximar autores, ilustradores, cineastas, músicos e outros profissionais ligados à produção cultural das crianças que freqüentam o CLIC. Já participaram dos eventos as escritoras Sissa Jacoby, Gláucia de Souza, Cristina Dias, Viviane Gil, Paula Mastroberti; os escritores Marcelo Carneiro da Cunha e Giordano Gil; as ilustradoras Cristina Biazetto e Laura Castilhos; o cineasta Carlos Gerbase; o cartunista e ilustrador Rodrigo Rosa; o criador de desenhos animados Rodrigo John, entre outros...

Durante o ano, em média, ocorrem nove encontros. Um número bastante significativo, visto que, nem em escolas particulares, os alunos costumam receber a visita de um autor por mês. Antes da realização dos encontros, as crianças são estimuladas nas oficinas a conhecer a produção cultural do artista convidado, para que tenham a oportunidade de dialogar com ele a respeito do seu trabalho. Durante esse diálogo, ao expor suas curiosidades e inquietações a partir do material apresentado pelos autores, as crianças demonstram intimidade com a produção

artística. Em decorrência desse processo, há a apropriação do capital cultural. Percebemos também que o contato com os criadores estimula muito os participantes no tocante à leitura. Depois da visita, os livros dos autores convidados são os mais procurados na biblioteca. Sobre o resultado dos encontros, Vera Aguiar, em entrevista publicada na *Revista Porto & Vírgula*, comenta:

...Essa atividade começou o ano passado⁵ e, a partir dela, noto uma diferença muito grande no comportamento das crianças. Consigo perceber claramente a apropriação de um objeto cultural e de um comportamento cultural por parte delas, que passam a falar dos autores com intimidade, passam a reconhecê-los quando os vêem na televisão e, além disso, aprendem a se comportar, a transitar nesse meio. A primeira autora convidada foi Sissa Jacoby e, quando terminou a atividade com ela, todas as crianças foram pedir autógrafa e se atiraram em cima dela; foi um transtorno conseguir pôr ordem no encontro. Hoje, elas sabem pedir autógrafa, aprenderam a se comportar nesse tipo de situação. Por isso, essa atividade é importante, ela vai colocando essas crianças em contato com a vida cultural para a qual elas não têm o mínimo acesso dentro da comunidade em que vivem.

É importante salientar que os Encontros Culturais integram toda a equipe do projeto, uma vez que os mediadores assistem à visita dos autores junto às crianças. Dividem com elas o prazer de aprender sobre cinema, fotografia, desenho animado; de conhecer as técnicas utilizadas para ilustrar um livro; de ouvir os escritores falando a respeito da criação de suas obras.

O aprendizado constante da equipe envolvida no trabalho, que ocorre durante as reuniões, ao longo das oficinas e atividades e no convívio com a realidade das crianças participantes do CLIC, é multiplicado pelo grupo de diversas formas. Os integrantes do programa costumam ministrar cursos de formação e proferir palestras, apresentar trabalhos científicos em eventos, publicar artigos em livros e

⁵ A atividade teve início em 2003.

em revistas, divulgar o trabalho na imprensa falada e escrita, manter contato com outros grupos de pesquisa para troca de experiências.

Falando em troca de experiências, não poderia deixar de mencionar que, em 2001, a equipe do Mundo da Leitura, da Universidade Federal de Passo Fundo, veio até Porto Alegre para conhecer o CLIC. No turno da manhã, os visitantes participaram de uma palestra na PUCRS para apresentação do projeto e das teorias que garantem o seu embasamento. À tarde, no Centro de Extensão Universitária da Vila Fátima, foi o momento de a equipe liderada por Tânia Rösing “virar criança” para vivenciar oficinas de leitura na prática. Várias eram as opções oferecidas, tal qual ocorre na rotina do CLIC: Literatura e Contação de histórias, Literatura e Computador, Literatura e Música, Literatura e Teatro, Literatura e Imagem. Uma semana depois foi a vez da equipe do CLIC ir até Passo Fundo, visitar o Mundo da Leitura. Lá, conhecemos os fundamentos teóricos que orientam as ações do grupo, experimentamos uma prática leitora e estivemos no Laboratório de Informática.

Ao final do encontro em Passo Fundo, refletimos, com a equipe local, sobre as diferenças e semelhanças entre o nosso trabalho e o deles. As crianças que participam das oficinas do CLIC são atendidas ao longo de um ano, de modo sistemático, em uma sala-ambiente situada no interior de uma comunidade periférica. Em Passo Fundo, as escolas agendam visitas ao Mundo da Leitura, localizado dentro da Universidade, com a finalidade de, ao longo de um dia, os alunos serem estimulados de forma lúdica ao contato com o livro. As diferenças entre os projetos enriqueceram nossos horizontes, apontando distintos modos de se chegar a um caminho comum: a conquista de novos leitores.

Conquistar novos leitores também é objetivo de outro lugar visitado, em abril de 2007, pelos mediadores do CLIC: a Biblioteca Comunitária do Cristal, inaugurada em 2005, por integrantes do Clube de Mães da comunidade local. O espaço de leitura em questão conta com um acervo de aproximadamente quatro mil títulos. As obras são catalogadas por cores — divididas em literatura brasileira, literatura estrangeira, literatura infantil, livros informativos, livros de auto-ajuda — e posicionadas em ordem alfabética na estante. Embora o acervo inicial, formado por dois mil títulos, tenha sido doado pela Biblioteca Municipal Josué Guimarães, hoje em dia, a Biblioteca do Cristal não conta com nenhum tipo de verba pública para a sua manutenção. A coleção vem sendo enriquecida graças à colaboração da comunidade, que se organizou para sair em busca de doações. O público que frequenta a biblioteca inclui crianças, adultos e idosos. De acordo com Eleonora Spinato, uma das responsáveis pelo espaço, as crianças da comunidade preferem a biblioteca comunitária à biblioteca escolar, pois essa última nem sempre está aberta e, em algumas instituições de ensino, cobra taxa de inscrição.

Além de manter as portas abertas aos leitores das imediações, a Biblioteca Comunitária do Cristal realiza momentos de contação de histórias em vilas, parques e escolas das redondezas. Também se preocupa com a circulação do acervo, utilizando, para tanto, uma Mala de Leitura – tal qual fazemos no CLIC. Todas essas informações nos foram repassadas ao longo de nossa estada no local. No final do encontro, a equipe que nos acolheu ficou conhecendo a história do CLIC e recebeu um convite para uma visita (agora, enquanto escrevo, a visita ainda não ocorreu, mas, quando esse texto chegar a suas mãos, certamente, já terá acontecido). Conhecimento multiplicado, voltamos ao CLIC.

Existe uma preocupação de que a multiplicação de conhecimento atinja também as próprias crianças envolvidas. Dessa forma, no futuro, independente da existência do CLIC, elas poderão atuar como mediadores na comunidade. Os alunos que mais se destacam nas oficinas passam a exercer a função de monitores. Pré-requisito básico para a ocupação do cargo é demonstrar amor pelos livros e pela leitura.

Dizem que as regras existem para serem quebradas. Se essa frase não fosse tão antiga, tributaria sua autoria a algum integrante da nossa equipe. Afinal de contas, ao longo desses anos, aprendemos que ter flexibilidade é fundamental para o bom andamento do trabalho. Essa pequena divagação é uma espécie de introdução com o intuito de contar a história do Bruno Inácio Prudente. Ele foi um dos nossos monitores, mesmo sem ser um leitor. O Bruno entrou no CLIC em 1999. Era uma criança agitada e com muita dificuldade de expressão. Ingressou na oficina de Literatura e Teatro e passou por inúmeras outras, pois, mesmo declarando não gostar de ler, nunca teve vontade de abandonar os encontros. O nunca aqui deve ser tomado (quase) ao pé da letra, uma vez que, quando o Bruno completou 14 anos, idade limite para a participação das crianças no CLIC, ele se recusou a deixar o grupo. O Bruno não só foi ficando, como conquistando um espaço ímpar: reivindicou a participação em nossas reuniões semanais; manifestou o desejo de ter aulas de computação, que lhe foram ministradas por um dos mediadores; mencionou a vontade de fazer um curso de teatro.

Na época, descobrimos que a Casa de Cultura Mário Quintana, localizada na região central de Porto Alegre, abriria uma turma de teatro para crianças e adolescentes. O programa oferecido tinha duração de um semestre, mas era pago. Esse último requisito inviabilizava a participação do Bruno. Para que ele pudesse

freqüentar as aulas, a coordenadora do CLIC decidiu bancar suas despesas. Em troca, ele teria de repassar os conhecimentos para as crianças da vila que demonstrassem interesse pelo assunto. Como fiz a inscrição dele na oficina, meu nome e meu telefone ficaram registrados na ficha, como sua responsável. Bruno concluiu o curso e diz ter “adorado”. Um tempo depois, recebi um telefonema do seu professor de teatro. Ele me disse que o Bruno tinha se empenhado muito na oficina e que tinha progredido bastante, por isso, ia ganhar uma bolsa, concedida pela Casa de Cultura, para participar de um novo módulo da aula de interpretação.

Em 2007, Bruno ingressou em um Programa Assistencial da Prefeitura de Porto Alegre, e assim se afastou um pouco do CLIC. Ao longo de sua estadia no projeto, em muitas ocasiões, ele manifestou desinteresse pelos livros. Tal fato fez com que nós, mediadores, questionássemos nosso desempenho, pois o Bruno foi o participante que ficou mais tempo envolvido com as oficinas de leitura. Concluímos que a longa permanência nas oficinas, por si só, é significativa. Durante oito anos, ele se manteve em contato, por livre e espontânea vontade, e de forma sistemática, com a literatura e com outras linguagens artísticas. A paixão pelo teatro nasceu e cresceu nesse período. O garoto que, nos primeiros anos, mal conseguia se concentrar e se expressar, com o passar do tempo, ampliou seu horizonte e insistiu no sonho de fazer um curso teatral além dos muros do CLIC. Nesse curso, conquistou espaço em uma turma composta exclusivamente por crianças das classes média e alta.

Atualmente, o Bruno não assiste mais às oficinas de forma sistemática, mas ainda reluta em se desligar do projeto. Sempre que precisa realizar algum tipo de pesquisa escolar, ele aparece para utilizar nossa biblioteca e nossos computadores.

Também está sempre atento aos Encontros Culturais e aos cursos que disponibilizamos. Mesmo não se declarando um leitor literário, o Bruno, ao longo desses anos, (re)elaborou sua condição de sujeito e ampliou seu horizonte de expectativas com o auxílio das nossas oficinas. Por si só, isso já seria relevante, mas ousar pensar que o Bruno ainda não desistiu de se apropriar da leitura. Caso contrário, não se manteria envolvido até hoje, com as atividades de promoção do livro, organizadas pelo CLIC.

O envolvimento com os livros é estimulado de várias formas no CLIC. O projeto mantém suas portas abertas a quem se disponibiliza a atuar na comunidade. Em 2004, oferecemos uma oficina de ilustração no mês de janeiro. Laura Gomes Castilho, professora do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atendeu, ao longo de duas semanas, doze crianças da Vila Fátima. Partindo da leitura de obras literárias, os participantes experimentaram técnicas gráfico-plásticas, como o desenho, a pintura, a modelagem e a colagem. Cabe salientar que, o critério de seleção dos textos foi a autoria das imagens. Laura Castilho utilizou títulos ilustrados⁶ por ela. Isso tornou o encontro muito rico, uma vez que os educandos ouviram a autora falar sobre o processo de criação de cada uma das obras, mencionar as diferentes técnicas utilizadas e fazer com que tais técnicas fossem experimentadas ludicamente ao longo do encontro.

⁶ *Poesia fora da estante*, coletânea organizada por Vera Teixeira de Aguiar, Simone Assumpção e Sissa Jacoby; *Saco de brinquedos*, de Carlos Urbim; *Saco de Mafagafos*, de Gláucia de Souza; *A árvore que dava sorvete* de Sérgio Capparelli; *A mulher gigante*, de Gustavo Finkler e Jackson Zambelli; *A família sujo*, de Gustavo Finkler; *Natal de Natanael*, de Gustavo Finkler e Raquel Grabauske; *Esquísita como eu*, de Martha Medeiros.

Nesses anos todos de atuação, o CLIC presta, para dizer o mínimo, um duplo serviço: à comunidade, que o reconhece como um espaço de contato com o livro e interação com as demais linguagens artísticas, e aos mediadores, que interferem em uma realidade de exclusão cultural, e são beneficiados pela convivência em um grupo em constante processo de aprendizagem.

Com os retalhos da boneca de pano citada no começo do texto, tentei seguir o fio de uma história que, de muitas formas, me enreda. A ponta vai sendo puxada para perpetuar na memória as experiências vividas. Registrar o meu olhar sobre o CLIC é dar início a um rito de despedida de um trabalho do qual faço parte (ou que faz parte de mim...) desde 1998. Por isso não estranhe se a nostalgia, já mencionada na citação escolhida para abrir o texto, apareça, sem ser convidada, nas entrelinhas. Sem dúvida, ela não será maior do que a alegria de relatar todas as intervenções realizadas pelo CLIC e o quanto ele cresceu durante esse tempo. Falando em crescimento, no próximo capítulo, veremos como as ações do CLIC se expandiram para além do Centro de Extensão Universitária da Vila Nossa Senhora de Fátima.

2 NA RUA, NO MEIO DO REDEMOINHO: O CLIC EM OUTRAS VEREDAS

...Ah, se não fosse, cada
acaso, não tivesse sido,
qual é então que teria
sido o meu
destino seguinte?
(Guimarães Rosa – *Grande Sertão: veredas*)

Riobaldo, personagem de *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, sentencia: *Quem muito se evita, se convive*. Talvez por isso, no caminho do CLIC, que sempre fez questão de realizar um trabalho fora dos portões escolares, surgiram três instituições de ensino: Colégio Marista Champagnat, Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopoldo Tietböhl e Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto. Ao longo desse capítulo, vamos conhecer cada uma dessas experiências de intervenção em território alheio. Também teremos contato com o projeto *Poesia e Criatividade*, que ocorre na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo/ FASE, antiga Fundação Estadual do Bem Estar do Menor / FEBEM. A cada nova vereda, novos desafios. Viver não é mesmo muito perigoso?

O Colégio Marista Champagnat já realizava um trabalho em conjunto com a PUCRS, através do Centro de Referência para o Desenvolvimento da Linguagem / CELIN, quando a coordenadora pedagógica das séries iniciais solicitou, em meados de 2002, uma ação focada na leitura da literatura infantil, destinada a alunos de séries iniciais do ensino fundamental, com dificuldades em interpretação textual e em expressão escrita. A intenção da escola era formar leitores e, conseqüentemente, melhorar o desempenho das crianças no ato de ler e de escrever.

Para que a solicitação do colégio pudesse ser atendida, Vera Wannmacher Pereira, responsável pelo CELIN, procurou a coordenadora do CLIC, Vera Teixeira de Aguiar. O CLIC, que desde 1997, formava leitores junto à comunidade da Vila Nossa Senhora de Fátima, teria um novo desafio: ingressar no ambiente escolar e tornar a leitura um hábito prazeroso.

Quando o CLIC começou a trabalhar com as crianças do Champagnat, as oficinas ministradas ocorriam na PUCRS, na arena do CELIN. Duas mediadoras atendiam, no turno da manhã, crianças de terceira e da quarta séries da escola, selecionadas pelos seus respectivos professores e encaminhadas pela coordenadora pedagógica. O grupo de alunos, formado por quinze crianças, era convidado a participar de uma atividade extraclasse, sem relacioná-la com aula de reforço ou ação semelhante. É importante esclarecer que apesar do critério de seleção ser a dificuldade apresentada pelos alunos no que tange à leitura e à escrita, tal fato não era (e até hoje não é) divulgado para o público participante, nem para os demais colegas.

No ano seguinte à implantação do projeto, as oficinas passaram a ocorrer dentro do Colégio Marista para facilitar o acesso dos alunos, para valorizar as dependências e materiais oferecidos pela escola e para mostrar uma nova alternativa de trabalho com a literatura no âmbito escolar. Na biblioteca infantil, que hospeda até hoje os encontros, o caráter lúdico da intervenção realizada ganhou o reforço do ambiente, haja vista ser o espaço repleto de livros e de material para a prática de atividades. Além disso, possui quadros, almofadas, mesas e cadeiras coloridas e também um palco para dramatizações.

Cada sessão de leitura no Champagnat tem uma hora e meia de duração e é ministrada por duas mediadoras, que, dessa forma, podem dar atenção particular às necessidades das crianças. Os encontros iniciam pelo *estímulo lúdico*, seguido pela *leitura em roda* de uma obra e *reflexão* em grupo sobre o texto lido. Depois, os alunos realizam uma *atividade criativa*, acompanhada pelo *desfecho lúdico*. É o mesmo roteiro utilizado na Vila Fátima, pensará o leitor atento. Estará certo, mas cabe informar que, graças à sistematização desses passos, realizada e aplicada com êxito pela equipe atuante no Champagnat, é que, posteriormente, nos valem do mesmo método nas oficinas do Centro de Extensão da Vila Fátima.

O trabalho do CLIC na Vila Fátima e no Colégio Marista guarda algumas diferenças, determinadas, em parte, pelas características do público atendido. De um lado, temos as crianças, residentes na periferia e deslocadas à margem da cultura letrada e, de outro, as crianças de classe média, cujo acesso é garantido desde muito cedo a bens culturais eruditos. O desafio de formar leitores é árduo, no entanto, em ambos os casos. Em uma das pontas, os entraves são a falta total de recursos somada a uma educação deficiente, resultando na presença de grandes

dificuldades na decifração do código escrito por parte dos leitores em formação; na outra ponta, os participantes usufruem, em casa e na escola, de todos os recursos tecnológicos, exigindo do mediador uma abordagem impactante e inovadora para fazer da leitura mais uma, entre tantas outras possibilidades de diversão e de lazer.

Uma das diferenças na dinâmica do trabalho, determinada pelas características peculiares de cada grupo é a utilização (ou a não utilização) do computador. Na Vila Fátima, disponibilizamos computadores nas oficinas de leitura, que são usados, como já foi visto no capítulo anterior, para realização de atividades a partir de textos literários. Não fosse a existência do CLIC na comunidade, várias crianças não teriam contato com a ferramenta em questão. No Champagnat, os alunos têm acesso ao computador em casa e na escola e passam várias horas do dia conectados à rede virtual. Por esse motivo, os encontros de incentivo à leitura não prevêm a utilização do meio eletrônico.

Outro fator determinante para as diferenças no planejamento dos encontros na Vila Fátima e no Champagnat é a associação (ou a não associação) dos projetos com a escola. As oficinas do CLIC na periferia têm caráter extra-escolar. As crianças, em idade entre 7 e 14 anos, devem ser alfabetizadas e necessitam estar matriculadas no ensino fundamental, em turno oposto ao das atividades lúdicas de leitura. Não existe, no entanto, nenhum tipo de contato (e de contrato) direto com a escola. Quem organiza os grupos é o líder comunitário. Ele tenta unir crianças de uma mesma faixa-etária, porém isso nem sempre é possível. Para os mediadores, conciliar interesses de leitura em uma turma com educandos de idades díspares é, pois, um desafio. Além da atividade prevista para o dia, é sempre bom contar com um “plano b”, um “plano c”...

No Champagnat, o trabalho partiu de uma demanda do colégio e ocorre dentro da instituição de ensino, ainda que as oficinas tenham caráter extraclasse. Crianças de uma mesma série participam das atividades, facilitando a preparação dos encontros. Além da metodologia⁷, denominada pelas mediadoras de “Brincar de ler”, os planejamentos são organizados temática e progressivamente.

O tema “Quem sou eu”? orientou as sessões de leitura das turmas participantes do projeto no colégio Marista. Ele foi apresentado ao longo de unidades que partiam de aspectos íntimos, como identidade, segredos, gostos, problemas, medos, para, gradativamente, ir em direção a questões externas, abordando temas como família, amigos, rua, bairro, escola, sociedade. Percorrido esse caminho, as crianças voltavam a refletir sobre a questão da identidade, encerrando de forma cíclica, uma viagem literária com várias escalas no mundo interior.

Paul Ricoeur, em *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*, reconhece o texto literário como uma via de acesso à interioridade. Não é por acaso, que suas idéias embasam o método criado para mediação de leitura no Colégio Marista Champagnat, adotado também pelos educadores atuantes no Centro de Extensão da Vila Fátima. Para o autor:

...Toda interpretação se propõe vencer um afastamento, uma distância, entre a época cultural passada à qual pertence o texto e o próprio intérprete. Ao superar essa distância, ao tornar-se contemporâneo do texto, o exegeta pode apropriar-se do sentido: de estranho ele quer torná-lo próprio, isto é, fazê-lo seu; portanto, é o engrandecimento da própria compreensão de si mesmo que ele persegue através da compreensão do outro. (p.18).

⁷ Recapitulando: estímulo lúdico, leitura em roda, discussão em grupo sobre o que foi lido, realização de atividade criativa e desfecho lúdico.

Ao compreender a si mesmo, através do outro, o leitor amplia não só a percepção sobre si, mas também o conhecimento sobre o contexto onde está inserido. A equipe de mediadores do Champagnat trabalha nesse sentido, buscando promover mudanças internas nas crianças, que modifiquem sua relação com o mundo exterior. Graças ao empenho e à competência dos participantes na formação de leitores, novas turmas foram abertas e duas temáticas inéditas estão sendo vivenciadas “Eu no mundo das linguagens” e “Eu sou as minhas leituras”.

Os registros de pesquisa das oficinas atestam os avanços realizados pelas crianças. Como exemplo, citarei um caso, mas muitos outros poderiam ser mencionados. No primeiro dia do encontro, após ser solicitada a responder por escrito à pergunta “Quem sou eu?”, uma das alunas redigiu o seguinte: “Eu gosto de brincar e andar de bicicleta com meu irmão. E não gosto de andar de ônibus lotado”. Depois de um ano, ao se deparar com a mesma questão, o texto dessa menina ganhou nova forma: “Meu nome é Karen, nasci no dia 7 de outubro de 1993. Cresci muito bem. Quando fiz seis anos, eu me mudei para um outro apartamento. Em 2000 meu irmão Guilherme nasceu, em 2003 eu fui para a 4º série e aprendi muitas coisas. Há e não vou me esquecendo, em 2002 eu comecei a oficina de leitura e fui até 2003. Eu gostei da caverna do medo”.

No primeiro texto, Karen se define de forma breve a partir de duas coisas das quais gosta e de uma da qual não gosta. Para tanto, não necessita realizar grande reflexão. No segundo, ela comprova ter internalizado a estrutura narrativa e constrói uma história de cunho autobiográfico. Ao dispor cronologicamente momentos e fatos importantes de sua vida, a menina inclui, entre eles, a oficina de leitura. Ao construir uma identidade narrativa, Karen estrutura seu texto de forma ordenada, refletindo

um processo de organização que é interno e, provavelmente, possibilitado pelo convívio prazeroso e reflexivo com as obras literárias.

Não só nos relatórios de pesquisa se encontram dados que comprovam a eficácia das oficinas realizadas no Champagnat, os alunos partícipes dos encontros apresentam melhora significativa em sala de aula, conforme retorno dado pela coordenadora pedagógica e pelos pais, que acompanham de perto o processo. Além disso, a biblioteca escolar, de acordo com depoimento da responsável, ganhou novos visitantes fiéis que, como bom leitores, sabem que lugar de livro é fora da estante: é dentro da gente.

Por objetivar a saída dos livros das prateleiras da biblioteca, a fim de escreverem histórias no interior de todas as pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, na rotina de um grupo escolar é que a direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Leopoldo Tietböhl⁸ entrou em contato com a coordenação do CLIC. O pai de um aluno, o editor de livros Walmor Santos, havia sugerido que a escola procurasse Vera Teixeira de Aguiar para, com seu apoio, implantar um projeto de formação de leitores. A intenção do grupo estudantil era estimular não só as crianças, mas também os pais e os professores.

Para conhecer os gostos de leitura da comunidade escolar, elaboramos um questionário, aplicado a uma amostra de cada parcela da população envolvida no processo (professores, alunos e pais). O material continha dados de identificação e questões relativas a interesses, hábitos e atitudes de leitura, com enfoque no livro

⁸ A escola onde a equipe do CLIC passaria a atuar pertence a Rede Pública Estadual. Possui aproximadamente 850 alunos e 60 professores, e funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite. A instituição está localizada em um bairro de classe média. De acordo com relatório fornecido pela direção, as famílias responsáveis pelos alunos matriculados são compostas por trabalhadores assalariados, que vivem no bairro e adjacências (uma pequena parcela de educandos reside em áreas periféricas).

literário, compreendido como objeto cultural entre os demais objetos da vida dos sujeitos. Cabe mencionar que a equipe de mediadores do CLIC, em parceria com a equipe atuante no Champagnat, trabalharia em conjunto no Leopoldo Tietböhl, junto aos professores da escola, ao longo de dois anos⁹. No final desse período, o mesmo questionário foi aplicado, como forma de verificar, comparando suas respostas com as iniciais, mudanças de interesses, hábitos e atitudes de leitura de professores, alunos e pais, após a experiência desenvolvida.

Entramos na escola, no início do ano letivo, em 2004, para ministrar um curso de capacitação para os professores. No turno da manhã, foi proferida a palestra: “O que é literatura infanto-juvenil?”, seguida de outra: “Quem é o leitor?”. No turno da tarde, a questão colocada era: “Como escolher os textos?”. Da seleção de obras, passamos para a pergunta: “Como desenvolver a leitura?”. Encerrando o trabalho teórico, um exemplo concreto: “Como se faz uma prática leitora?”.

Nesse parágrafo, permita-me uma divagação. Como já mencionei, os tópicos selecionados para debate foram apresentados pela equipe de mediadores do CLIC e do Champagnat. Por isso, além das informações teóricas, tínhamos muitas histórias para contar, relativas à nossa vivência na Vila Fátima e no Colégio Marista. Por experiência própria, depois de muitos encontros com professores, sei o quanto, em questão de credibilidade, é importante falar com o conhecimento de causa de quem está pondo em prática as leituras e as pesquisas realizadas no curso de pós-graduação. Alguns professores de escola (eu disse alguns, a generalização seria falsa), vêem os acadêmicos como aqueles que, distantes da realidade, apresentam soluções insubsistentes, se executadas. Como tínhamos um trabalho consolidado de

⁹ No primeiro ano, nossa presença na escola se fazia constante. No segundo, iríamos nos afastando gradualmente, para que os professores caminhassem em direção à autonomia.

formação de leitura, cada vez que alguém insinuava que o conteúdo apresentado, ou o método escolhido era muito bom no papel, mas no dia-a-dia não poderia funcionar, ouvia argumentos de todos os palestrantes, baseados em experiências concretas, comprovando o contrário.

Divagação concluída, volto a falar na estrutura do seminário. Interrogações de toda a ordem davam o tom de cada fala. Quando montou a programação do evento, a coordenadora do CLIC teve em mente que deveríamos dialogar com os professores do Leopoldo Tietböhl. As perguntas orientavam o tema de cada palestra e preparavam o terreno para essa conversa.

Para abrir os trabalhos e responder a questão “O que é literatura infanto-juvenil”?, o histórico do gênero foi apresentado com o intuito de evidenciar o vínculo, através dos tempos, dos livros destinados à infância com questões de ordem pedagógica. Nunca é demais repetir que o casamento de histórias infanto-juvenis com temas de natureza didática pode parecer uma boa união aos olhos da escola, mas deve ser visto com desconfiança quando a intenção é conquistar leitores. Infelizmente, muitos são os títulos produzidos sob encomenda para abordar determinadas questões julgadas pertinentes pelos adultos para a formação da criança. É comum nos depararmos com livros que ensinam sobre noções de ecologia, por exemplo. Tais publicações, abundantes no mercado, criam histórias ficcionais insustentáveis enquanto ficção. Nessas narrativas, a presença de elementos mágicos, próprios do imaginário infantil, como uma fada que ensina a forma correta de separar o lixo, por exemplo, encobre uma voz adulta que não representa verdadeiramente os interesses da criança. O cuidado com a natureza é cada vez mais urgente, mas não é tarefa da literatura infantil encarregar-se da divulgação desse fato. Um texto como esse — meramente informativo, mas vendido

como literatura — muitas vezes é priorizado em sala de aula, ocupando o espaço do momento destinado à leitura literária. Esse tipo de publicação afasta o leitor, que é capaz de identificar a voz adulta a serviço da transmissão de ensinamentos.

Para não afastar o leitor também é importante que a obra escrita para crianças reproduza o modo de pensar peculiar à faixa-etária a quem se dirige. Isso nos encaminha ao segundo ponto da palestra. Com o objetivo de elucidar a pergunta “Quem é o leitor”?, as características do pensamento infantil foram apresentadas, relacionadas aos interesses de leitura de cada idade. Em *Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores*, Vera Teixeira de Aguiar organiza, em etapas, o gosto pela leitura. A autora lembra que tais etapas não são rígidas, por isso, cabe ao mediador permanecer atento às preferências dos leitores em formação. As possíveis idades de leitura relacionam-se com o nível de desenvolvimento cognitivo dos leitores. Sendo assim, pode-se dizer que a *pré – leitura* é o momento no qual a criança, ainda não alfabetizada, deve ser estimulada a ouvir histórias e a entrar em contato com livros que apresentem textos curtos e predomínio de imagem. A sonoridade das palavras encanta os leitores em potencial e por isso, a rima é muito bem vinda. Durante a *leitura compreensiva*, que ocorre no período da alfabetização, a criança começa a decifrar o código escrito e faz uma leitura silábica das palavras. Ela pode reencontrar os livros da etapa anterior, uma vez que agora terá condições de ler por conta própria. Cabe salientar que a exigência de textos curtos não deve comprometer a qualidade do material oferecido. É importante escolher títulos direcionados à estimulação da fantasia e da criatividade. A *leitura interpretativa*, por seu turno, ocorre quando o aluno passa da compreensão imediata do texto para a interpretação de suas idéias. Nessa fase, as noções de tempo, espaço e causa já foram adquiridas, bem como a capacidade de

classificar, ordenar e enumerar dados. Mesmo assim, o pensamento mágico ainda predomina. Por isso, os contos de fada, fábulas, mitos e lendas são ótimas indicações de leitura. A próxima etapa recebe o nome de *iniciação à leitura crítica* e se dá quando o estudante atinge maior capacidade de discernimento do real e maior fluência em leitura, favorecendo o estabelecimento de relações de sentido entre os segmentos de um texto ou de textos entre si. Os livros de aventura fazem grande sucesso nesse momento. *A leitura crítica*, por fim, acontece no instante em que o jovem passa a elaborar juízos de valor e a perceber conteúdos estéticos. Nessa etapa, como está em busca de uma identidade individual e social, o adolescente demonstra preferência por obras que abordem problemas psicológicos ou sociais.

Cada conquista cognitiva influencia e alonga o gosto dos leitores, por isso essas conquistas podem e devem ser estimuladas. Liev Vygotsky, em *A imaginação e a arte na infância*, disserta sobre a importância do estímulo:

...Quanto mais veja, ouça e experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos reais disponha na sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será, ao igual que as restantes circunstâncias, a atividade da sua imaginação (p.18).

Vygotsky foi evocado para lembrar que estímulos ambientais são muito bem vindos para impulsionar a imaginação. Sem um ambiente rico em informações e desafios, o desenvolvimento cognitivo deixa a desejar. Pela nossa experiência no CLIC sabemos o quanto, em matéria de leitura, a falta de estímulos ambientais pode ser prejudicial. As crianças participantes das oficinas apresentam grande dificuldade de decifração e de compreensão de texto, mesmo estando matriculadas na escola, o que é um pré-requisito para participação no grupo. Ao mediador cabe a tarefa de intervir nessa realidade, não só estimulando o desenvolvimento do gosto pela leitura,

mas também desafiando os alunos com textos literários de qualidade, que exigem a participação ativa do leitor na busca da decodificação.

Muitas obras infantis disponíveis no mercado deixam a desejar quando o assunto é qualidade. Por isso é importante saber “Como escolher textos?”, tema da palestra seguinte. Conhecer os fatores que comprometem a qualidade artística das produções destinadas ao infante é um dos caminhos possíveis de responder a questão. Como já vimos, o predomínio do aspecto moralizante, e, portanto, da voz adulta, deve ser desprezado. Além disso, o livro para crianças também legitima seu descrédito, no momento em que, para aproximar-se do leitor, o escritor simplifica demais a linguagem e a trama.

Para escolher um texto de qualidade é preciso, portanto, estar atento a algumas armadilhas. Nome de escritor consagrado ou prêmio concedido à obra nem sempre são garantia de boa leitura. Os escritores, após produzirem um texto de sucesso, são pressionados pelo mercado editorial. Alguns se rendem. É o caso de Ziraldo que, depois de *O menino maluquinho* criou (e continua criando...) vários títulos com o mesmo mote. No entanto, nem todos são bons como o primeiro da série.

Quanto aos prêmios, algumas obras consagradas, quando analisadas, revelam surpresas nada agradáveis. Para mencionar um exemplo, vejamos o que acontece em *Ludi na Revolta da Vacina*, de Luciana Sandroni. A obra parte de um acontecimento histórico: narra a aventura de uma família carioca que faz uma viagem no tempo, indo parar no Rio de Janeiro antigo, em plena Revolta da Vacina. Criando uma narrativa a partir de acontecimentos históricos com os quais a criança tem pouco ou nenhum contato, a autora vê-se obrigada a dar voz ao adulto, para

que ele apresente o passado à criança. Tal fato não se configuraria um problema, se as personagens mirins demonstrassem maior interesse em aprender. A personagem central, no entanto, mostra grande resistência a qualquer referência ao passado. Por esse motivo, no início da narrativa, a representação das crianças chega a ser um tanto negativa. Os pais, extremamente cultos e bem informados, tentam inculcar nos filhos o gosto pelo conhecimento histórico; os filhos, por sua vez, estão bem mais interessados em ver televisão. O passeio ao centro da cidade, proposto pela mãe, é “um saco” de acordo com as crianças. A mãe, reforçando a visão negativa da infância, resolve “comprar” os filhos: se eles fizerem o passeio, ganham um lanche na Confeitaria Colombo. Segundo Dona Sandra: *criança se pega pelo estômago* (p.8).

No meio da história, as coisas mudam um pouco de figura, graças às investigações de Rafa, sempre bastante divertidas, e graças a Ludi, protagonista da narrativa, que possui um jeito atrevido de quem não leva desaforo para casa. As duas personagens salvam a imagem das crianças, pelo menos por alguns momentos.

Se a primeira impressão que o leitor tem das crianças não é lá muito empolgante, no final da narrativa ele volta a crer nela, pois a primeira impressão é que fica. As crianças não fazem reflexão alguma a respeito da aventura vivida, não “amadurecem”, ou pelo menos não demonstram ter amadurecido. Ao voltar para o Rio atual, elas somente desejam fazer um lanche na Confeitaria Colombo. Depois de ter realizado uma volta ao passado, de ter encontrado personagens históricas, de ter participado de um acontecimento como a Revolta da Vacina, *Rafa, Chico e Ludi só pensavam nos sanduíches e sorvetes maravilhosos que iam devorar* (p.90).

O livro até aqui analisado foi eleito pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o melhor título para crianças em 1998. Sem dúvida, a obra retrata com fidelidade uma grande parcela de jovens do mundo moderno (que preferem as diversões virtuais a qualquer programa cultural), mas, no nosso entender, a atitude dessas personagens deveria ser questionada, e não premiada. A sagração desse texto nos faz pensar que há mais mistérios nos critérios que regem as consagrações literárias, do que sonha a nossa vã filosofia...

Com a ajuda das análises aqui mencionadas, deixamos claro aos professores, a importância de uma seleção de textos realizada através de uma leitura crítica e criteriosa. A escolha de uma obra de qualidade pode ser meio caminho andado para a efetivação de um trabalho criativo e estimulante em sala de aula. O resto do caminho, rumo ao sucesso na formação de leitores na escola, fica por conta da exploração eficaz do que foi lido. Chegamos assim, ao penúltimo item, discutido em seminário: “Como desenvolver a leitura na sala de aula”? Para introduzir a questão, é interessante conhecer a opinião de alguns estudiosos a respeito da delicada relação entre literatura e escola.

Edgar Morin, em *A cabeça bem feita*, diz-se insatisfeito com os rumos da leitura no ambiente escolar. Para ele, o colégio peca ao submeter a literatura ao ensino da língua. É preciso demonstrar, conforme o autor, que em toda grande obra artística há um pensamento profundo sobre a condição humana. Nas palavras do estudioso, as produções de arte são *escolas de vida* em múltiplos sentidos: *escolas de língua*, quando nos revelam toda sua potencialidade enunciativa; *escolas da qualidade poética*, visto que, em contato com a poesia, somos compelidos a entender que não habitamos o mundo somente de forma prosaica, mas também de

modo poético; *escolas da descoberta de si*, já que podemos nos reconhecer na vida subjetiva das personagens de romances ou de filmes; *escolas da complexidade humana*, porque o conhecimento dessa complexidade faz parte do reconhecimento de nossa condição existencial; *escolas da compreensão humana*, pois, se na vida cotidiana percebemos o outro somente de forma exterior, nas páginas de um livro ou na tela, ele nos surge em todas as dimensões, subjetivas e objetivas.

Morin considera fundamental que a instituição de ensino ofereça ao aluno o acesso a diferentes formas de produção artística: literatura, cinema, poesia, música, pintura e escultura. Cabe salientar, antes que cause estranhamento ao leitor, que o autor separa propositalmente a literatura e a poesia como categorias distintas de arte. Para ele, a poesia se sobrepõe a própria literatura: *pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível.* (p.45).

Depois de oferecer uma gama maior de possibilidades de encontro com a arte, o sistema educativo deve repensar a forma com que a produção artística vem sendo introduzida em sala de aula. Nosso próximo autor, mesmo falando a partir de uma realidade diferente, aponta os erros da escola em relação ao ensino literário.

Rildo Cosson, em *Letramento literário: teoria e prática*, critica a forma equivocada a partir da qual a escola tem tratado a disciplina literária. No ensino fundamental, as leituras trabalhadas em aula têm sido escolhidas pela temática e pela linguagem. Os textos precisam ser curtos e divertidos e, de preferência, compatíveis com os interesses da escola, do professor e, em último lugar, do aluno. Já no ensino médio, o estudo da literatura limita-se ao conhecimento histórico da produção literária brasileira. Autores e obras são apresentados de forma cronológica. O estilo de cada época e os dados biográficos dos escritores ocupam o foco do

estudo realizado em sala de aula. As obras, em segundo plano, servem, quase que exclusivamente, para exemplificar as características das escolas literárias. Para Cosson, em qualquer um dos casos, a literatura não está sendo ensinada para *garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza*. (p.23).

No artigo intitulado O texto não é pretexto, Marisa Lajolo, uma das primeiras vozes no coro dos descontentes, anuncia que em situações escolares, a obra literária costuma virar pretexto de outras aprendizagens. Se o professor fosse um leitor maduro, tal fato não ocorreria, pois ele saberia tirar proveito dos significados inerentes à obra. Um leitor maduro, conforme a autora, é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de textos lidos anteriormente e torna mais profunda a compreensão dos livros, das pessoas e da vida. Quando o professor não tem essa maturidade, tende a apoiar suas impressões a respeito das obras no parecer formulado no livro didático. Ao endossar tudo o que já foi dito por terceiros, como uma verdade absoluta, o professor reforça a idéia do texto como um objeto sagrado e, portanto, pouco acessível.

Michèle Petit, em *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*, nos fala sobre a situação do ensino literário na França. Apesar da distância que nos separa, sua insatisfação em relação ao uso da literatura na escola ecoa, de forma muito similar, por aqui. Para a autora, quanto mais os alunos freqüentam o colégio, menos vontade possuem de ler. O ambiente de ensino exige que eles se situem diante dos textos literários, de forma erudita, distante, talvez, porque a escola limite o *corpus* de suas leituras a textos canônicos da literatura nacional. Conforme Petit, é preciso abrir o leque de possibilidades de encontro com livros, introduzindo autores de

outras nacionalidades e textos de escritores contemporâneos, com os quais o aluno se sinta mais à vontade para dialogar.

De longe, mais especificamente do Reino Unido, nos chega a voz de Charles Sarland. Na obra *La lectura em los jóvenes: cultura y respuesta*, para o autor a instituição escolar impõe uma série de coações ao professor que limitam a escolha dos títulos lidos em sala de aula. Seguindo a *coação curricular*, o professor separa obras que servem de apoio aos temas que devam ser trabalhados durante o ano letivo. A *coação financeira* refere-se às limitações do acervo à disposição do mestre e dos alunos, na biblioteca escolar. A *coação de ordem organizacional* é aquela impositiva à escolha de textos curtos em virtude do período disponível para leitura em aula. A *coação socio-política* impele o educador a selecionar obras que abordam temas privilegiados para formação moral dos jovens. Nesse sentido, o autor comenta que em determinadas bibliotecas escolares, o critério de aquisição de títulos é a relação dos volumes com questões de ordem moral e educativa.

Com base nos entraves anteriormente expostos, conforme Sarland, a fim de formar leitores dentro da sala de aula é preciso que o professor encontre espaço para burlar as pressões institucionais, ouvindo a voz dos alunos a respeito do seu conhecimento prévio, ou seja, sobre as obras já lidas, sem desconsiderar as leituras que eles fizeram (ou que fazem) fora do ambiente escolar. Entrevistando os alunos, Sarland verificou que eles são capazes de realizar interferências ricas em textos pobres de conteúdo e sem qualidade estética. Antes que alguém pense que, por esse motivo, a qualidade literária deixe de ser relevante, me posiciono em defesa dela. O professor não deve desmerecer leituras realizadas fora do ambiente escolar, mas, dentro dele, tem a obrigação de oferecer obras de qualidade para formar e

ampliar o senso estético dos alunos.

Diante de tantas críticas ao uso da literatura no ambiente escolar, é possível pensar que o lugar da literatura não seja na escola. No entanto, de acordo com Magda Soares, em artigo denominado *A escolarização da leitura literária*, a questão não é impedir a circulação da literatura no ambiente de ensino. Entretanto, deve-se evitar que ela continue a ser “escolarizada” de forma equivocada. Um exemplo de uso indevido é a utilização do texto artístico como pretexto para divulgação de normas gramaticais. Esse tipo de abordagem, comum em livros didáticos, infelizmente virou modelo metodológico para o professor. Ao distinguir a maneira adequada de escolarizar o texto literário, da forma inadequada, Magda Soares conclui:

... Adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele a aversão ao livro e ao ler. (p.47).

Para propor uma nova forma de inserir a leitura literária nas aulas, que não deturpe, falsifique e distorça a literatura, chegamos ao fim de nosso encontro com os professores do Leopoldo Tietböhl, apresentando o método “Brincar de ler”. Já utilizávamos tal prática em uma situação extra-escolar, na Vila Fátima, e dentro da escola, porém em período extraclasse, no Champagnat. Perseguindo o êxito da abordagem lúdica da literatura dentro da sala de aula, nós acompanharíamos o processo de perto: participando da elaboração dos planejamentos mensais de cada série, integrando reuniões do grupo escolar, indicando livros e ajudando em tudo que fosse possível. Mas essa era só uma parte. Os professores teriam de se

envolver e teriam de ter disposição para mudar. Guimarães Rosa, que não por acaso nos conduz ao longo dessas veredas, na voz de Diadorim, afirma: *Carece de ter muita coragem.*

No momento da apresentação do método, os professores vivenciaram as atividades propostas como se fossem as crianças. Para tanto, foram divididos em grupos formados por cinco componentes. A unidade de trabalho versaria sobre a temática do medo, com vistas a desmistificá-lo. Durante o *estímulo lúdico*, os participantes foram instigados a participar de um jogo de adivinhação a respeito das características de determinados monstros. Depois disso, a mediadora realizou a *leitura em roda* da obra *O domador de monstros*, de Ana Maria Machado. Conversando a respeito dos textos lidos, os professores foram convidados a contar histórias de natureza fantástica que já haviam vivenciado ou sobre as quais já tinham ouvido falar. Nesse momento, o mediador de leitura estimulava a transposição do mundo representado na obra para o mundo particular de cada participante. Na hora da *atividade criativa*, ocorreu um sorteio, por meio do estouro de um balão. Os papéis sorteados foram trocados por folhas previamente digitadas com o nome de um monstro e uma breve apresentação sobre ele, retirados do livro *Mais um pequeno manual de monstros caseiros*, de Stanislav Marijanovic. A partir disso, cada grupo deveria criar uma narrativa para contar a história de vida de seu monstro. No *desfecho lúdico*, as histórias inventadas foram narradas por cada grupo e comparadas com a versão original, impressa na obra da qual partiu a brincadeira.

Terminada a conferência de apresentação de aspectos teóricos e metodológicos que davam suporte ao trabalho que começava oficialmente a ser implantado na escola, solicitamos aos professores a elaboração de um plano de aula. Obviamente, a leitura literária deveria aparecer unida a um contexto lúdico, que

também propiciasse a reflexão. O resultado dos primeiros planejamentos entregue só comprovou nossos receios: somente um trabalho sistemático de intervenção dos mediadores de leitura no colégio poderia derrotar antigos hábitos, relacionados à exploração do texto artístico em sala de aula.

Em decorrência das atitudes já arraigadas, a reação de alguns professores à nossa presença não foi lá muito amigável. O discurso era mais ou menos o seguinte: “sempre trabalhamos dessa forma (utilizando o texto literário como pretexto para o ensino de regras gramaticais) e, desse jeito, os alunos aprendem. Eles não lêem, porque não gostam. E não tem metodologia de trabalho que dê jeito nisso”. Os mais resistentes alegavam que não precisavam ser ensinados a elaborar suas aulas, pois sempre o fizeram sozinhos. Justificavam sua posição, baseando-se na longa experiência no exercício do magistério. Por isso, não queriam monitoramento e questionavam a utilização de obras de caráter lúdico. Uma professora chegou a me dizer que as crianças de hoje não acreditam mais em fantasia e que um texto abordando a questão ecológica, didaticamente, é muito mais valioso para trabalho em aula do que uma obra em que os animais falam, como o *Sítio do pica-pau amarelo*, de Monteiro Lobato.

Se por um lado houve resistência, por outro houve também engajamento imediato à nossa proposta. Primeiro, isso aconteceu por parte da direção que, acatando a sugestão do pai de um aluno, entrou em contato com a PUCRS, demonstrando sua motivação em ações que merecem destaque: empenho em agilizar questões burocráticas para a implantação do projeto; paralização da escola durante um dia inteiro para a realização do curso de capacitação do corpo docente; compra de praticamente todos os livros indicados pela equipe de pesquisadores;

atendimento imediato e constante a todas as solicitações, por parte dos professores, de aquisição de material de apoio para as práticas de leitura planejadas.

As professoras das séries iniciais (terceira e quarta, mais especificamente), também nos apoiaram desde o início. Encantadas com o método *Brincar de Ler*, elas se mobilizaram para pôr em prática o recente aprendizado. Seus planos de aula seguiam à risca as recomendações dos mediadores da PUCRS. Para encontrar textos que pudessem agradar às crianças de seus grupos, elas liam nos fins de semana as obras recomendadas por nós.

Aos poucos, o entusiasmo dessas profissionais contagiou os demais mestres, uma vez que os resultados alcançados em suas turmas, socializados nas reuniões do corpo docente, foram cada vez mais promissores, derrubando a crença inicial de que só na teoria um programa de incentivo à leitura pudesse dar certo. Dessa forma, em 2005, praticamente todos os professores (todos mesmo, não só os de Língua Portuguesa) dedicaram-se ao planejamento de práticas de leitura lúdicas e prazerosas, que resultaram em uma mudança de comportamento, que foi além da sala de aula, fato que verificamos na reunião de encerramento do projeto.

Tal reunião foi realizada para a divulgação dos resultados da ação implantada na escola. Pesquisadores, professores e pais, convidados para o encontro, tiveram voz. Na ocasião, nossa equipe dissertou sobre as diferenças detectadas na comunidade escolar, valendo-se dos questionários relativos às preferências e aos hábitos culturais de alunos, pais e mestres, aplicados, respectivamente, no início (primeiro semestre de 2004) e no final da pesquisa (segundo semestre de 2005).

Em nossa fala, destacamos o fato de todos os grupos, que responderam ao instrumento de pesquisa, terem mencionado uma mudança de atitude em relação ao

objeto livro. Antes retirada em biblioteca ou tomada de empréstimo com amigos, a obra para leitura passou a ser adquirida, atestando o novo valor que a literatura conquistou na vida de cada um. A formação de uma biblioteca própria reflete a apropriação do capital cultural, por parte do público envolvido na ação.

Nem todas as vitórias ficam registradas em fichas de pesquisa. Nossas idas à escola no ano de 2005 já nos mostravam o quanto o ambiente respirava leitura. No dia da reunião, por exemplo, a sala escolhida para o encontro foi decorada pelos trabalhos realizados pelos alunos a partir da leitura de obras literárias. O colorido das produções e a utilização de recursos materiais diversos¹⁰ comprovava a riqueza do trabalho proposto em aula e evidenciava a relação lúdica estabelecida entre o professor, o aluno e o livro.

O vínculo entre o professor e o livro foi um capítulo à parte na história da reunião final. Os depoimentos concedidos pelos educadores, com base nas experiências de cada um em sala de aula, deixavam claro uma profunda mudança de comportamento. Muitos admitiram não serem leitores antes da implantação do projeto e falaram sobre o prazer da descoberta da paixão pelo livro. Recorrente, esse tipo de manifestação apareceu acompanhada, muitas vezes, por explicações a respeito das últimas leituras realizadas. Para que se tenha uma idéia, a reunião se estendeu por um tempo muito maior do que o previsto, e ninguém parecia se preocupar com isso.

¹⁰ Ganhamos de presente uma colcha bordada em conjunto por alunos e professores. Em cada retalho, o desenho de uma história lida em aula.

Um das constatações consensuais entre o grupo docente foi o engajamento a um projeto comum e desafiante. Ele estimulou o trabalho em equipe, uma vez que os docentes passaram a dividir inquietações e êxitos, referentes ao planejamento e à aplicação das práticas de leitura. Por meio de tais práticas, os professores perceberam o poder de sensibilizar o leitor que o texto literário possui. Essa sensibilização os atingiu em cheio, isso ficou claro na emoção expressa ao longo das falas, e no choro, que irrompeu em meio a alguns depoimentos.

Mobilizando os professores da escola, favorecemos os alunos que freqüentam o ambiente de ensino. Todos passaram a usufruir dos benefícios intelectuais e emocionais advindos do trabalho lúdico, emancipatório e prazeroso com o texto literário. Com a experiência realizada, comprovamos que a leitura pode, sim, ser sinônimo de prazer entre as quatro paredes da sala de aula. Quando deixamos a escola, não tínhamos dúvidas de que, entre o corpo docente, havíamos formado mediadores de leitura competentes o bastante para dar continuidade ao trabalho, sem depender da nossa presença.

Concluimos o trabalho no Leopoldo Tietböhl, no final do ano de 2005, mais ou menos, quando recebemos a notícia de que o prédio onde o CLIC atua na Vila Fátima passaria por reformas que teriam início nas férias de verão, mas se estenderiam pelos primeiros meses do ano seguinte. O CLIC teria de fechar suas portas temporariamente.

Ao longo de toda a trajetória do projeto, aprendemos o quanto é prejudicial suspender as atividades. Por esse motivo, por exemplo, abolimos as férias de inverno. Em *Ideologia e currículo*, Michael Apple denuncia a existência de um “currículo oculto”, que contribui para a preservação das relações de classe em

sociedades industriais. De acordo com o autor, a escola pública não é pensada em função da realidade dos alunos que visa atender. Esse fato estaria diretamente relacionado ao fracasso no ensino e à evasão escolar. O que isso tem a ver com as férias? Tudo. Não é difícil prever onde os alunos da Vila Fátima passam as férias de inverno e de verão. Permanecendo na cidade, sem ter acesso à escola, o que resta é a rua, com todos os seus perigos. Se o ensino público fosse planejado, levando em consideração as dificuldades vivenciadas pelos seus alunos, teria de encontrar uma alternativa para o período de férias.

Em busca de uma forma de não deixar as crianças da periferia sem o serviço prestado pelo CLIC, ainda que temporariamente, entramos em contato com o líder comunitário à procura de um espaço que nos abrigasse. Ele sugeriu marcar uma reunião com as diretoras das três escolas situadas no bairro. No dia previsto para o encontro, somente uma delas compareceu. Assim, começa nossa história na Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto.

Na conversa que tivemos com a diretora, explicitamos a intenção de estabelecer uma parceria duradoura. Luís Pedro, o educador que selecionava as crianças para as nossas oficinas, estava envolvido com compromissos acadêmicos na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/ UERGS, onde cursava Pedagogia. Seu tempo para o projeto era cada vez mais escasso e nós não podíamos prescindir de alguém que fizesse parte da comunidade e que nos assessorasse junto às crianças. Interessada em trabalhar com o CLIC, a diretora confirmou a parceria.

Apesar de não alterar a essência da ação, o novo espaço que nos abrigaria exigia mudanças profundas em nossa rotina. Ao selecionar as turmas participantes, a direção do Coelho Neto mencionou o alto índice de repetência na primeira e na

quinta série. O colégio tinha a intenção de intervir junto às crianças que apresentassem maiores dificuldades. Se o leitor está lembrado, esse também tinha sido o critério de seleção utilizado pela coordenação pedagógica do Champagnat, e ele nos parecia justo. O que mudava, então? Nunca havíamos trabalhado com turmas inteiras¹¹ de crianças não alfabetizadas ou semi-alfabetizadas, na melhor das hipóteses, como era o caso dos estudantes ingressos na primeira série.

Ao longo dos anos que estou no projeto, vi o CLIC se mobilizar para se adaptar a toda e qualquer demanda. Não foi diferente dessa vez. Contaríamos histórias e estimularíamos a criatividade do grupo que ainda não sabia ler, utilizando recursos materiais de natureza diversa para a realização de brincadeiras após a roda de contação de histórias.

Eliana Yunes no artigo *Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo*, enfatiza a importância dos círculos de leitura. Quem ouve histórias, se familiariza com a estrutura do relato e organiza o pensamento. As leituras solidárias, realizadas em grupo, propiciam aos participantes a possibilidade de abertura ao diálogo. A autora comenta que essa prática, abolida nas salas de aula, poderia trazer de volta o contato prazeroso com a palavra, constantemente sonegada no contexto escolar.

Daniel Pennac, em *Como um romance*, relata um caso no qual a leitura solidária prova sua força. Ao constatar que seus alunos demonstravam verdadeiro pânico diante de qualquer solicitação de leitura, o autor começou a ler, em voz alta, romances durante suas aulas, pois supunha que os estudantes estavam esquecidos

¹¹ Um dos critérios para o ingresso no projeto era justamente a alfabetização. Apesar disso, em algumas oficinas, sempre aparecia uma ou outra criança que ainda não sabia ler. Como tínhamos por política não fechar portas aos interessados, integrávamos esses alunos ao grupo. A inclusão era palavra de ordem em nosso “currículo nada oculto”.

que um *romance conta antes de tudo uma história* e que deve, antes de mais nada, saciar nossa ânsia por narrativas. A iniciativa de Pennac rendeu bons frutos:

...E no entanto, não aconteceu nada de milagroso. O mérito do professor é quase nenhum nesse caso. É que o prazer de ler estava bem perto, seqüestrado num desses sótãos adolescentes por um medo secreto: o medo (muito, muito antigo) de não compreender. (p.113).

Para Pennac, a voz do professor promoveu a reconciliação dos jovens com a leitura, ao economizar o esforço da decifração, desenhar claramente as situações, delinear o cenário, encarnar as personagens, sublinhar os temas e acentuar as tonalidades. Essa reconciliação proporcionou aos leitores um passo a diante, rumo à autonomia. Postos novamente em contato com a possibilidade de um encontro agradável com o livro, os alunos submetidos à experiência, sentiram a necessidade de ler por conta própria. A leitura solitária, outrora tão temida, passou a ser realizada de forma prazerosa.

Nesse momento, abro um parêntese para narrar um fato ocorrido no início de 2005, quando ainda não podíamos imaginar que trabalharíamos em conjunto com o Coelho Neto. Uma das professoras do grupo escolar em questão entrou em contato com a coordenação do CLIC, perguntando se poderia levar sua turma de alunos para uma visita ao espaço de leitura, famoso no colégio, pois algumas crianças matriculadas na instituição, freqüentavam nossas oficinas. Não era nosso costume receber visitas (muito mais por falta de estrutura, do que por ausência de disposição). No entanto, também não era nossa prática, como faço questão de repetir, desperdiçar novas oportunidades de mediação de leitura que batessem à porta. No dia do encontro, a turma da escola foi recebida com uma atividade

especialmente preparada para a ocasião. A satisfação dos alunos foi grande e por conta disso, tempos depois, a direção nos faria um pedido. Fecho parêntese.

Ao relembrar a ida das crianças ao espaço de leitura e imaginar que, somente alguns alunos do colégio seriam selecionados para freqüentar regularmente as nossas oficinas, a direção pediu, pensando na satisfação geral dos educandos, que agendássemos visitas ao CLIC para que todas as turmas da escola tivessem oportunidade de experimentar uma prática leitora. Tudo certo, não fosse uma pequena ressalva que teria de ser feita devido ao novo contexto da ação: os alunos não se deslocariam até nós, o CLIC seria o visitante. A visita do CLIC às turmas estava acertada. A direção faria um cronograma mensal e nos entregaria com antecedência para que as atividades pudessem ser preparadas. A cada semana, duas turmas seriam contempladas, uma no turno da manhã, outra no turno da tarde.

O trabalho no Coelho Neto teve início em março de 2006, organizado da seguinte forma: dos cinco dias úteis da semana, três eram dedicados à oficinas de leitura da literatura, que ocorriam em período inverso ao turno escolar e atendiam turmas de primeira e quinta séries, previamente selecionadas pela escola. Um dia da semana era destinado à oficina Literatura e Biblioteca e reunia crianças que desejassem manipular livremente o acervo de livros. Tal atividade também se dava no período extraclasse. A visita do CLIC às salas de aula era a única ação que acontecia simultânea ao horário escolar.

Devo antecipar que nossa experiência no Coelho Neto foi um tanto conturbada. A equipe da escola, talvez por falta de tempo, não se dedicou ao projeto como esperávamos. Gostaríamos, por exemplo, que algum integrante do corpo docente ou da comissão pedagógica comparecesse (no mínimo, uma vez por mês) a

nossas reuniões na PUCRS, pois, já que estávamos estabelecendo uma parceria, manter o contato era importante a fim de “afinar” nossas concepções de trabalho.

À medida que a comunicação ia se tornando cada vez mais difícil, os problemas aumentavam na rotina das oficinas. O encontro Literatura e Biblioteca, por exemplo, ocorria no interior da biblioteca da instituição. A bibliotecária, desgostosa com a dinâmica do trabalho, reclamava do fato das crianças estarem ali para manipular livremente o acervo (!). Para evitar maiores transtornos, decidimos que a oficina iria “mudar de endereço”. Em uma sala de aula da escola, a rotina da biblioteca passou a ser vivenciada. Para tanto, nossa Mala de Leitura entrou em cena, recheada de obras trazidas diretamente do CLIC. O acervo, também utilizado durante a intervenção dos outros mediadores no colégio, era trocado quinzenalmente para que os alunos tivessem acesso a diversos títulos.

As visitas às salas de aula foram sem dúvida um dos pontos altos da atuação do CLIC no Coelho Neto, ainda que também tenham apresentado problemas em sua execução. Muitas vezes, os professores, viam sua sala de aula ser “invadida” pelos agitadores culturais, sem prévio aviso da ação. Por isso, não disfarçavam a contrariedade. A solução do problema? Solicitar uma reunião que unisse a equipe do CLIC a todo o corpo docente.

Desde o começo do projeto, sabíamos que, para o êxito de nossa atuação na escola, era preciso tornar claro para os educadores os motivos que nos moviam. A direção, envolvida em questões relativas ao início do ano letivo, não pôde organizar o encontro no momento em que ele deveria ter sido feito. “Antes tarde do que nunca”, diz o dito popular. Assinando embaixo, nós não deixamos de insistir para que a ida da equipe de mediadores ao colégio fosse marcada.

Realizamos a reunião após cinco meses de atuação na escola. Na ocasião, inclusive, por irônico que possa parecer, anunciamos que nossa sala no Centro de Extensão da Vila Fátima, estaria liberada nas próximas semanas e que, portanto, voltaríamos ao nosso “habitat” natural. Apesar de tardio, o encontro foi rico e significativo. Quando apresentamos nossa proposta, os docentes mostraram-se receptivos. O professor de matemática, um dos que não entendeu, nem gostou nada quando teve sua aula “invadida” pelos mediadores, chegou a pedir sugestões de leitura para motivar seus alunos. Percebendo o interesse demonstrado pela equipe, nos colocamos à disposição para a realização de um seminário sobre formação de leitores. Com certeza (e com prazer) voltaremos à escola, pois o que faltou para aperfeiçoar o trabalho desenvolvido no Coelho Neto foi tempo. Estivemos por lá ao longo de um único semestre, um período curto, de adaptação para ambas as partes.

Falando em tempo, voltemos ao ano de 1998, para ingressar em nossa última vereda. Carla Severino Limongi viu uma reportagem sobre o CLIC em um jornal da PUCRS e procurou a coordenação do projeto. Instrutora de atividades profissionais no Centro do Jovem Adulto, da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo/ FASE (antiga FEBEM) ela tinha uma história interessante para contar. Os detentos da Instituição solicitavam a ela que escrevesse cartas para seus familiares e namoradas. A frequência dos pedidos era constante. Sendo assim, ela começou a incentivá-los para que redigissem as correspondências por conta própria. Com o tempo, percebeu o crescimento do interesse e da vontade de escrever; sugeriu então que os jovens criassem poemas. Ao tomar conhecimento de que na PUCRS estava sendo desenvolvida uma ação de incentivo à leitura na periferia, que, na época, privilegiava o trabalho com o texto poético, teve a idéia de pedir autorização

e apoio para implantar o projeto na FASE. Assim começa a história de uma parceria duradoura até hoje.

Em junho de 1998, Carla passou a freqüentar as reuniões do CLIC para se inteirar do nosso método de trabalho. Em julho, entregou para os rapazes da FASE uma ficha contendo questões para verificar os conhecimentos prévios que eles tinham em relação ao texto poético e as expectativas geradas pela perspectiva de um trabalho que unisse poesia e computador. A instituição não contava com computadores, mas Carla tinha esperança de que eles fossem adquiridos em breve, e lutava por isso. Até hoje, os equipamentos não foram comprados, mas Carla não desiste. A cada ano, nos anexos de seus relatórios, ofícios de solicitação para a doação ou compra de equipamentos ocupam diversas páginas.

No mês de agosto de 1998, os jovens começaram a realizar leituras e atividades lúdicas a partir dos poemas de Sérgio Capparelli. Por questão de segurança, os mediadores do CLIC não atuavam diretamente na FASE. Participando de nossas reuniões na PUCRS, religiosamente, Carla reproduzia, no Centro do Jovem Adulto, o trabalho que aplicávamos na Vila Fátima. A presença constante da mediadora junto ao grupo de pesquisa garantia a possibilidade de pensarmos em conjunto atividades envolvendo a leitura de poesia. O fato foi muito importante para o êxito da ação, pois o comprometimento da educadora garantia que a concepção de trabalho do CLIC ecoasse de forma autêntica, graças ao vínculo estreito unindo a mediadora que atuava na FASE e os mediadores que atuavam na Universidade. Certa vez, ao saber da parceria com a Universidade, um dos rapazes perguntou para Carla: “Professora, a senhora disse para o pessoal da PUCRS que nós éramos da FASE?”. Ela respondeu que não tinha vergonha alguma de dizer de onde eles

vinham. A mediadora acredita que a imagem depreciativa que carregam deverá ser mudada com o auxílio da poesia. Nós compartilhamos dessa crença.

Atualmente a ação, *Poesia e criatividade* atende um grupo formado por 44 adolescentes com idades entre 18 e 21 anos. Os encontros, outrora semanais, por solicitação do público participante, passaram a ocorrer três vezes por semana, só sendo interrompidos em caso de motim. A mediadora atende os rapazes em sessões individuais, por norma da FASE. A sessão começa com a leitura de poemas, seguida por comentários a respeito do material lido. Após a conversa, a mediadora solicita a elaboração de um trabalho criativo. Os detentos demonstram preferência pela criação de poemas. Ao fim do encontro, a educadora guarda a produção dos jovens em pastas individuais, aguardando a autorização da Direção para futura exposição. De tempos em tempos, os poemas dos rapazes são expostos pelos corredores da instituição, o que os enche de orgulho e alegria. As melhores produções foram selecionadas e organizadas com vistas à publicação. O material está pronto à espera de uma parceria para edição. Manoel de Barros, no poema *Despalavra*, afirma que *os poetas devem aumentar o mundo com suas metáforas*. Na FASE, a missão da poesia foi (e vem sendo) cumprida.

Neste capítulo, percorremos caminhos paralelos que surgiram ao longo da trajetória do CLIC, e que foram espalhando as idéias que movem nossa equipe, por novas veredas. Na rua, no meio do redemoinho, fizemos nossos pactos. A esse respeito, Riobaldo diz: *Tudo é pacto. Todo o caminho da gente é resvaloso. Mas também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!* Sim, a gente volta, em busca de novos contratos.

No próximo capítulo, por acreditar que a trajetória do CLIC deva ser contada em coro, convoco a voz dos educadores do projeto, para enriquecer o meu olhar sobre esse grupo que, como a leitura de um bom livro, tem o poder de transformar realidades. Com a palavra, os mediadores.

3 ECOS QUE ACOMPANHAM O CAMINHAR DE QUEM ATUA NO CLIC: A VOZ DOS MEDIADORES

... Quando Lucia Peláez era pequena, leu um romance escondida. Leu aos pedaços, noite após noite, embaixo do travesseiro. (...) Muito caminhou Lucia, e ao longo do seu caminhar ia sempre acompanhada pelos ecos daquelas vozes distantes que ela tinha escutado, com seus olhos, na infância...

(Eduardo Galeano – *A leitora*)

Existem leitores que desconsideram a epígrafe. Sei que não é o seu caso. Por isso, você já percebeu a estreita relação entre o título desse capítulo e o fragmento do texto de Eduardo Galeano. A história de Lucia Peláez foi escolhida não só porque soa familiar àqueles que já experimentaram a paixão por um livro, mas também porque remete a uma imagem que eu relaciono com os mediadores do CLIC: a caminhada em companhia de antigas vozes.

Quem ingressa no projeto passa a escrever uma história, cujo começo foi registrado por outras pessoas. Tal fato faz com que, em nossas reuniões, essas antigas vozes voltem a ecoar. Muitas vezes, as palavras de quem já deixou o grupo ajudam a solucionar problemas inéditos para os novos mediadores, mas já enfrentados e superados por outros colegas que os antecederam. Cabe a quem acompanha essa história há mais tempo trazer à tona as falas daqueles que deixaram sua marca no CLIC. Atualmente, sou a mediadora mais antiga no grupo – tão antiga que tive o privilégio de conviver com as pessoas que ajudaram Vera

Teixeira de Aguiar a implantar o projeto: Marília Papaléo Fichtner, Luís Pedro Rosa Fraga, Frieda Morales Barco e Zila Letícia Pereira Rêgo. Por causa deles, eu e muitos outros mediadores desejamos levar esse sonho adiante, entre eles os seguintes colegas: Diógenes Buenos Aires de Carvalho, Renata Cavalcanti Eichenberg, Paula Barbosa Muhle, Viviane Dexheimer Gil, Paula Mastroberti, Adriana Elisabete Bayer, Anelise Borba Meyer Greeland, Cristiane Domingues, Maurício Piccini e Marcelo Buckowski. Ao longo desse capítulo, registro a voz das pessoas aqui mencionadas, dando forma ao eco que me acompanha ao longo de minha caminhada.

Na infância, **Marília Papaléo Fichtner** convivia com revistas, jornais e livros. Sobre os livros, comenta: de tudo um pouco, ficção, técnicos, coleções – como a *Barsa*, por exemplo. Por causa do acesso ao material escrito, atribui ao contexto familiar o estímulo pela leitura. Durante os primeiros anos de vida, ler era uma atividade que fazia parte de momentos bem pontuais: hora de dormir, dias de chuva, dias nos quais ficava de cama por motivo de doença e durante as atividades escolares. Entre os livros que marcaram esse período, cita: *Simbá, o marujo* e *David Copperfield*. Na adolescência, Marília trocava informações com os irmãos sobre obras literárias. Gostou de ler *Teresa Batista cansada de guerra* e *o Conde de Monte Cristo*, ambos publicados pela Editora Abril. Menciona ter tido contato com outros títulos da mesma coleção, sem, no entanto, citar o nome das obras. Atualmente, a leitura ainda faz parte de sua rotina: lê por prazer, por curiosidade e para estudar. Considera-se uma leitora porque compreende e interpreta o mundo e a vida, em grande parte, lendo.

A história de Marília no CLIC começa a ser traçada em 1995, antes mesmo da origem do projeto. Ela cursava o último ano de Psicologia, quando entrou em contato

com Vera Aguiar. No diálogo mantido, Marília contou que possuía formação em Letras e, por isso, pretendia realizar a monografia final do seu curso com literatura infantil, com o objetivo de estimular a valorização do imaginário. A estudante de Psicologia via o contato com os textos literários como uma ação preventiva na área da saúde mental. Marília foi orientada por Vera a apresentar um projeto para concorrer a uma bolsa de Aperfeiçoamento Científico, concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul / FAPERGS, uma vez que já era graduada, exigência para a obtenção da bolsa. O projeto intitulado: *Oficina de leitura e criação textual em diferentes linguagens como produção de sentido e construção de conhecimento* foi aprovado e implantado em 1996.

Em abril de 1996, quando ministrou a primeira oficina na Associação dos Amigos da Vila Nossa Senhora de Fátima, Marília não poderia imaginar que, a partir de sua intervenção na comunidade, uma longa história passaria a ser escrita. Há poucos meses, ao ser questionada sobre a origem do CLIC, foi modesta ao responder que ele foi um sonho da Vera que contagiou alguns pesquisadores. É certo que Vera sonhou – e continua sonhando o CLIC – mas não restam dúvidas de que Marília construiu, junto com ela, as bases para esse sonho, ao elaborar um projeto de pesquisa cujo objetivo era oferecer às crianças, no turno extraclasse, uma oficina de leitura que facilitasse o desenvolvimento da percepção imaginativa, visando à produção de sentido e construção de conhecimento.

Para estimular a imaginação a partir da leitura de obras literárias, a mediadora convocava os participantes a realizar dramatizações dos textos lidos. Ao propor a encenação da história, Marília utilizava o psicodrama, descrito em seu relatório como *uma técnica terapêutica que objetiva levar o indivíduo a ver a si mesmo, a ver-se*

através do outro e a ver o outro de um ponto de vista descentrado.

Ao encenar uma história seguindo os preceitos do psicodrama, os participantes tinham total liberdade de alterar o enredo original. Nas interferências criadas pelo grupo, a mediadora reconhecia manifestações do real e/ou desejos coletivos inconscientes. Já referi anteriormente a representação da história de Chapeuzinho Vermelho, quando as crianças transformaram a cestinha em um instrumento para pedir esmolas. Volto a citar o fato, agora contextualizado como exemplo de manifestação do real em meio a uma encenação psicodramática.

Em decorrência do êxito do trabalho da Marília na Associação de Moradores, a comunidade sugeriu a permanência de um projeto de incentivo à leitura na Vila Fátima. A partir de tal demanda, o CLIC foi gerado e se estruturou. No princípio de forma tímida, com poucos mediadores e ocupando espaços alheios, até formar uma equipe grande e conquistar sala própria, conforme já foi relatado.

No momento em que o CLIC passou a oferecer diversos tipos de oficinas, Marília tornou-se responsável pela de Literatura e Teatro. A dinâmica dos encontros permitia o exercício de suas duas formações acadêmicas, Letras e Psicologia, na preparação das atividades. Dessa etapa do projeto, a mediadora guarda como lembrança mais marcante as primeiras reuniões da Vera com o grupo de pesquisa, ressaltando a praticidade da coordenadora e sua capacidade de mobilização coletiva.

Falando em características pessoais marcantes, aproveito o “gancho” para salientar o que mais me chamava atenção na atuação da Marília dentro do CLIC. De todos os mediadores participantes do grupo ao longo do tempo, ela foi a única a se infiltrar na comunidade. Ao ingressar no projeto, recebemos ordens expressas de

não transitar pela vila. O motivo da interdição é claro: questões de segurança. Marília conquistou o direito de transgredir a essa regra. No primeiro ano em que esteve na comunidade, participou como voluntária de um recenseamento, visitando inúmeras casas e tornando-se conhecida de muitos moradores. No mesmo ano, tentou, embora sem sucesso, estabelecer um vínculo com um grupo de senhoras da terceira idade. Marília propôs a essas moradoras que lhe narrassem as histórias contadas aos filhos. A resposta negativa e a pouca receptividade das mulheres fez com que a mediadora adivinhasse a razão pela qual havia tamanha resistência — a lei do silêncio falava mais alto.

Marília permaneceu por sete anos no CLIC. Nesse meio tempo, concluiu os cursos de Mestrado e Doutorado, ambos orientados pela Vera. Não por acaso, a leitura foi o seu objeto de estudo, tanto na dissertação, quanto na tese. Fazendo um balanço desses anos de atuação no CLIC, Marília assinala como aspecto positivo do projeto o respeito ao espaço de invenção e criação, proporcionado pelo grupo e pelos desafios enfrentados pelos participantes. Não classifica nenhuma adversidade vivenciada como negativa, pois considera as dificuldades, em todos os âmbitos (poucos recursos, conflitos grupais, divergência de opiniões, renovação do grupo, etc...) componentes de sua experiência de vida e formação profissional.

No CLIC, Marília diz ter descoberto que o trabalho de conquista de leitores é o caminho síntese de sua formação de psicóloga e da vontade de inventar e brincar existente dentro dela. Leva do CLIC o prazer de criar, experimentar e expor idéias. Não esquece dos amigos e da formação de pesquisadora. Para ela, a leitura é vista como uma forma de descobrir o significado da vida, de dar sentido ao real e a si mesma. Marília acredita que um mediador de leitura deve despertar o desejo de ler

no outro.

Se a tarefa do mediador é despertar o desejo de ler no outro, não restam dúvidas sobre a importância do papel desempenhado por Marília, não só em relação às crianças, mas também em relação aos mediadores atuantes no grupo que conviveram com ela. Em nossas reuniões, ela nos estimulava a registrar cada detalhe da oficina, buscando significados mesmo na falta de reação das crianças diante de determinada atividade proposta. Nessas reuniões, outra característica da Marília tornava-se evidente: ela era a integrante mais sonhadora do grupo. Nem sempre tirávamos os pés do chão para seguir seus vôos, mas sabíamos que, graças a sua capacidade de voar, o CLIC pôde ser sonhado.

A história da Marília não é a única a confundir-se com a trajetória do próprio CLIC. **Luís Pedro da Rosa Fraga**, o Toco, também participou do CLIC desde a sua implantação. Marília o conheceu em novembro de 1995. Ela procurava estabelecer uma parceria com Associação dos Amigos da Vila Nossa Senhora de Fátima, conveniada com a Fundação de Assistência Social e Cidadania/ FASC e com o Serviço de Apóio Sócio-Educativo/ SASE. Luís Pedro era educador da Associação. Na entidade, junto com outros quatro monitores, atendia 80 crianças em turno extra-classe. Os alunos que ingressavam na instituição tinham acompanhamento para realizar as tarefas escolares, podiam freqüentar oficinas de capoeira, e participar de outras atividades esportivas e recreativas. No relatório *Oficinas de produção textual em diferentes linguagens*, Marília registra sua primeira impressão a respeito de Luís Pedro:

Percebe-se nele uma pessoa ativa que exerce uma liderança que, como jovem, lhe oferece sentido e novas perspectivas para a vida. Isso favorece, para ele e para as crianças que freqüentam a Associação, uma identidade positiva em relação ao fato de pertencer à comunidade. (p.6.).

A primeira impressão de Luís Pedro a respeito de Marília não está registrada, mas deve ter sido boa, pois ele aceitou sua proposta. Estabelecida a parceria de trabalho do CLIC com a Associação, Luís Pedro ficou encarregado de selecionar as crianças que participariam de nossas oficinas. Porém, ele não fazia só isso: acompanhava tudo de perto, oferecendo aos mediadores um apoio importante na solução de determinadas questões. Quando uma criança deixava de ir aos encontros, por exemplo, Luís Pedro ia até a casa do participante investigar a causa da ausência. Ele conhecia a história de cada um dos alunos e tinha acesso a suas famílias. Essa familiaridade fazia toda a diferença na hora de entender e resolver algum problema mais grave de indisciplina.

Um ponto alto de sua atuação como mediador no CLIC foi o serviço de “biblioteca ambulante”, que passou a desempenhar quando se encarregou de andar com uma mala de livros pela Vila Fátima. O impacto de uma pessoa da própria comunidade oferecendo livros aos moradores foi grande. Como prova disso, surgiu a reivindicação dos novos leitores, solicitando os títulos que desejavam encontrar na próxima viagem da mala de leitura. Por esse e outros motivos, consciente de sua relevância no projeto, Luís Pedro afirma: *penso que minha participação tenha contribuído para o sucesso do serviço na Vila Fátima, mediando as relações da comunidade com a Faculdade de Letras.*

Sem dúvida, Luís Pedro contribuiu para o sucesso do serviço, e eu voltarei a falar sobre isso, antes, no entanto, vamos conhecer sua história de leitura. Na

infância, ele tinha acesso a material escrito: afirma ter lido livros infantis, jornais e revistas. Seus pais e professores o estimulavam a ler, com isso, a leitura fazia parte de suas atividades diárias. A obra *O macaco preguiçoso*, de Maria Dinorah marcou esse período. Na adolescência, continuou lendo – livros do seu gosto e de seu interesse. Cita as obras: *Os meninos da rua da praia*, de Sérgio Capparelli, e *As caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato. Também cita os seguintes autores: Machado de Assis, Erico Verissimo e Mario Quintana. Atualmente, a leitura faz parte de seu cotidiano: lê livros, jornais e revistas. Considera que a leitura tem contribuído para sua formação acadêmica.

Quando começou a trabalhar com o CLIC, Luís Pedro sonhava ingressar na Universidade. Seu sonho tornou-se realidade. Prestou vestibular na PUCRS em 2000. Foi aprovado em Pedagogia com Habilitação em Multimeios e Informática, mas teve dificuldades de custear seus estudos, com isso, não chegou a concluir o curso. Em 2002, a Universidade do Estado do Rio Grande do Sul, UERGS, foi inaugurada. Luís Pedro prestou novo vestibular e ingressou na primeira turma de Pedagogia Anos Iniciais: crianças, jovens e adultos. Na Universidade, seu desempenho foi marcante. Articulou um curso ministrado pela equipe do CLIC e aberto a todos os interessados. O evento foi um sucesso. Naquele dia que passamos na Instituição percebemos o quanto Luís Pedro era admirado por professores e colegas.

A postura profissional de Luís Pedro é um capítulo à parte, mas eu vou me deter ao fruto mais bonito gerado pelo seu comprometimento: a admiração da comunidade e, em especial, das crianças, que o vêem como um exemplo. Para ilustrar a afirmação, vou reproduzir um trecho de um texto que Bruno (o garoto que passou muito tempo freqüentando nossas oficinas, lembra?) escreveu a respeito

dele: *A primeira pessoa que me incentivou a continuar no CLIC foi o Luís Pedro (o Toco), ele era uma pessoa que eu me inspirei (sic), com o jeito dele se comportar, com o jeito dele falar, etc.* Com a voz do Bruno, ecoam os sentimentos de muitas crianças que conviveram com o Toco na Associação e no CLIC.

Avaliando a trajetória do projeto, Luís Pedro vê como aspectos positivos a participação das crianças e adolescentes no processo de formação de leitores. Quanto a sua participação, comenta não ver aspectos negativos, diz ter feito sua parte durante todos os anos em que apoiou o projeto, divulgando o serviço com muita responsabilidade. Guarda na lembrança todas as pessoas envolvidas na construção do trabalho, a responsabilidade dos monitores e o engajamento das crianças e adolescentes nas atividades. Leva do CLIC para vida o gosto pela leitura dos livros presentes no acervo da biblioteca, as amizades e as conquistas do projeto na formação de novos leitores. Para ele, leitura é sinônimo de novas descobertas, de prazer, de conhecimento e aprendizagem. Um mediador de leitura é um agente criativo e um divulgador para todos os leitores. Por isso, é importante que ele apresente as seguintes características: seja um leitor diário, goste de ler e seja um multiplicador do conhecimento adquirido.

Luís Pedro é, sem dúvida, um multiplicador do conhecimento adquirido. Sua atuação na comunidade foi fundamental para o êxito do CLIC na conquista de novos leitores. Quando ingressou na Universidade, Luís Pedro foi, aos poucos, se distanciando do projeto. Mesmo de longe, continuou preocupado em divulgar o CLIC dentro e fora da comunidade. A última vez que vi o Luís Pedro foi, em março de 2007, em sua formatura. Confesso que esse não é o tipo de cerimônia que me agrada, tanto que fugi da minha, me formando em gabinete, mas no caso da colação

de grau do Toco foi diferente: senti enorme prazer e emoção ao prestigiar aquele momento.

Atualmente, Luís Pedro trabalha no programa Ação Rua Núcleo Centro/Humaitá e Navegantes. É funcionário da Associação Inter-Comunitária de Atendimento Social//ALCA. Nessa entidade, possui a função de educador social, atuando nas abordagens a crianças e adolescentes, moradores de rua. Trabalha 40 horas semanais, nos turnos da tarde e da noite. Ainda hoje mantemos contato por *email* e sempre que isso ocorre, ele assina suas correspondências eletrônicas da seguinte forma: Luís Pedro, PEDAGOGO, licenciado pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Pedagogia Anos Iniciais: crianças, jovens e adultos. Com isso, demonstra o quanto se orgulha de sua formação acadêmica. No CLIC, nós nos orgulhamos do Luís Pedro.

Nosso orgulho, da mesma forma, é manifesto pelo trabalho desenvolvido por **Frieda Morales Barco**, na Guatemala. Todavia, antes de falar sobre isso, devo satisfazer sua provável curiosidade: como a moça, vinda de tão longe, foi parar no CLIC? Ela atribui a uma casualidade sua relação com o projeto. Em 1996, recebeu uma bolsa de intercâmbio (Brasil – Guatemala) para freqüentar o curso de Mestrado em Letras da PUCRS. Regina Zilberman, na época coordenadora do Programa de Pós – Graduação, designou Vera Aguiar como sua orientadora. Vera estava começando a implantar o projeto de pesquisa intitulado: *Poesia e Cognição*, junto com Solange Medina Ketzer, que mais tarde se desvinculou da proposta. Assim, Frieda participou da reflexão teórica e da construção do espaço físico do CLIC.

Do momento em que ajudou a pensar e implantar o CLIC, mesmo sem ter a exata dimensão dos acontecimentos, Frieda guarda como lembrança inicial uma

pedra no caminho: Roman Ingarden. Ela conta que a teoria que embasava a pesquisa precisava ser estruturada e *que este diabo de teórico era o xodó do Pós em Letras da PUCRS*. Frieda não o conhecia e ainda não tinha uma formação teórica muito sólida. Sendo assim, sua primeira tarefa no CLIC foi compreender o estudo de Ingarden sobre poesia. Passado o susto, o papel dela no projeto esteve ligado a uma de suas paixões: a tecnologia. Interessada em entender o funcionamento dos programas de computador, Frieda testava vários deles, à procura da ferramenta ideal para a criação de unidades virtuais de ensino de literatura. Utilizando o *Toolbook*, ela fez com que a primeira unidade pensada pelo grupo de pesquisa saísse do papel e fosse para a tela do micro. Frieda lembra da lentidão do processo de elaboração do *software*, já que ela não era *expert* no assunto. Chegou a levar seis meses para programar uma unidade. Nas mãos das crianças, no entanto, a unidade criada era explorada em poucos minutos.

Tendo conhecido um pouco do trabalho de Frieda no CLIC, voltemos um no tempo, para revelar sua relação com a leitura. Na infância, Frieda só tinha acesso a livros no colégio. Seus professores a estimulavam a ler, mas não só eles: a competência em leitura de uma menina chamada Maria Fernanda, que lia *muito rápido*, desafiava Frieda e os demais alunos a tentar ler tão bem quanto a garota. Fora do ambiente escolar, Frieda acompanhava os quadrinhos publicados no jornal de sábado. A cada edição, uma parte da história era narrada. A curiosidade movia a menina a seguir a trama dos gibis ao longo dos fins de semana.

Na adolescência, Frieda passou a ver a leitura como algo “chato”, pois a escola lhe impunha livros considerados *aburridos*, como *Tradiciones peruanas*, de Joaquim Palma; *Maria*, de Jorge Isaacs, *Mio Cid*, *Lazarillo de Tormes* e outros.

Mesmo depois de adulta, Frieda afirma não conseguir voltar a esses textos.

Reconciliou-se com a leitura quando, aos quatorze anos, começou a estudar na capital, tendo de viajar 60 km de ônibus, diariamente. Para passar o tempo no trajeto, lia livros retirados da estante da casa de sua avó. A primeira leitura realizada em trânsito foi *Crime e castigo*, de Dostoiévsky: *esse livro pirou a minha cabeça, depois dele, a leitura se tornou um hábito corriqueiro e já procurava obras em outros cantos.*

Hoje, a leitura ainda faz parte de suas atividades diárias. Por estar realizando um estudo sobre a cidade da Guatemala, anda acompanhada de jornais do século XIX e XX. Além disso, revisa arquivos históricos em busca de tudo relacionado ao tema da pesquisa. Frieda se considera uma leitora não só de livros, mas daquilo que rodeia, vê e experimenta, visto que, na realidade, tudo se relaciona e se associa.

Relacionando sua experiência no CLIC ao atual momento profissional, Frieda começa nos contando que, em 1999, teve de deixar o projeto devido a pressões no curso de Doutorado. Mesmo assim, enquanto permaneceu em Porto Alegre, ela acompanhou de perto o andamento do trabalho. Ao voltar para a Guatemala, pensava em aplicar os conhecimentos adquiridos no CLIC, mas a realidade era outra. O país continuava envolvido em problemas gerados pela guerra interna e pela violência urbana. Frieda tentava, sem sucesso, obter um emprego em alguma escola ou universidade e já cogitava voltar ao Brasil, quando conseguiu uma colocação na Prefeitura, onde, além de realizar pesquisas históricas, desenvolve projetos de fomento à leitura. Nesse sentido, afirma ter implantado três ações: *Prazer de ler*, *Sendero de Arte* e *Brinquemos à leitura*. Considera que tais atividades são *um pequeno CLIC na Guatemala.*

O pequeno CLIC de Frieda na Guatemala funciona da seguinte forma: todos os domingos, mais ou menos 200 pessoas, em sua maioria crianças, circulam no espaço montado pela prefeitura para ouvir histórias, ler, jogar e pintar. As atividades são coordenadas por Frieda, que conta ter feito uma seleção criteriosa dos 800 títulos componentes do acervo da biblioteca: *somente textos de qualidade*. Além dos livros, jogos educativos e tradicionais também estão à disposição dos visitantes. Todo o material pode e deve ser manipulado: *o manuseio é parte do incentivo à leitura. Os livros infantis não foram feitos para ficar em estantes, também são brinquedos. Tenho alguns mordidos e rotos*. Muitas atividades são propostas a partir da leitura, entre elas, as que estimulam a pintura. Nesse caso, o material de consumo é oferecido gratuitamente aos visitantes. Em 2007, o projeto foi contemplado com um prêmio concedido pelo Banco Internacional de Desenvolvimento/ BID. Com a verba destinada à ação, o acervo da biblioteca será enriquecido.

Por essas e outras, Frieda considera que o CLIC foi um aprendizado de vida, possibilitando seu crescimento em muitos sentidos e sua conscientização em relação aos problemas sociais enfrentados tanto pelo Brasil quanto por seu país. Pensa que um mediador de leitura deve fazer diferença na vida dos outros. Desde o tempo em que esteve no CLIC, ela já fazia diferença em nossa vida. Sempre motivada a vencer desafios, era um exemplo de persistência. Quem mais, vindo da área de Letras, se disporia a estudar programas de informática para que as unidades de ensino virassem uma realidade?

Hoje, nos orgulhamos dela a cada *email* enviado. O assunto é sempre o mesmo: *Guatemala news*. Nas correspondências eletrônicas, remetidas religiosamente no início de cada mês, ela nos lembra do aniversário dos colegas e

dos professores da PUCRS, além de nos enviar fotos e notícias de seu trabalho. Modesta, comenta: *acho que o que eu aprendi no CLIC está sendo aplicado*. A respeito disso, não nos resta a menor dúvida.

Também não nos resta dúvida de que **Zila Letícia Pereira Rêgo** respira até hoje tudo o que ajudou a construir no CLIC. Para demonstrar a veracidade de tal constatação, apresento a você sua trajetória, começando pela recuperação de sua história de leitura. Na infância, Letícia tinha acesso a livros e atribui à mãe, professora de matemática, que sempre foi leitora, parte da responsabilidade pela circulação da literatura no lar. A mãe mantinha os filhos em contato não só com o acervo de casa, mas também com obras que retirava da biblioteca. Quando foi alfabetizada, seguindo o exemplo materno, Letícia associou-se à biblioteca pública de sua cidade, Rio Pardo e lá, mais do que na escola, escolheu os livros que gostaria de ler. Na fazenda onde passava os finais de semana e as férias escolares, o pequeno acervo, pertencente à avó, era explorado. Na família, o estímulo à leitura não era verbalizado, mas o hábito de ler era disseminado ao longo das gerações, de forma que a leitura parecia algo tão natural, a ponto de não necessitar de nenhum tipo de cobrança ou estímulo direto. Letícia recorda de forma muito viva da mãe contando histórias para ela e para os irmãos, principalmente as de Monteiro Lobato, e também rememora os *causos*, contados pelos peões no galpão, estimulantes de sua curiosidade e de seu medo.

Na memória, Letícia também guarda um livro: a cartilha usada pela mãe para alfabetizar os alunos da escolar rural, mantida nos fundos da casa. Hoje, ela consegue perceber o quanto o volume era sem graça, sem cor e com ilustrações pobres. Na obra, o menino Davi aventurava-se no reino das palavras.

Letícia desejava reproduzir a aventura de Davi, enquanto via os irmãos mais velhos, alunos da escolinha, serem alfabetizados através da cartilha. Outras obras marcantes na infância foram *Reinações de Narizinho*, exemplar em capa dura e vermelha, lido pela mãe à luz de vela ou lampião, o conto *Polegarzinha* e, já perto da adolescência, menciona ter chorado muito com *Éramos seis*.

Letícia aponta a adolescência como o período em que mais leu. Os livros eram um refúgio, um motivo para não falar com os outros, nem ser perturbada. Lembra-se de uma mistura de gêneros e títulos, da obra *A pele*, de Curzio Malaparte — texto que muito a impressionou e pelo qual tem um carinho especial — às publicações da coleção *Biblioteca das Moças*. Diz ter sido apaixonada por Hemingway e Fitzgerald, percebendo no estilo desencantado, através do qual os autores viam o mundo, a combinação de seus sentimentos adolescentes. A poesia fazia parte de seus interesses, em especial os textos de Manuel Bandeira e Cecília Meireles, autores ainda constantemente revisitados por ela. Atualmente, a leitura tem espaço em seu cotidiano e cumpre dois papéis: é seu foco de estudo e trabalho e, em ambos os casos, fonte de prazer. Como trabalha com ensino, precisa retomar autores e obras, teóricos ou não, para suas atividades docentes. Da adolescente que foi, guarda o sentimento de que a leitura é um lugar de refúgio, uma chance de habitar um espaço só seu, sobre o qual possui inteiro domínio. Para Letícia, ler é necessidade de deslocar seu foco cotidiano, buscando outra lente para ver o mundo.

Letícia julga ter encontrado essa outra lente para ver o mundo quando, realizando o curso de Mestrado na PUCRS, ingressou no grupo de pesquisa liderado por Vera Aguiar. Suas primeiras lembranças dão conta do nascimento do projeto, que foi gerado como uma tentativa de aproximar dois objetos, à primeira

vista, estranhos, senão excludentes: a literatura e o computador. A grande motivação do grupo era levar essa experiência da leitura através do micro para um público com acesso limitado a ambos. Ela recorda dos estudos empreendidos para a construção de um modelo teórico que embasaria a pesquisa e da montagem das unidades virtuais de ensino, marcados pelo constante exercício de criatividade e, ao mesmo tempo, de bom-senso, pois nem sempre o que a equipe imaginava era tecnicamente exeqüível. Além disso, relembra com carinho especial de sua atuação como mediadora de leitura na Vila Fátima.

De sua atuação na comunidade, Letícia leva a certeza da leitura literária para promover a reabilitação do ser humano no que ele tem de mais caro: sua capacidade de imaginar. Muitas vezes, ela viu meninos e meninas do CLIC encontrarem caminhos em si mesmo para driblarem tempos difíceis, através de uma história engraçada, de um poema, de uns versos criados com o colorido das letras do computador. Por esse motivo, Letícia considera sua vivência no CLIC como uma experiência que marcou fortemente sua formação. Graças ao projeto, também teve a oportunidade de pensar a abordagem do texto literário sob o prisma de uma ferramenta altamente técnica como o computador. Para ela, o CLIC foi tão importante, que determinou a escolha do tema de sua tese de Doutorado, na qual avaliou a influência da leitura da poesia na construção da subjetividade dos adolescentes.

Letícia saiu do projeto quando concluiu o Doutorado. De lá pra cá, tem atuado em cursos de graduação tanto na área de Letras, como na de Pedagogia, ministrando, com freqüência, a disciplina de Literatura Infanto-Juvenil. Além disso, ministra oficinas e palestras sobre o gênero literário infantil ou sobre formação de leitores, evocando sempre as experiências vividas no CLIC. Letícia vê a leitura como

uma possibilidade de seguir o fio de outra vida e, de repente, perceber que já incorporou outro caminho. Através dos títulos lidos, tem a chance de ser outro e de ser ela mesma. Pensa que um mediador deva transmitir seu próprio gosto pela leitura: convencendo pela paixão, pelo exemplo e pelo envolvimento que tem com os livros.

Posso afirmar com conhecimento de causa que Letícia sempre convenceu pela paixão, pelo exemplo e pelo envolvimento com os livros. Quando ingressamos no projeto, somos confiados a um mediador mais experiente. Quando cheguei, fui destinada à Letícia. Observando suas oficinas na Vila Fátima, eu aprendi não só sobre mediação, mas também sobre ética, envolvimento com o trabalho, respeito e amizade. Recentemente, ela voltou ao CLIC para proferir uma palestra sobre metodologia de ensino da literatura, e eu voltei a observar o que já havia constatado: quando ela fala sobre leitura, a paixão pelo tema toma conta de seu relato, de modo que os ouvintes ficam envolvidos e encantados. Letícia é o melhor exemplo daquilo que afirma: somente alguém apaixonado pela leitura pode incentivar, com sucesso, novos encontros com o livro. Talvez por ter aprendido muito com ela, tenhamos tanta afinidade profissional e pessoal. Por causa da afinidade profissional, seguidamente e com alegria, nos vemos envolvidas nos mesmos projetos. Por causa da afinidade pessoal, a cada reencontro no trabalho, horas de conversa jogada dentro.

Também joguei muita conversa dentro com o **Diógenes Buenos Aires de Carvalho**, depois das reuniões de quarta-feira, entre um café e um pão de queijo, mas até chegar a esse momento, Diógenes percorreu um longo caminho.

Nasceu em um ambiente letrado, em Jaicós, interior do Estado do Piauí. Tinha acesso a livros, no entanto, o volume e a variedade de obras não era assim tão grande. Ele não sabe determinar quem o estimulava a ler na infância, mas não se esquece do esforço dos pais para que os quatro filhos recebessem uma boa educação. Diógenes era o mais novo dos irmãos e dividia com eles os materiais de leitura que circulavam em casa. Recorda da professora que o alfabetizou e vê em tal lembrança o símbolo do ingresso ao mundo da escrita. A diversão na infância, em uma cidade pequena e sem acesso à televisão, ficava por conta das brincadeiras na rua e da leitura de livros e revistas.

Os livros marcantes na infância de Diógenes foram os contos de fadas que formavam a coleção *Minha Primeira Biblioteca*. Os exemplares, encadernados com capa dura e de cor azul, comprados pelos pais para o irmão mais velho, passaram por todos os irmãos. Anos mais tarde, os títulos foram doados para as filhas de uma prima. A coleção *Bíblia Para Jovens*, encadernada com capa dura e colorida, também faz parte das lembranças relacionadas à leitura na infância. Diógenes afirma que lia as adaptações bíblicas como se fossem narrativas de aventura. Além das obras citadas, menciona a circulação das histórias em quadrinhos entre as crianças com quem convivia.

A adolescência de Diógenes foi marcada pela morte do pai e pelo deslocamento da família para Teresina. A mudança para a capital refletia a preocupação da mãe com a educação dos filhos. A escola foi o espaço onde o jovem encontrou os livros com os quais teve contato nessa época. Os exemplares da *Coleção Vaga-lume*, da Editora Ática deixaram boas lembranças. O caso da *borboleta Atíria*, solicitado em duas circunstâncias escolares, traz boas recordações

para Diógenes. Em ambas as vezes que leu a obra, ele diz ter *mergulhado na história para vivenciar as aventuras*. Os famosos clássicos da literatura brasileira impuseram-se como um desafio no Ensino Médio. A poesia ficava por conta das criações de um colega, que distribuía seus poemas para apreciação da classe. Diógenes relata que a escola, mesmo sendo particular, portanto, supostamente com mais recursos, não possuía biblioteca e que em Teresina havia apenas uma biblioteca pública, cujo acervo era precário. Atualmente, a leitura cumpre dupla finalidade na vida de Diógenes: trabalho e prazer. Ele considera possuir *uma atitude leitora, o que implica o desejo e a autonomia para a escolha das leituras que busca realizar*.

Movido pelo desejo de conhecer o porquê de tanta movimentação de pesquisadores no gabinete da Vera, Diógenes tomou conhecimento da existência do CLIC. Em 2001, quando estava elaborando o projeto de Doutorado, começou a participar das reuniões semanais do grupo de pesquisa. Lembra do trabalho de análise das unidades virtuais de ensino, da movimentação dos mediadores para a montagem das atividades, bem como da recepção das tarefas por parte das crianças. Em 2002, Diógenes passou a ministrar oficinas de leitura na Vila Fátima. O desejo de participar do grupo de mediadores que atuavam na periferia era grande, mas o medo acompanhava os primeiros passos dados por ele em direção à comunidade. Ele temia não conseguir “*dar conta do recado*”, pois já estava avisado de que as crianças da Vila não estavam acostumadas com a autoridade masculina. Além disso, Diógenes não tinha experiência de trabalho com a faixa-etária do público atendido no CLIC.

Os receios de Diógenes mostraram-se injustificados desde sua primeira oficina, Literatura e Computador. As crianças simpatizaram com *o rapaz que tinha o sotaque esquisito*. No semestre seguinte, Diógenes dividiu comigo a responsabilidade na oficina de Literatura e Biblioteca. Em turnos distintos, recebíamos as crianças no dia reservado para que manipulassem livremente o acervo. Mesmo trabalhando em horários diferentes, achávamos importante adotar uma metodologia semelhante e, para que isso acontecesse, conversávamos muito sobre o trabalho. Dessas conversas, nasceu uma grande amizade. É a coisa mais fácil afeiçoar-se a ele. Diógenes era a pessoa que, mesmo vindo de longe, sabia mais sobre Porto Alegre do que qualquer um de nós; que mesmo tendo chegado ao grupo depois da origem do CLIC, conhecia o projeto como ninguém. Assim, foi responsável pela organização de um banco de dados, reunindo todas as atividades do grupo: *a Memória do CLIC*. Acho que ele sabia de tudo, pois “sofria” da tal da “curiosidade premiada”, à qual Fernanda Lopes de Almeida dedica um livro¹².

Ao realizar uma reflexão sobre a experiência no CLIC, Diógenes comenta que só vivenciou experiências positivas: aprendeu a trabalhar em grupo, no qual as ações são coletivas e não individuais; a perceber que a tarefa de formar leitores é composta de pequenas conquistas diárias, pois no processo de leitura a percepção/aquisição/domínio de elementos do texto se dá aos poucos; a tentar respeitar o ritmo de cada criança e o seu próprio ritmo; a entender a lógica infantil de um grupo que não se enquadra na lógica do perfil de criança que a escola/universidade nos apresenta; a romper com preconceitos impostos pela sociedade sobre pessoas que são marginalizadas por ela; a formar um repertório de textos infantis ou de literatura em geral; a aprender a redimensionar as

¹² ALMEIDA, Fernanda Lopes. *A curiosidade premiada*. São Paulo: Ática, 1978.

atividades planejadas diante dos obstáculos e a lidar com o comportamento das crianças.

Em 2006, Diógenes concluiu seu Doutorado e voltou para o Piauí. Ministra aulas como professor assistente do Departamento de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Caxias, no Maranhão. Considera que sua responsabilidade na Universidade aumentou, uma vez que tenciona transpor a experiência do CLIC para a realidade local, seja na sala de aula ou em outros espaços.

Diógenes leva do tempo em que permaneceu no projeto a convicção de que é possível formar leitores nos mais diversos e adversos locais. Ele julga a leitura como um direito à vida, baseando sua sentença no fato de saber que a grande maioria das crianças da Vila Fátima encontrava no CLIC a possibilidade de voltar à infância e de viver a fantasia. Diógenes acredita que um mediador de leitura deve propiciar o acesso aos diversos bens culturais produzidos pela sociedade. Para ele, um mediador de leitura é, na verdade, um mediador de cultura, que não se limita à arte literária, mas também às demais formas artísticas.

Viviane Dexheimer Gil assinaria embaixo da sentença de Diógenes que relaciona leitura à vida. Apaixonada pelo ato de ler, ela confessa ter adorado preencher o questionário da pesquisa, pois teve a possibilidade de recuperar sua história de leitura, que eu passo a transcrever a partir de agora. Ela nos conta que seus pais liam muito. Assinavam revistas e jornais e possuíam uma grande biblioteca. Eles a estimulavam a ler desde muito cedo e contam que Viviane decodificou a primeira palavra - *América* - aos três anos, em um jornal guardado pela família durante muito tempo. Por conta disso, ela entrou na primeira série aos cinco anos, já alfabetizada. Aos seis anos, lembra de ter ouvido *A Ilha do tesouro*, texto

lido pela mãe, em capítulos, à beira da lareira. A garota criava narrativas e inventava situações lúdicas a partir das histórias que ouvia. Inspirada pela *Ilha do tesouro*, ela enterrou uma pedra e criou um mapa para orientar sua localização.

Na infância, outras leituras ficaram na lembrança de Viviane: as histórias em quadrinhos da turma da Mônica e os contos de fadas, que ela também ouvia em uma eletrola, pois possuía a coleção de disquinhos das narrativas de origem oral. Viviane menciona ter sido *apaixonada* pelo conto *Cinderela*, lido *algumas vezes ao dia*. Lembra de uma enciclopédia, também “devorada” seguidas vezes, cujo conteúdo resume da seguinte forma: *curiosidades e descobertas*. O primeiro romance, *A pata da Gazela*, de José de Alencar, foi lido aos nove anos. Depois dele, leu: *O Guarani*, *Iracema* e *Olhai os lírios do campo*.

Na adolescência, Viviane cita Erico Verissimo e Alencar entre os autores preferidos. Ela não esquece de que as leituras solicitadas na escola, muitas vezes, já haviam sido realizadas anteriormente. Seu cardápio de leitura fora da sala de aula era bastante diversificado: nas bancas de revista, comprava os volumes da coleção *Sabrina* e também as fotonovelas. Nas livrarias, procurava os títulos adaptados pelas novelas transmitidas pela Rede Globo e as obras de Agatha Christie. Relaciona da seguinte forma os textos que marcaram sua adolescência: *Senhora, A escrava Isaura, Fernão Capelo Gaivota* e várias outras narrativas de Richard Bach. As crônicas de Arthur da Távola, identificadas hoje como *uma espécie de auto-ajuda para adolescentes*, ficavam em sua cabeceira, bastante sublinhadas pela leitora. Inspirada pelos autores que apreciava, começou a escrever poemas e contos.

Hoje, a leitura continua tendo um espaço muito grande em sua vida. Viviane afirma não conseguir passar um único dia sem a companhia de um livro. Em

primeiro lugar, afirma ler por prazer, pois adora a sensação provocada pela leitura destinada ao lazer: *eu realmente entro no livro, parece que os personagens começam a fazer parte da minha rotina, eu mergulho no universo criado pelo autor.* Aprecia os romances envolvendo suspense ou alguma trama familiar. Dividem espaço com a leitura descompromissada, os textos de estudo para a tese e a produção literária infantil. Afirma que lê tudo o que necessita para a formação profissional. No entanto, define-se como leitora pelo fato do livro fazer parte de sua rotina como fonte de prazer. Julga ter conseguido transmitir essa paixão para os filhos, que viram a mãe se divertir muito lendo e inventando histórias para eles. Encerra sua trajetória de leitura com a seguinte sentença: *sou leitora porque ler me deixa mais feliz.*

Movida pela busca de felicidade, Viviane, que é graduada em Jornalismo, trabalhou em uma Fundação Educacional, adaptando contos de fadas tradicionais para serem veiculados em rádios comunitárias. Muitas vezes, visitava as comunidades para divulgar a ação e nessas ocasiões contava histórias para as crianças. Quando chegou a PUCRS para realizar o curso de Mestrado em Letras, Viviane participava de outro projeto de pesquisa, mas acompanhava com interesse a trajetória do CLIC. Anos mais tarde, quando retornou à Universidade para iniciar o curso de Doutorado, teve a chance de ingressar no CLIC. Em suas oficinas, Viviane priorizava o trabalho com os contos de fadas. Além das oficinas, enquanto esteve no CLIC, ficou encarregada de abastecer a Mala de Leitura, que Luís Pedro fazia viajar pela comunidade. Também foi uma das escritoras convidadas para os Encontros Culturais, ocasião na qual divulgava os livros que publicou: *A fada dos números*, *Páginas mágicas* e *Melitta tecendo sua vida*. Quando o CLIC passou a funcionar na

Escola Estadual Coelho Neto, ela realizava visitas às turmas, para o desenvolvimento de atividades lúdicas com a leitura dentro do ambiente escolar.

Avaliando sua experiência no projeto, Viviane menciona ter mais aspectos positivos para lembrar, que em sua memória estão aliados à vitória sobre determinadas adversidades. Quando começou a narrar os contos de fadas, reparou a resistência das crianças ao ingresso no mundo da fantasia. Mesmo assim, resolveu não desistir do gênero escolhido e, para sua alegria, com o tempo, viu os alunos liberarem a imaginação. A mediadora julga que os resultados foram tão significativos que refletiram uma melhora na postura e na produção dos participantes. Em uma das turmas com as quais trabalhou, Viviane revela ter tido problemas, centralizados na figura de dois garotos muito agressivos. Por tentativa e erro, ela aprendeu a lidar com os meninos e considera isso uma grande conquista. Do período no Coelho Neto, Viviane também guarda o gosto de vencer um desafio: muitas vezes, a direção da escola lhe designava na hora a turma para qual ela teria de preparar uma atividade, fato que exigia grande jogo de cintura e muitas cartas na manga.

Os aspectos negativos listados ao longo de sua reflexão sobre o projeto são: o fim do serviço extraclasse, do qual o Luís Pedro era educador, que desarticulou o vínculo do CLIC com a Associação de Moradores e o período em que o CLIC abandonou seu espaço para atuar na escola, pois várias crianças, freqüentadoras assíduas das oficinas, deixaram temporariamente de ser atendidas. Encerrando sua reflexão, adverte para a importância de planejar as atividades, pois nas poucas vezes que deixou de fazer o planejamento da oficina não obteve um resultado satisfatório. Para ela, um bom mediador é aquele que sabe de onde parte e onde

pretende chegar.

Viviane sempre teve muito claro o percurso a ser seguido nas suas oficinas e, independente do caminho traçado, seu destino foi sempre o mesmo: a fantasia. A menina que traçava mapas e escondia tesouros depois das leituras que realizava, hoje é a mediadora que propõe brincadeiras semelhantes e que confessa enxergar com alegria os pequenos resultados, obtidos com a ajuda dessas brincadeiras, *como um feijão que plantamos depois de contar “João e o pé de feijão” e, algumas semanas depois, os alunos trouxeram a planta crescida, dizendo que ela se transformaria em uma árvore onde eles iriam subir.* Dividindo com as crianças o encanto que as histórias lhe transmitem, Viviane colheu na Vila Fátima, por três anos e meio, os frutos de seu trabalho. Afastou-se da comunidade para dedicar-se à escrita da tese. No futuro, pretende trabalhar em uma Universidade, de preferência com literatura infantil, para ter a chance de continuar envolvida com sua grande paixão. Enquanto isso, mantém em sua casa uma informal locadora de livros, através da qual orienta as leituras da vizinhança. Possui uma clientela assídua. Acredita que todo o mediador deva recuperar sua história de leitura, realizando, enquanto escreve, uma reflexão pessoal sobre como difundir aquilo que o encanta.

Renata Cavalcanti Eichenberg certamente já encontrou o seu caminho para propagar o amor pelos livros. Ela atua no CLIC como mediadora no colégio Champagnat e, junto com Vera Aguiar, criou a metodologia de trabalho que usamos nas oficinas. Em sua dissertação de Mestrado descreveu os passos e os êxitos obtidos com o método *Brincar de ler*. Atualmente, segue a trilha da pesquisa desenvolvida. Em sua tese de Doutorado, que está sendo escrita, Renata apresenta, põe em prática e avalia os novos módulos de estímulo à leitura, ligados ao seu

método de ensino. De posse dessas informações, voltemos ao princípio da história, para acompanhar sua trajetória de leitura.

Quando criança, Renata tinha acesso a livros, jornais e revistas. Seus pais sempre foram leitores e incentivaram os filhos. Por isso, ela passou a infância ganhando livros de presente. Os pais e as tias que moravam no Rio de Janeiro são identificados como os maiores incentivadores quando o assunto era a leitura. O pai a estimulava a ler nas férias, na rede, depois da praia. Bastava que ele pegasse um livro para que Renata saísse correndo e fizesse o mesmo, seguindo o seu silencioso exemplo. A mãe introduziu-a no mundo da leitura contando histórias para ela, noite após noite, na hora de dormir. As tias sempre lhe deram livros. Da caixa do presente, Renata guarda a lembrança da etiqueta *Malasartes*, livraria infanto-juvenil de propriedade de Ana Maria Machado, localizada no Rio de Janeiro. Renata não sabe se o estabelecimento existe até hoje, mas de lá lhe chegaram obras de Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Ruth Rocha e de outros escritores brasileiros.

Na infância, leitura e brincadeira eram indissociáveis. A esse respeito, Renata afirma: *Brinquei muito de ler quando pequena, seja montando barraca na cama e lendo com auxílio de uma lanterna, na companhia do irmão mais novo; seja lendo em voz alta para as minhas bonecas; seja lendo em silêncio, sozinha ou juntamente com os pais e irmãos.* As histórias que as bonecas de Renata ouviram eram as seguintes: os contos de fadas, reunidos em uma edição de capa dura e folhas douradas da Walt Disney; a coleção portuguesa de *Aninhas e o tio das pernas altas*, cujo autor não recorda; *Maneco caneco chapéu de funil*, de Luís Camargo; *A curiosidade premiada*, de Fernanda Lopes de Almeida; *A vaca mimosa*, de Sylvia Orthof; *Lúcia já vou indo*, de Maria Heloísa Penteado; *A arca de Noé*, de Vinicius de

Moraes; *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles; *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha; *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, entre outras.

Na adolescência, Renata ainda lia, mas não tanto como na infância, em função de outros atrativos, como *festas e videogame*. Afirma, no entanto, que nunca deixou de gostar de ler. Dividia o tempo dispensado aos livros entre as leituras obrigatórias da escola e as que ela escolhia nas prateleiras de casa. Nessa fase, criou o hábito de ler antes de dormir, *talvez como forma de substituir a contação de histórias feita antes pela minha mãe*. Na cama, nunca lia os textos obrigatórios, exceto quando eram prazerosos. Diz que gostava de passear de pijama pelo corredor, descobrindo títulos atrativos para ler. Entre os seus achados, cita: *A casa das quatro luas*, de Josué Guimarães; *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga; *Revolução em mim*, de Márcia Kupstas; *Diário de um adolescente hipocondríaco*, de Aidan Macfarlane; *O passado esteve aqui* e *O monstro do Morumbi*, de Stella Carr; *Um estudo em vermelho*, de Conan Doyle; *Robson Crusoe*, de Daniel Defoe; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *O continente*, de Erico Verissimo; *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles; *As parceiras*, de Lya Luft; *Cães da província*, de Assis Brasil, entre outros.

Atualmente, a leitura faz parte do cotidiano de Renata. Ela identifica a efetivação de quatro tipos de leitura: a *informativa*, buscada principalmente na revista *Veja* e no jornal *Zero Hora*; a *teórica*, devido a atual condição de doutoranda; a *“teórico-prática”*, destinada à busca de *corpus* para a tese, que a faz ler e avaliar textos literários infantis; a *leitura prazerosa*, resumida aos livros que escolhe para ler por prazer, sempre antes de dormir. Por tudo isso, Renata considera-se uma leitora, visto que os livros são objeto não só de trabalho, mas também fonte de deleite. Ressente-se da falta de tempo para dedicar-se à leitura prazerosa, pois ocupa

grande parte das horas livres com leituras teóricas, avaliando as obras estudadas no Doutorado, sem ter a chance de relaxar e buscar a fruição, proporcionada pelo contato com arte.

A busca do prazer no contato com a arte motivou Renata a ingressar, em 2002, em um projeto que estava sendo implantado com a participação do CLIC — as oficinas de leitura no Colégio Marista Champagnat. Na época, já formada no curso de Jornalismo, ela iniciava o curso de Letras na PUCRS. No colégio marista, Renata ministrava as oficinas ao lado de Paula Muhle. Relata que no início da ação, sentiram dificuldade em escolher as obras que seriam lidas pelas crianças. Por isso, passaram a freqüentar, semanalmente, a biblioteca infantil da casa da Vera. Lá, tiveram a oportunidade de ler clássicos e novidades da área, além de planejar as atividades. O constante contato com os textos infantis as fez refletir sobre suas ações nas oficinas e a concluir sobre a necessidade de criar uma metodologia de trabalho. Diante disso, Vera disponibilizou uma bibliografia teórica a respeito do tema, que passou a ser discutida a cada semana. Dessa forma, a metodologia *Brincar de ler* foi criada.

Como integrante da equipe do CLIC, Renata também trabalhou no projeto desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Leopoldo Tietböhl. Ela participou de todo o percurso da ação, desde sua elaboração e aplicação até a análise e divulgação dos resultados. Recentemente, foi chamada para ajudar a desenvolver um trabalho já em andamento, relacionado à elaboração da unidade virtual de ensino, criada a partir da obra *Tecelina*, de Gláucia de Souza. Nas duas ocasiões, trabalhei junto com ela e tivemos um ótimo entrosamento. Renata possui um raciocínio muito rápido, é extremamente articulada e fala com conhecimento de causa sobre as produções literárias infantis e sobre as obras

teóricas que as discutem. É generosa e comprometida na hora de dividir o conhecimento. Tal postura, eu pude observar na sua relação com os professores do Tietböhl. Eles recorriam a ela sempre que necessitavam de indicação de textos ou de dicas sobre como trabalhar com as obras. Renata soube atender às solicitações dos docentes e, ao mesmo tempo, estimulá-los a buscar respostas por conta própria.

Sobre suas experiências no CLIC, Renata destaca como positiva a possibilidade que teve de aprender a formar leitores. Diz que irá lembrar sempre do olhar especial das crianças que, através de um gesto seu, se encantavam com uma trama, com uma rima, com uma personagem e, a partir disso, transpunham suas próprias histórias para dentro da história contada. Também considera válido ter tido acesso a uma biblioteca infantil, pois, através do contato com os livros, conseguiu entender melhor o seu papel, preparando-se cada vez mais para formar leitores.

Como experiência negativa, ressalta o *certo preconceito* que existe quanto à formação de leitores “não carentes”. A respeito disso, disserta: *Partindo do pressuposto de que as crianças de classe média têm acesso à leitura e à cultura, seja por meio dos pais, seja por intermédio da escola, muitos envolvidos não crêem na importância de um trabalho de incentivo à leitura em escolas particulares, esquecendo da dificuldade que enfrentamos em atrair esses pequenos para o universo literário. Afinal, disputamos com a televisão, com o computador e com tantas outras formas de divertimento a que eles têm acesso.* Para ela, independente da situação financeira em que se encontram, eles também são crianças, e o fato de serem inseridos de forma não marginalizada na sociedade não lhes garante a formação como leitor. Nesse sentido, acredita que o compromisso do CLIC é levar a magia da leitura para todas as crianças, ricas ou pobres.

No futuro, Renata pretende continuar difundindo a magia da leitura. Apesar de pensar muito sobre isso, afirma ainda não ter encontrado o caminho certo para fazer de seu projeto uma realidade. Sempre que possível, ela pesquisa sobre iniciativas relacionadas à leitura, que possam ser transpostas para sua cidade. Assessorias para escolas públicas e privadas, trabalhos de incentivo à leitura em feiras do livro e trabalhos sociais nessa área são algumas idéias que lhe surgem, enquanto não consegue realizar seu maior sonho. Renata gostaria de fundar um espaço próprio para a difusão da leitura, permitindo o acesso do público carente e do público de classe média, e, ao mesmo tempo, servindo como local de palestras e cursos sobre o tema, de modo a formar não só leitores, mas também mediadores de leitura. A respeito de seu projeto, afirma: *Sei que é um sonho difícil de ser realizado, mas ainda não desisti dele.* De seu trabalho no CLIC, leva a certeza de que todo o ser humano possui a capacidade de se transformar em alguém melhor, ainda mais quando tem nas mãos um livro, uma história para contar e encantar. Para Renata, a leitura significa: *viajar, descobrir, chorar, sorrir, aterrizar e, finalmente, sentir que eu cresci.* Um mediador de leitura, que deseja possibilitar oportunidades de crescimento à outras pessoas, deve *encantar sempre!*

Paula Barbosa Muhle vem encantando as crianças do Champagnat, junto com Renata, desde a implantação do projeto. Uma das mediadoras mais jovens do grupo, ela ingressou na pesquisa quando cursava os primeiros semestres do curso de graduação em Letras, na PUCRS. Em relação às demais entrevistas, a trajetória de leitura de Paula é bem peculiar. Em sua casa, tinha acesso a jornais, revistas e livros. Seus pais e suas irmãs mais velhas garantiam a circulação do material escrito. As irmãs, por já estarem no colégio, levavam livros para casa. Conforme Paula, não havia um estímulo direto à leitura: *estimular a ler, assim como fazemos*

nos projetos, não. Mas só o fato de minha mãe contar, algumas vezes, histórias para mim, já era um incentivo. Ela afirma ter sido a leitura apenas parte de suas atividades infantis, mas não era uma de suas ocupações centrais na infância. Entre os textos mais lidos durante esse período aponta os contos de fadas e *O touro Ferdinando*, que marcou tanto a infância da irmã como a dela, pois ambas começaram a ler nessa obra.

Na adolescência, Paula diz ter se afastado da leitura de livros: *jornais e revistas eu lia, mas livros eram lidos muito contra a minha vontade.* Ao analisar os motivos de seu afastamento da leitura, confessa: *Acho que a forma como são impostas, muitas vezes, as leituras na escola, fazem com que os indivíduos percam a vontade de ler.* Ela acredita que as *tais fichas de leitura* foram um dos motivos por seu afastamento dos livros. Atualmente, Paula deseja fazer da leitura algo presente no seu dia-a-dia, mas não se considera ainda uma leitora assídua: *estou em fase de formação, pois, assim como leio, eu me disperso muito facilmente da leitura.* Paula afirma realizar leituras tanto para atender a fins acadêmicos, quanto para fruir do prazer do texto.

Recuperando o aprendizado obtido na criação do projeto, Paula confessa: *o projeto do Champagnat surgiu baseado nos encontros do CLIC, no entanto, tomou proporções tão grandes, que hoje caminha sozinho.* Ela também menciona o nascimento do projeto no Leopoldo Tietböhl, já que acompanhou o trabalho de perto: *a escola demonstrou muito interesse e, a partir da predisposição da Prof. Vera Aguiar, foi montando um projeto.* No Tietböhl, Paula participou ativamente de todo o processo, e eu acompanhei o seu trabalho de perto; foi marcante ver o seu desempenho ao falar para os professores sobre metodologia de ensino da literatura, apresentando uma atividade desenvolvida com as crianças no Champagnat. A

platéia tinha, no mínimo, o dobro de sua idade, e Paula venceu todo e qualquer preconceito que possa ter existido por parte do público em relação a isso, tão logo começou sua fala.

Sobre seu ingresso no CLIC, Paula comenta: *Fui, primeiramente, para ver o que era e como funcionava. No entanto, após ver um crescimento tanto dos alunos como meu, me apaixonei por trabalhar com incentivo à leitura.* Sua primeira lembrança nesse período recai sobre o olhar inicial de desconfiança dos professores e dos alunos, logo transformado em *olhar de segurança e objetivo alcançado.* Ao longo de sua trajetória como mediadora de leitura enumera as recordações positivas: *no Tietbühl, o empenho das professoras, que solicitavam sugestões de livros e apresentavam a estimativa do aumento do número de alunos freqüentadores da biblioteca; no Champagnat, a situação na qual um aluno se mostrava feliz por estar ali, dizendo preferir participar dos encontros a dormir ou a fazer qualquer outra atividade, fato que me faz refletir sobre o papel incentivador que temos.* De negativo, rememora o caso de um menino sempre assíduo aos encontros, que foi retirado da oficina pela mãe, por ela não gostar de acordar cedo para levá-lo. Sobre tal ocorrência, comenta: *isso me faz refletir sobre a questão do incentivo – não adianta, muitas vezes, de um lado o aluno ser incentivado, e de outro, banido.*

Hoje, Paula continua atuando no Champagnat. Paralelamente, é monitora do ensino à distância na PUCRS. Além disso, graças à experiência com a formação de leitores, trabalha em uma Escola Infantil, contando histórias e tentando despertar, em cada aluno, o gosto pela leitura. Em 2008, ela pretende iniciar o Curso de Mestrado em Letras. Leva do CLIC a certeza *de que é possível plantar uma sementinha em cada indivíduo, independente da classe social a que pertence e da*

idade que tem. Paula vê a leitura como um passo dado em direção a um novo mundo.

Sem sombra de dúvidas, **Anelise Borba Meyer Gremland** já está nesse novo mundo para o qual a leitura nos leva, e você vai entender o porquê de tal afirmação tão logo começar a ler sua trajetória de leitura. Ela nos conta que na infância tinha acesso, em casa e na escola, a livros literários, livros didáticos, jornais, revistas, revistas em quadrinhos, enciclopédias e dicionários. A paixão pela leitura veio do exemplo dado pela mãe, pela avó e pelos irmãos, que sempre tiveram o hábito de ler, *inclusive como atividade de lazer.* A leitura, para Anelise, fazia parte de sua rotina na infância, uma vez que, diariamente, ocupava o turno inverso às aulas, realizando atividades vinculadas ao acervo de uma biblioteca infantil: *as crianças ficavam ali enquanto as mães trabalhavam.*

Em decorrência dos turnos em que passou entre as estantes da biblioteca, muitos são os livros e as histórias marcantes em sua infância. Resolvi transcrever integralmente o seu texto, e manter os comentários que ela faz a respeito de algumas das obras mencionadas. Eis sua lista: *As Aventuras do avião vermelho; Rosa Maria no castelo encantado; O caranguejo bola; No país dos anões; A pequena vendedora de fósforos; A roupa nova do imperador; O homem da mala; a história da velhinha que queria atravessar a ponte, umas histórias que a minha avó inventava, misturando contos de fadas com livros da Coleção das Moças (por exemplo, Cinderela + A pata da gazela ou + Iracema, a história da mulher que cortava o cabelo para comprar uma pulseira de relógio para o homem, ao mesmo tempo em que o homem vendia o relógio para comprar um prendedor de cabelo para a mulher); O que os olhos não vêem o coração não sente; A fada que tinha idéias; O menino maluquinho; Flicts; Pipi Meialonga (adaptada por Orígenes Lessa);*

Memórias de um cabo de vassoura; Confissões de um fusca; Bule de café; Maneco, caneco, chapéu de funil; A breve história de Asdrúbal, o terrível; Reinações de Narizinho (contada); A chave do tamanho; O Minotauro (e toda a série do Lobato); Histórias cantadas e outros poemas (Mundo da Criança); Lendas Brasileiras (contadas pelo palhaço Arrelia!); O caso da borboleta Atíria (e vários da Coleção Vaga-Lume, especialmente os da série do Xisto); O cachorrinho Samba (e O Cachorrinho Samba na floresta, O Cachorrinho Samba na fazenda); A ilha perdida e A montanha encantada (que também eram da Série Vaga-Lume, eu acho); Corda bamba; O sofá estampado; Ou isto ou aquilo; Os saltimbancos; Fábulas de Leonardo da Vinci (era um livro lindo, muito grande, ou ao menos parecia muito grande, e bem ilustrado, com a escrita ao contrário do Leonardo estampando as folhas de guarda); Arca de Noé; Zero zero alpiste; Raul da ferrugem azul, O burrinho azul (ou era O cavalinho azul?), etc. Gostava das histórias em quadrinhos da Mônica e do Pererê (não gostava do Mickey e do Pato Donald, mas gostava dos filmes da Disney) e gostava de ler livros didáticos, textos de enciclopédia e do tipo “grandes vultos da humanidade” (histórias de inventores, etc.).

Na adolescência, a preferência de leitura de Anelise ficava por conta dos títulos “não escolares”. Os autores mais significativos nesta etapa da vida de foram: Poe; John Fante; Henry Miller; Bukowsky; Kurt Wonnengut; o autor do *Mochileiro das Galáxias*, cujo nome diz ter esquecido; Cortazar; Kafka (a respeito desses dos dois últimos, comenta: *sabe-se-lá o que eu entendia do que estava sendo lido, mas era gostoso de ler mesmo assim*); Salinger; os poemas de Emily Dickinson, Rimbaud e Baudelaire. Dos autores brasileiros, gostava de Augusto dos Anjos, Cruz e Souza e Clarice Lispector. Informa que na época não apreciava os romances de Machado de Assis, pois era obrigada a ler na escola. Das leituras impostas no colégio,

apreciava os romances urbanos de Erico Verissimo e os contos de Luís Fernando Verissimo. Os quadrinhos enriqueciam o cardápio de leitura de Anelise, entre eles: *Sandaman*, os que eram publicados na revista *Animal*, os quadrinhos de Will Eisner, os do Manara, o *Little Nemo*, etc. Além disso, deleitava-se com a leitura de biografias, entre elas menciona *Olga* e *Lady sing the blues* e de textos de História do Brasil e História Geral. Atualmente, Anelise comenta ter pouco tempo para as leituras de lazer, uma vez que têm lido apenas obras em estudo nas disciplinas do curso de Mestrado, textos informativos e histórias para seu filho.

Muitos dos autores importantes na adolescência de Anelise foram igualmente importantes para a minha adolescência e isso é mais do que mera coincidência. Tínhamos um grande amigo em comum. Isso nos tornou bastante próximas. Ingressamos juntas na FAPA, ou melhor, juntos: eu, Ane e Rodrigo John, o amigo que nos apresentou. Na faculdade, nós três andávamos sempre unidos e um dos nossos destinos comuns era a biblioteca. Mas voltemos ao relato da Anelise que, afinal de contas, é o que interessa. O motivo pelo qual ela resolveu participar do CLIC foi a possibilidade de ter um contato direto com as crianças; de aprender com a prática de leitura não relacionada ao ambiente escolar; de integrar um projeto que oferece um retorno à comunidade: *por mínimo que seja, dá acesso a livros para pessoas que não têm condições de adquiri-los.*

Segundo Anelise, quando cursava a Especialização em Literatura Infantil na PUCRS, chegou a ver um pouco do início do projeto. Naquela época, o espaço na Vila Fátima estava sendo organizado. Anos mais tarde, ela voltou a PUCRS para cursar o Mestrado em Letras e ingressou no CLIC como mediadora. Sua avaliação dessa experiência é a seguinte: *Estou de volta há pouco tempo, até então só tive experiências positivas: a organização das crianças é admirável; eles respeitam o*

espaço; utilizam o material com cuidado e sem desperdiçá-lo; posicionam-se em círculo, sentados no tapete, quase automaticamente quando chegam; fazem relações entre os textos lidos e o seu dia-a-dia (e mesmo entre outros textos); têm referências de imagem (reconhecem um quadro de Picasso, uma Mona Lisa, etc.). Anelise pretende continuar mais tempo atuando nas oficinas, porque leva do CLIC o aprendizado através da experiência. Para ela, leitura significa uma forma de contato com o mundo a cujo acesso todos deveriam ter. Um mediador de leitura deve propiciar essa aproximação e fazer da leitura uma atividade prazerosa e transformadora.

Adriana Elisabete Bayer está engajada à tarefa de fazer da leitura uma atividade prazerosa e transformadora. Ingressou no CLIC tão logo foi aprovada no Curso de Mestrado em Letras e vem demonstrando grande interesse em contribuir para o seu sucesso. Participa ativamente das reuniões, posicionando-se a respeito dos temas comentados. Depois dos encontros da equipe, eu, ela, Viviane, Anelise e Paula Mastroberti (que você vai conhecer daqui a pouco), vamos juntas ao café da Faculdade de Comunicação Social/ FAMECOS e continuamos a conversar sobre o CLIC, como se a reunião do grupo ainda estivesse ocorrendo. Das conversas extra-oficiais, surgem novas pautas a serem levadas para discussão da equipe. Ao responder ao questionário de pesquisa, Adriana foi bastante sucinta e, por isso, você talvez não a reconheça na descrição efetuada nas linhas anteriores. Esclareço, porém, que muita coisa já se passou da etapa da coleta das respostas até hoje. Na época em que teve o questionário nas mãos, Adriana estava dando os seus primeiros passos no projeto. Leve isso em consideração na hora de ler essa breve história.

Na infância, Adriana tinha acesso aos livros somente na escola. Seu avô, *quase um Blau Nunes*, era um excelente contador de histórias e ela atribui a ele seu interesse por ouvir histórias: *eu gostava daquele mundo mágico presentificado através da narração. Esse foi meu estímulo*. Em casa, Adriana não tinha possuía livros, porque sua família era bastante pobre, *logo, a primeira necessidade era a sobrevivência*. A leitura começou a fazer parte de sua vida somente quando entrou para a escola. No ambiente escolar, o encantamento surgiu com a leitura dos contos dos irmãos Grimm, Perrault e Andersen. Ela lembra que gostava muito da história do Barba Azul.

Na adolescência, Adriana lia vorazmente. Preserva com carinho, na memória, o encontro com os seguintes autores: Agatha Christie, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Erico Verissimo. Também menciona ter lido a Bíblia, mais especificamente, o primeiro Testamento. Hoje em dia, lê com bastante frequência *para conseguir dar conta da vasta bibliografia exigida no Mestrado*. Considera-se uma leitora por ler, em média , um livro por dia.

Adriana chegou ao CLIC por intermédio de uma colega que conheceu durante a graduação em Letras na UNISINOS, a Talita. Adriana reencontrou Talita quando chegou a PUCRS e ela lhe falou sobre o projeto e lhe convidou para integrar a equipe. Suas primeiras lembranças estão relacionadas às reuniões semanais da equipe. A esse respeito, comenta: *Gosto de ouvir o coletivo. Tenho dificuldade com individualismos*. Na Vila Fátima, ministrou a oficina Literatura e Computador. Realizando uma avaliação sobre a experiência, considera positivo *o fato de poder estar em um projeto em uma comunidade “carente” (não gosto dessa palavra, mas falta-me algo mais adequado)*. O aspecto negativo fica por conta do afastamento temporário do CLIC de sua sede original *(no fim essa experiência acabou positiva...)*.

Adriana julga ser cedo para responder o que leva do CLIC para a vida. Todavia, define seu sentimento em relação à leitura e ao papel do mediador. Vê a leitura como uma possibilidade de se colocar no lugar do outro. Sobre a atuação do mediador, comenta: *para mim um mediador de leitura deve fazer de cada encontro um momento de encantamento.*

Paula Mastroberti vem proporcionando às crianças esses momentos de encantamento desde que passou a integrar a equipe de mediadores do CLIC. Ela iniciou sua intervenção na comunidade, na ocasião em que estávamos atuando na Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto. Quando respondeu ao questionário, estava recém ingressando no projeto e, por isso, foi lacônica em suas respostas, para espanto de quem a conhece. Atualmente, em nossas reuniões, faz parte do grupo verdadeiramente empenhando em refletir sobre os rumos do projeto. Além disso, devido a sua formação em artes plásticas, desempenha um papel muito importante, ministrando oficinas para os mediadores sobre a leitura dos aspectos gráficos das obras infantis.

Na infância, Paula interagiu com o material escrito e era estimulada pelos pais a ler. Desde pequena, foi fascinada pelo *Antigo Testamento*, aprendendo a ler na *Bíblia*. Ao ler pela primeira vez em voz alta, para mostrar aos pais que já estava alfabetizada, escolheu a cena do nascimento de Jesus. Depois disso, começou a gostar de mitologia grega, de aventuras como *O corsário negro* e o *Conde de Monte Cristo* e de contos de fantasia em geral.

Na adolescência, sua relação com os livros foi intensa: *quando a gente diz que leitura salva, é da adolescência que a gente está falando. Lia de tudo, de porcarias a coisas boas, de quadrinhos a poesia. As publicações e os autores que*

deixaram marcas nesse período foram: os quadrinhos da *Heavy Metal Magazine*; Agatha Christie; a trilogia sobre a história de um clã da China, cujo nome não lembra, de Pearl S. Buck; Baudelaire; *Fausto*, do Goethe. Aos dezoito anos, Paula menciona ter lido toda a *Comédia Humana*, de Balzac.

Quando questionada sobre sua relação atual com a leitura, afirma nem sempre lê o que gostaria. Estão na fila para serem lidos: Suassuna; Shakespeare, para reler em inglês e *Abusado*. Os poetas também a aguardam na estante, diz que *gosta de ler salteando* e lista: Manoel de Barros, Carpinejar, Carpi, Alexei Bueno. Entre as publicações sobre artes plásticas, ela cita Hans Belting e Arthur Danto. Considera-se compulsiva tanto na hora de comprar, como no momento de ler: *no mínimo três livros ao mesmo tempo*. Paula diz ler por entretenimento, vício, pesquisa, informação, formação. A finalidade de suas leituras é *erótica e visceral, porque fundamental e existencialmente eu sou, acima de tudo, uma leitora. Até quando estou escrevendo eu sou uma leitora*.

A leitora Paula chegou ao CLIC atraída pelos objetivos de inclusão social do projeto, aliados ao vínculo acadêmico. A lembrança mais remota ligada ao CLIC é a primeira reunião do grupo da qual fez parte: *não entendi bulhufas, mas adorei o clima*. A partir de então, atuou no Coelho Neto, *como agitadora cultural*, onde ministrou uma oficina de Literatura e Criação Gráfica. Explicita não ter condições de realizar uma avaliação sobre o trabalho: *é muito cedo, porque não finquei o pé no projeto ainda. Gostei de todas as experiências, mas é claro que trabalhar na escola não era exatamente o que eu entendia de um projeto como o CLIC*.

Do CLIC para a vida, leva a sensação de ser incluída no coletivo: *Como artista e escritora, sempre me sinto um pouco isolada. Participar de projetos como o*

CLIC me dá a sensação de que estou agindo mais concretamente. Dá sentido para minha vida de artista e escritora, é isso. Para Paula, a leitura é sinônimo de prazer, de consciência e de integração de idéias. O mediador de leitura deve provocar nos outros aquilo que a leitura provoca nele. Para ser mediador de leitura, tem que ser apaixonado pelo ato de ler.

Para provocar nos outros aquilo que a leitura lhe provoca, **Cristiane Domingues** ministra no CLIC oficinas de Literatura e contação de histórias. Como Adriana e Paula, ela também respondeu ao questionário no início de sua atuação no projeto. Desde então, já desenvolveu novas idéias, como o trabalho de incentivo à leitura de poesia, realizado durante os encontros da biblioteca. Cristiane é introvertida e fala pouco. Por isso, suspeito que, independente do tempo no projeto, as linhas de suas respostas continuariam a reproduzir seu silêncio. Com esse silêncio, no entanto, Cristiane vem fazendo barulho na comunidade. As crianças a adoram e apresentam crescimento significativo ao longo de sua oficina. Deixemos que ela, a seu modo, nos conte essa história.

Durante a infância, Cristiane tinha contato com livros, jornais e revistas, mas preferia os livros. Era estimulada a ler pela família. A leitura fazia parte de suas atividades infantis, pois freqüentava sempre a biblioteca da escola; com isso, os livros tomados de empréstimo a acompanhavam durante todo o ano letivo. Nas férias, seus pais lhe compravam obras para leitura. Dois títulos não saem de sua lembrança: *A casa das quatro luas* e *O pequeno príncipe*.

A adolescência de Cristiane não foi marcada por nenhuma obra específica. Lia os títulos que lhe eram sugeridos e alguns outros que encontrava, ao acaso, na biblioteca. Hoje, a leitura faz parte do seu cotidiano. Cristiane lê para estudar, uma

vez que está cursando o Mestrado em Letras, e também por satisfação pessoal. Considera-se uma leitora, porque o ato de ler está incorporado ao seu jeito de viver.

Tendo o ato de ler incorporado ao viver, Cristiane chegou ao CLIC, pois achou que seria gratificante realizar um trabalho de incentivo à leitura como projeto social. Desenvolveu as oficinas de Literatura e Imagem e Literatura e Contação de Histórias e menciona os aspectos positivos do trabalho: as crianças que mudaram de atitude diante do livro, passando a gostar de ler; a melhora relevante dos participantes nos estudos depois de freqüentar as oficinas e o seu entusiasmo pelo projeto.

No futuro, a partir da experiência realizada no CLIC, Cristiane planeja ajudar os professores do Ensino Fundamental a trabalhar a literatura de forma mais lúdica e prazerosa na sala de aula. Do CLIC para a vida, ela leva a importância do trabalho social com crianças da classe popular e a valorização da literatura na escola. Para Cristiane, a leitura é um ato prazeroso, divertido. Ao mediador de leitura, fica reservada a tarefa de *motivar o aluno para que ele seja um futuro leitor*.

Maurício Piccini, além de motivar as crianças do CLIC a serem futuros leitores, nos ajuda – e muito – quando o assunto é informática. Formado em Ciências da Computação, realizou um curso de especialização em Literatura Infantil e foi convidado a participar do projeto. No CLIC, ministrou as oficinas de Literatura e Computador e participou da elaboração das unidades virtuais de ensino da literatura. Trabalhamos juntos nessa empreitada, que não teria saído do papel, de forma tão bonita, sem o seu olhar técnico. Ele nos revelou as possibilidades que o computador tinha a oferecer para enriquecer a proposta. Atualmente, Maurício está concluindo o Mestrado em Letras e já apresentou um projeto para o Doutorado, também na área

de Letras. Como o envolvimento do Maurício com as palavras começa há muito tempo atrás, voltemos ao princípio de tudo, no ponto onde inicia sua relação com a leitura.

Quando pequeno, Maurício lembra de ouvir a Coleção de Monteiro Lobato, que ainda hoje guarda em casa, lida pelos pais. Por muito tempo, julgou ter lido (ou ter ouvido) a história de *Peter Pan*. Recentemente, descobriu que ele mesmo havia lido a história do menino que se recusava a crescer, na versão do autor do Sítio. Além dos livros de Lobato, não recorda de nenhum título expressivo em sua infância. A respeito dos livros impostos pelo colégio, comenta: *eu sempre abria, passava os olhos e fazia um resumo*. Com as histórias em quadrinhos, manteve um contato freqüente: desde Pato Donald, até *Sandman*, que continua lendo.

Maurício não foi um leitor literário na adolescência. Preferia ler títulos sobre Física, dos autores Stephen Hawking e Freeman Dyson: *Dyson de mais agrado do que Hawking, que eu lia porque era moda, acho*. Vez ou outra, afirma ter lido textos literários nesse período: *li Dom Casmurro por querer. Também li Código Gênesis, um livro do início da década de 90, que traz muito do que apareceria em Código Da Vinci, só sem o Da Vinci*. As histórias em quadrinhos continuavam motivando seu interesse: *continuei com um gosto “velado” por Pato Donald (que é muito melhor que o Mickey, Tio Patinhas e afins)*. *Heróis como Spawn me pareciam muito bem elaborados. Sandman veio mais tardiamente e apresentou um mundo muito mais complexo do que simplesmente combate de bem ou mal, o que trazia um conceito novo para o que significava uma boa história para mim*. *Nos livros “não-ficcionais”, comprei e ainda leio às vezes (está ao lado da minha cama) Infinito em todas as*

direções, de Dyson. Embora o conteúdo seja científico, ele trata a ciência como uma espécie de descoberta do imaginário.

Atualmente, a leitura tem espaço no cotidiano de Maurício, em função dos seus compromissos acadêmicos, mas ele desejava ter mais tempo para ler aquilo que lhe dá prazer. Considera ser um bom leitor, porque quer ser e gosta de ser. A respeito da finalidade das leituras que realiza, confessa: *a maioria das vezes leio por obrigação. Claro que me esforço ao máximo para ler o mínimo possível do que está estipulado no cronograma das disciplinas. Prefiro ler o que me agrada (por prazer) e o que parece diferente do que eu já havia lido nas aulas (para pensar diferente, não adianta ler os mesmos autores nas aulas de Teoria da Literatura Infanto-Juvenil, Literatura Infantil Brasileira e Narrativa, é absolutamente inútil).*

Maurício chegou ao CLIC motivado pela *possibilidade de trabalhar com computador na literatura, tanto no uso dele como ferramenta, quanto no uso dele como meio de exercício literário.* As primeiras memórias ligadas ao projeto são o ônibus indo para a Vila e uma menina que lhe perguntou se o cachorro de sua namorada se escondia de baixo da cama quando ouvia um tiro. Ao avaliar sua experiência no CLIC, atuando como mediador e como programador de unidades virtuais de ensino, cita como aspectos positivos: a facilidade em fazer com que as crianças abracem o computador como parte do processo de leitura e escrita; além disso, menciona o fato de crianças semi-alfabetizadas se moverem pelo micro com a mesma desenvoltura das alfabetizadas, o que, na sua avaliação, demonstra como o computador é democrático. Como aspectos negativos, aponta a dificuldade de estabelecer uma relação com as crianças que não conseguem visualizar a finalidade do trabalho; além disso, ressentem-se da falta de alguém para dialogar sobre o uso do

computador como modo e não como ferramenta. Maurício é o único integrante do grupo vindo da área da Informática.

Para não perder a piada, Maurício responde que, por enquanto, só leva do CLIC *trabalho para casa*. Em seguida, volta a falar sério para definir, com seu olhar de informata, a leitura e o papel do mediador. Para ele, ler é exercitar o pensamento não-cartesiano sobre o mundo, formar mitos e desmontá-los só para começar de novo do zero. Um mediador de leitura deve descobrir o que pode agradar a um leitor e mostrar para ele que aquilo existe.

Marcelo Buckowski está empenhado em descobrir como pode agradar aos leitores da Vila Fátima. Estudante do curso de graduação na Faculdade de Letras, ele tem *crescido e aparecido* ao longo de sua participação no CLIC. Suas primeiras intervenções nas reuniões do grupo eram acompanhadas do bordão: *tá ligado?* O problema é que Marcelo nem sempre estava ligado. Com o tempo, no entanto, foi tomando pé e assumindo uma postura mais séria, refletida imediatamente em sua linguagem (abandono do excesso de gírias) e no comprometimento com a formação de leitores. Em mais de uma ocasião, Marcelo trouxe ao grupo reportagens a respeito de iniciativas ligadas à leitura, para que as ações pudessem inspirar futuros desdobramentos do projeto. Marcelo sonha com o futuro do CLIC e é parte desse futuro, mas ninguém melhor do que ele para nos contar tudo isso.

Na infância, Marcelo possuía muitos livros de literatura infantil, comprados pelos pais. Ele lembra de sua mãe lhe contando histórias do Sítio do pica-pau amarelo. O estímulo em relação à leitura ficava por conta não só da mãe, mas também da avó, que narrava histórias de livros clássicos. O pai, apesar de estimular Marcelo a ler, não era um leitor. Durante a infância, Marcelo lia sem muita

freqüência, uma vez que a leitura não era um hábito e, por isso, ele não tinha necessidade de ler um livro atrás do outro: *eu gostava de ler, mas não ficava mal se não ganhava um livro*. Além disso, havia o videogame que o afastava, muitas vezes, dos livros.

Na adolescência, Marcelo viu despertar o gosto por um gênero literário que o fascina até hoje - a narrativa policial. *Adoro histórias de detetives*, confessa. Os livros de Agatha Christie e Georges Simenon são citados como os preferidos. Atualmente, Marcelo dedica-se à leitura de *todos os livros cobrados pela Faculdade*. Sobre isso, diz: *tenho que ir bem na Faculdade, então leio tudo o que pedem e o que indicam como apoio*. Marcelo considera-se um leitor porque lê regularmente, porque “*pegou*” o costume de comprar livros, de retirar obras da biblioteca e de ler com prazer. *Sinto falta da leitura quando não leio*, reflete.

O principal motivo que levou Marcelo a participar do CLIC foram as oportunidades oferecidas pelo projeto aos mediadores *de poder testar as atividades, de poder errar e saber que, com esses erros, a gente está aprendendo a acertar*. Ele avalia que as atividades criadas no CLIC vão ser muitos úteis ao seu futuro profissional. Além disso, com o projeto, também aprendeu a entrar em uma sala de aula, a tratar os alunos e a tornar o ambiente das oficinas agradável. Suas primeiras lembranças relacionadas ao CLIC são *as reuniões que sempre foram maçantes hehehehe! Mas acredito que as reuniões têm uma importância, fazer com que todos os participantes do projeto entendam os objetivos da pesquisa*.

Ao longo de sua atuação, Marcelo lista suas atividades no grupo: *desenvolvi métodos de organização da biblioteca do CLIC; desenvolvi métodos de incentivo à leitura; desenvolvi projetos como as oficinas culturais, que eu aplicava nas oficinas*

de biblioteca; desenvolvi passos para incentivo de leitura para crianças não leitoras; desenvolvi atividades relacionando música e literatura infantil e fiz uma pesquisa no Canadá, que me trouxe novos olhares para o projeto, idéias que eu quero esperar a hora certa de propor.

Avaliando sua atuação como mediador, destaca que, em todas as aulas ministradas, os alunos lhe passam muito carinho. Marcelo sente-se realizado quando eles lhe pedem auxílio na leitura, e dizem que gostam de ler ou, ainda, quando conseguem ler sozinhos. Por outro lado, fica chateado ao planejar uma aula e constatar que ocorreu tudo errado, *mas isso não é tão negativo assim, com isso, podemos melhorar.*

Quanto ao futuro, Marcelo garante não pretender sair do projeto tão cedo: *quero fazer Mestrado na área de Literatura Infantil, que a Vera me fez ver que é uma boa área de trabalho, então acho que vale a pena tentar. Quero fazer Doutorado, se possível um Doutorado em Filosofia também.* Sobre o que leva do CLIC, afirma: *do CLIC, eu levo tudo, o projeto foi tão importante para mim quanto a Faculdade, acho que aprendi muito mais no projeto de pesquisa do que na própria Faculdade, a Vera me ensinou muitas coisas também. Toda a questão humanitária, sinto que me tornei muito mais humano com as pessoas, após ter entrado no CLIC.* Para Marcelo, leitura significa prazer. Ele acha que um mediador de leitura deve ser uma pessoa muito correta e paciente, que deve entender as diferenças entre os alunos e, com base nelas, criar diversas formas de formar leitores.

Com a fala de Marcelo, a recuperação da história de leitura dos mediadores e de sua trajetória no CLIC chega ao fim. No próximo capítulo, com a ajuda das vozes

aqui estão registradas, revelo caminhos para que a felicidade clandestina do encontro com o livro se perpetue.

PARA PERPETUAR A FELICIDADE CLANDESTINA

... Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. (...) Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois, abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa (...). Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. (Clarice Lispector – *Felicidade clandestina*.)

A paixão pela leitura é tema do conto *Felicidade clandestina* de Clarice Lispector. Na obra, a dificuldade de acesso ao livro é descrita ao longo de muitas linhas, para que a narradora possa dimensionar a felicidade (clandestina) experimentada quando, finalmente, consegue ter em mãos o sonhado exemplar de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

A alegria do encontro com uma obra é mesmo clandestina para quem vivencia algum tipo de empecilho, que o afaste dos livros. Como vimos ao longo do estudo, que envolveu espaços sociais diferenciados, cada classe social enfrenta problemas distintos relacionados à leitura. Nas classes populares, o acesso ao

material escrito é precário. Além disso, os leitores apresentam grandes dificuldades de decodificação dos textos, geradas e agravadas pela falta de qualidade do sistema público de ensino. Nas classes média e alta, o livro concorre com outros atrativos, como as novidades eletrônicas, por exemplo. O espaço da leitura fica reduzido à escola, onde as obras literárias costumam ser impostas de forma equivocada. Para reverter essa situação, a mediação de leitura faz-se necessária e, para que ela ocorra, é preciso formar um educador, cujo desafio é criar e/ou perpetuar a felicidade clandestina do encontro com o livro.

No CLIC, muitos mediadores vêm sendo formados desde 1996 e, para refletir sobre a mediação de leitura, analisei o conteúdo das entrevistas concedidas pelos sujeitos que tiveram voz nesse estudo. Sei que a ficção, em pequenas ou grandes doses, pode estar escondida nos relatos. Acredito, no entanto, que tal fato não invalida o instrumento de pesquisa, pois as identidades narrativas construídas revelam tanto quanto depoimentos “reais”. Dito isso, vamos às histórias de leitura, pois elas desvendam caminhos a serem trilhados ou evitados, por quem atua formando leitores.

Na infância, todos os entrevistados afirmam ter tido contato com material escrito. A maioria tinha acesso a livros em casa, exceto Frieda e Adriana, que encontravam na escola as obras a serem lidas. Nos demais relatos, a família aparece como a principal divulgadora da leitura. O incentivo fica por conta do exemplo silencioso dos pais leitores e das histórias lidas ou contadas por parentes. Os momentos de ouvir histórias são mencionados em tom de afeto nas entrevistas de Letícia, Renata, Adriana, Anelise, Viviane e mesmo na minha fala, fato bastante significativo para quem busca, na história de leitura do mediador, caminhos para formar leitores. Você deve lembrar de Daniel Pennac e Eliana Yunes, teóricos que

tiveram voz nos capítulos iniciais desse estudo. Eles advogavam em prol da leitura em voz alta e da contação de histórias, descritas como armas poderosas na sedução de leitores. As mediadoras listadas anteriormente, que experimentaram o prazer de ouvir uma história ou a leitura de uma obra (e aqui também me incluo), atestam a eficácia do método.

Todos os entrevistados citaram leituras realizadas durante a infância, porém, o envolvimento e a relação de cada um com o ato de ler, nesse período, varia bastante. Para evidenciar tal afirmação, destaco alguns exemplos. Para Marília, a leitura não era uma prioridade, fato evidenciado na descrição dos momentos destinados aos livros: em caso de ficar de cama, em dias de chuva, nas atividades escolares e antes de dormir. Diógenes não tinha acesso a uma grande variedade de obras, mas a leitura é mencionada entre as alternativas de diversão. Para Viviane e Renata, leitura também era sinônimo de brincadeira. Ambas relatam a criação de jogos a partir do encontro com os livros. Marcelo e Paula Muhle revelam não ter o hábito de ler nesse período, ao contrário de Anelise, que leu muito, pois freqüentava uma biblioteca infantil, enquanto a mãe trabalhava. Por isso, ela guarda na memória uma infinidade de títulos.

Falando em obras destacadas nos relatos, os contos de fadas e as histórias em quadrinhos são os gêneros mais lembrados quando o assunto é preferência de leitura na infância. Monteiro Lobato, por sua vez, tem seu nome ligado à trajetória de cinco mediadores (e aqui me incluo novamente). O autor entra em minha vida, na de Letícia, na de Anelise, na de Maurício e na de Marcelo da mesma forma: através da intervenção de algum familiar, que nos leu ou nos contou as histórias do *Sítio*. Anelise declara que depois de ouvir *Reinações de Narizinho*, leu toda a coleção de Lobato. No meu caso, além de conhecer os outros títulos, quando comecei a ler

fluentemente, voltei às histórias que me haviam sido contadas. A intervenção competente dos nossos familiares revela a importância do afeto na conquista de leitores.

Se a mediação de leitura se mostrou eficaz na infância da maioria dos mediadores, o mesmo não pode ser dito da adolescência, período no qual as leituras escolares entram em cena. Vejamos o porquê de tal afirmação. Frieda passou a ver a leitura como algo “chato”, graças aos títulos impostos pela escola. Paula Muhle afastou-se dos livros, fato que atribui às fichas de leitura. Diógenes realizou algumas leituras prazerosas no colégio, mas considera os clássicos da literatura brasileira como o grande desafio do Ensino Médio. Renata lia menos na adolescência do que na infância. Dividia seu tempo entre as leituras prazerosas, feitas antes de dormir, e as leituras obrigatórias, realizadas à noite só quando os textos lhe agradavam. Anelise assegura que preferia os títulos não-escolares. Ela não gostava dos romances de Machado de Assis, impostos no colégio. Maurício não foi um leitor literário, preferia obras de Física; mesmo assim, afirma ter lido *Dom Casmurro* e ressalta: *porque eu quis*. Para Luís Pedro, a autonomia na escolha dos títulos também era importante: *lia obras do meu gosto e interesse*. Cristiane não lembra de nenhuma leitura significativa realizada nesse período. Marília buscava títulos em uma *Coleção da Editora Abril*. Leticia assegura que a adolescência foi o período em que mais leu. Entre as obras que lista, no entanto, não aparecem leituras escolares. O mesmo acontece com Paula Mastroberti. Na adolescência, Marcelo adquiriu o hábito da leitura longe da sala de aula, quando “descobriu” a narrativa policial. No relato de Adriana, leitora voraz na juventude, figuram autores clássicos, que provavelmente conheceu na escola, como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Erico Verissimo. Se Adriana começa a destoar do coro dos descontentes com as leituras

escolares, Viviane desafina completamente esse coral. Ela menciona vários textos canônicos, reencontrados na escola, uma vez que já haviam sido lidos anteriormente por livre e espontânea vontade. Mas será que o fato de Viviane ter tido um primeiro contato prazeroso com os clássicos da literatura brasileira não contribui para que eles figurem na sua relação de livros favoritos?

Dos quatorze entrevistados, doze revelam preferência por títulos não escolares. Em muitos relatos, as leituras obrigatórias são explicitamente mencionadas como uma experiência negativa (e aqui poderia me incluir). Nas linhas e entrelinhas das entrevistas, a adolescência é o período no qual se estabelece uma clara divisão entre duas formas de contato com o livro: o obrigatório e o prazeroso. O encontro prazeroso pode acontecer dentro da escola, mas isso é raro, conforme a voz dos entrevistados. Buscando uma explicação para o desinteresse dos alunos pela literatura “escolarizada”, voltemos ao segundo capítulo desse estudo, onde encontramos as palavras Edgar Morin, Rildo Cosson, Charles Sarland e Michèle Petit. Para os teóricos, a escola peca quando submete o ensino da literatura ao ensino da língua; quando confere mais espaço ao conhecimento histórico da produção literária do que ao próprio texto; quando desconsidera e ridiculariza as leituras que os alunos realizam fora do ambiente de ensino; quando deixa de abrir o leque de possibilidades de encontro com o livro.

Para reverter a realidade do ensino da literatura e fazer com que o prazer de ler seja regra e não exceção dentro da sala de aula, o mediador de leitura do CLIC é formado não só para intervir junto às crianças, mas também junto aos professores. A tarefa do mediador em relação aos educadores nem sempre se resume em fazer com que eles modifiquem a forma de trabalho a partir do texto literário. Ao longo de nossa atuação em escolas, encontramos muitos professores não leitores. Nesses

casos, a primeira missão do mediador é incentivar o encontro do docente com o livro. Isso posto, voltemos às entrevistas.

Quando questionados a respeito de sua relação atual com a leitura, os mediadores repetem a divisão entre leituras obrigatórias e leituras prazerosas, estabelecida durante a adolescência. As leituras obrigatórias aparecem ao longo dos relatos como leituras de estudo, leituras de trabalho, leituras de pesquisa e leituras acadêmicas. O espaço para as leituras de fruição é sagrado para os mediadores. Renata, Viviane, Anelise, Paula Mastroberti e Maurício, por exemplo, expressam a insatisfação pela falta de tempo para a realização de leituras prazerosas. Eles estão envolvidos com as exigências dos cursos de Mestrado e Doutorado. De acordo com Renata, as leituras acadêmicas exigem uma outra postura diante do texto, impedindo a gratuidade, base do encontro prazeroso com o livro.

Dos quatorze entrevistados, treze se dizem leitores, uma vez que o ato de ler está incorporado ao seu dia-a-dia, seja por trabalho, seja por lazer. A exceção fica por conta de Paula Muhle, uma leitora em formação. Você pode estar se perguntando como alguém que ainda não é um leitor, exerce a função de mediador. A resposta é simples. O CLIC é um grupo de pesquisa, aberto à participação de todos os interessados. Por isso, muita gente já passou pelo projeto. E passou mesmo, bem rápido e sem deixar marca alguma. O fato mencionado anteriormente poderia comprometer o andamento do trabalho, não fosse um detalhe: os novos integrantes ou os participantes que, por algum motivo, ainda não apresentam condições de atuar sozinhos como mediadores, agem em dupla com um educador mais experiente. Paula Muhle ministra oficinas junto com Renata. Ao lado de Renata, ela não só aprende a conquistar leitores, mas também vai sendo conquistada pela leitura. Todos saem ganhando, conforme Paula já percebeu:

Cheguei ao CLIC, primeiramente, para ver o que era e como funcionava. No entanto, após ver um crescimento tanto dos alunos, como meu, me apaixonei por trabalhar com incentivo à leitura. No CLIC, os mediadores formam-se em ação.

Muitos entrevistados, assim como Paula Muhle, destacam ganhos pessoais em sua atuação no projeto. Para Frieda, o CLIC foi um aprendizado de vida que a ajudou a crescer em muitos sentidos. Marília descobriu o meio de sintetizar sua formação em psicologia com a vontade de criar. Luís Pedro encontrou em nossa biblioteca vários títulos, ampliando seu repertório de leitura. Letícia menciona o quanto o CLIC contribuiu para sua formação profissional. Marcelo diz que aprendeu tanto ministrando oficinas na comunidade, quanto na Faculdade, pois teve a chance de ensaiar seus primeiros passos como professor.

Vivenciar uma situação de ensino já é uma oportunidade importante, realizar uma intervenção em uma comunidade periférica, no entanto, é uma experiência muito enriquecedora. Inúmeros são os desafios encontrados e, para superá-los, é preciso aliar força de vontade à criatividade. Cada obstáculo deixado para trás denota uma conquista pessoal e profissional do mediador, prova disso é que muitos dos que tiveram voz nesse estudo destacaram aspectos positivos nas dificuldades experimentadas. Vamos aos exemplos. Ao selecionar situações relevantes de sua atuação na Vila Fátima, Viviane relembra momentos intimamente relacionados à vitória sobre adversidades. Adriana marca como um fato negativo o afastamento do CLIC de sua sede original (período em que atuamos em um grupo escolar da comunidade), em seguida, comenta: *acabou sendo positivo*. Se você lembra, a estada do CLIC na Escola Estadual Coelho Neto foi bastante conturbada, exigindo jogo de cintura de toda a equipe. Graças a isso, Diógenes e Marcelo aprenderam a redimensionar as atividades planejadas e a lidar com o comportamento das crianças.

Marília resume o sentimento do grupo em relação às dificuldades enfrentadas, quando confessa que elas são importantes e estão longe de ser algo negativo, uma vez que constituem uma experiência de vida e de formação profissional.

Experiência transformadora de vida, na avaliação dos mediadores, é o encontro com o livro, fato evidente nos exemplos destacados entre as definições sobre a leitura. Quatro entrevistados sublinharam os processos de descoberta desencadeados a partir da leitura: descoberta de si, do outro, do real e da vida. Cinco mediadores definiram o ato de ler com o auxílio de sinônimos. Todos utilizaram a palavra prazer. O acesso à leitura como um direito, que deveria ser de todos, foi mencionado por dois mediadores. Ao sintetizar o que aprenderam no CLIC sobre promoção de leitura, os entrevistados listam as funções do mediador: ele deve transmitir o seu próprio gosto, convencer pela paixão, exemplo e envolvimento com os livros; deve ser um mediador de cultura e garantir o acesso a outras produções artísticas; deve multiplicar o conhecimento adquirido e fazer de cada encontro um momento de encantamento, ao abordar a leitura como uma atividade prazerosa e transformadora.

Os mediadores do CLIC não têm dificuldade alguma em abordar a leitura como uma atividade prazerosa e transformadora. Para estabelecer um perfil do grupo, tarefa nada fácil, devido às diferenças de formação, de experiência e de maturidade dos integrantes, busquei aquilo era mais recorrente nos relatos. Não foi difícil descobrir o ponto comum em vozes tão distintas: a associação da leitura ao prazer, fato que abarca a autonomia da escolha do material a ser lido e a gratuidade do encontro com o livro. A vivência prazerosa da leitura foi experimentada por muitos na infância, através do contato lúdico com os textos, por alguns na

adolescência, quando encontraram títulos instigantes, e por outros, está sendo formada durante sua permanência no projeto, por influência do meio.

Dessa forma, a responsabilidade dos mediadores mais experientes não está ligada só à formação de leitores fora do grupo de pesquisa, mas também, eventualmente, dentro da própria equipe. Além disso, o exemplo dos integrantes mais antigos, estimula o investimento dos demais em sua formação acadêmica. Quando entrei no grupo, estava fazendo uma Especialização e não tinha planos de continuar os estudos. No entanto, todos os membros da equipe estavam envolvidos com o Mestrado, ou com a escrita do projeto de tese para ingresso no Doutorado. Fui influenciada por eles e aqui estou. Hoje, vejo o Marcelo, estudante de graduação em Letras, estimulado a continuar sua formação, provando que a história que aconteceu comigo tem se repetido: *Quero fazer mestrado na área da literatura infantil, a Vera me fez ver que é uma área boa de trabalho, então acho que vale a pena tentar. Quero fazer doutorado, pós-doutorado e, se possível, um doutorado em filosofia também.*

O desejo que os mediadores tem de ir em frente impulsiona o CLIC. Nesses anos de atuação, o projeto passou por várias dificuldades, superadas pelo empenho e pelo comprometimento da equipe. Em 2007, enfrentamos muitos problemas na Vila Fátima, como a pouca frequência de crianças nas oficinas e alguns casos graves de indisciplina. Diante disso, temos a missão de reestruturar o CLIC para o próximo ano, buscando o apoio de alguém da comunidade, para ocupar o espaço deixado desde a saída do Luís Pedro. Para Ridder, teórico mencionado no primeiro capítulo desse estudo, para o bom andamento de uma ação de mediação na periferia é preciso contar com o reforço de um educador comunitário, fato que comprovamos na prática. No entanto, nossa experiência de mediação em várias

outras situações nos mostrou que sempre, independente de onde se desenvolva uma ação de promoção de leitura, é importante contar com apoio local. Nossa intervenção no Leopoldo Tietbölh, por exemplo, não teria sido um sucesso sem o comprometimento da direção da escola.

Comprometimento é o requisito necessário para permanência dos mediadores que chegam à equipe do CLIC. Os educadores são formados teoricamente, nas reuniões do grupo, e na prática, atuando na comunidade, na escola ou nas demais veredas que cruzam nosso caminho. A possibilidade de trabalhar na Vila Fátima atrai muitos interessados, mas é na comunidade periférica que os principais equívocos ocorrem. Quem não tem consciência da dimensão social e política de um trabalho de formação de leitores, assume uma postura equivocada, ao demonstrar piedade pela situação das crianças e adotar uma atitude meramente assistencialista. Essas pessoas estão mais preocupadas em levar lanches nas oficinas do que em fazer com que, através das histórias contadas e da possibilidade de acesso ao capital cultural dominante, a nova geração da Vila Fátima crie condições para mudar os contornos de um destino com ares de pré-determinado. Investindo na formação de mediadores e na conscientização da equipe, vemos, aos poucos, nosso trabalho render frutos. Luís Pedro me contou que, neste ano, três adolescentes da comunidade, participantes das primeiras oficinas do CLIC, ingressaram na Universidade. Fato novo na história da Vila Fátima.

Ao que tudo indica, a felicidade clandestina vem mesmo sendo perpetuada, graças à intervenção dos mediadores de leitura. No CLIC, mediar o encontro com o livro, na comunidade periférica ou dentro da escola, é revelar ao futuro leitor o prazer de ouvir uma história; facilitar o acesso a uma biblioteca; adotar uma metodologia que aborde a literatura de forma lúdica, fazendo do texto um meio para reflexão e

discussão de idéias; sugerir que a obra lida seja recriada em diferentes linguagens, estimulando o contato com as demais formas artísticas; escolher títulos de qualidade na hora da contação de histórias, mas respeitar as escolhas dos leitores quando estão na biblioteca.

Junto aos professores, a mediação consiste em levar cada um a refletir sobre o espaço que a leitura tem em sua vida; sensibilizar os não leitores ao encontro com o livro, através de palestras ou oficinas onde leituras possam ser realizadas; fazer com que descubram, na sua história de leitura, caminhos para conquistar leitores; apresentar um novo modelo para abordagem do texto literário em sala de aula e acompanhar sua implantação na escola; mostrar ao professor que ele também precisa ser um mediador, um agente empenhado na formação de leitores. O mesmo vale para o bibliotecário. Em qualquer local que atue, o mediador deve ser um exemplo de envolvimento com o livro e de comprometimento com o trabalho, pois sua postura educa tanto quanto suas palavras.

Dentro das linhas, essa narrativa termina aqui. Fora delas, continua. Ela foi registrada por uma medidora de leitura, formada pelo CLIC, que teve a preocupação de contribuir para a elaboração de parâmetros para formação e, conseqüente, atuação de mediadores, que possam inspirar outras pessoas ou grupos envolvidos na promoção de leitura.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: leitura e literatura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. *Entrevista*. IN.: Revista Porto & Vírgula. N. 53. Abr/Mai/Jun 2004.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.). *Poesia fora da estante*. Porto Alegre: Projeto, 1997.
- ALLENDE, Isabel. *Meu país inventado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *A curiosidade premiada*. São Paulo: Ática, 2000.
- APPLE, Michael. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1977.
- BAHLOUL, Joëlle. *Lecturas precarias: estudio sociológico sobre los "poco leitores"*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1998.
- BARROS, Manoel. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

- BUCKOWSKI, Marcelo. *Oficinas de leitura no CLIC: a formação de educadores para formar leitores*. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Relatório de pesquisa, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.
- CALVINO. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. IN: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CAPPARELLI, Sérgio. *A árvore que dava sorvete*. Porto Alegre: Projeto, 1999.
- CAPPARELLI, Sérgio. *O velho que trazia a noite*. Porto Alegre: Kuarup, 1997.
- CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2006.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2003.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ESCARPIT, Robert. *Hacia una sociologia del hecho literario*. Madrid: Edicusa, 1974.
- EICHENBERG, Renata Cavalcanti. *Brincar de ler: um método lúdico de ensino de leitura literária*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.
- FAUSTI, Carlines. *Literatura e cognição: uma proposta de formação inicial e continuada dos professores de Letras*. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Relatório de pesquisa, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.
- FICHTNER, Marília Papaléo. *Oficina de leitura e produção textual em diferentes linguagens*. Porto Alegre: PUCRS, 1996. Relatório de pesquisa, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.
- FINKLER, Gustavo. *A família sujo*. Porto Alegre: Projeto, 2002.
- FINKLER, Gustavo & GRABUSKE, Raquel. *Natal de Natanael*. Porto Alegre: Projeto, 2002.
- FINKLER, Gustavo & ZAMBELLI, Jackson. *A mulher gigante*. Porto Alegre: Projeto, 2004.

- GALEANO, Eduardo. *Mulheres*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- HAUSER, Arnold. *Sociologia del arte*. Barcelona: Labor, 1977.
- INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa: FCG, 1965.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed.34, 1999.
- JOSÉ, Elias. *Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1999.
- LAJOLO, Marisa. *O texto como pretexto*. IN:ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. São Paulo: Círculo do livro, 1985.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MEDEIROS, Martha. *Esquisita como eu*. Porto Alegre: Projeto, 2003.
- MEIRELES, Cecília. *Festa das letras*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979.
- MACHADO, Ana Maria. *O domador de monstros*. São Paulo: FTD, 2003.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARIJANOVIC, Stanislav. *Mais um pequeno manual de monstros caseiros*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2001.
- MAUGER, Gerard et al. *Histoires de lecture*. Paris: Nathan, 1999.
- MIGUEZ, Fátima. *Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula*. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MUHLE, Paula Barbosa. *A descoberta do eu através da leitura literária*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Trabalho de conclusão (Graduação em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. *De acervos e sua dinamização*. IN.: YUNES, Eliana (Org). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2002. p.120 – 135.

NUÑEZ, Eloy Martos. *Espaços de leitura: projetos, conteúdos e animação cultural*. IN.: RÖSING, Tania & BECKER, Paulo. *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. Passo Fundo: UPF, 2002. p.223 – 255.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERISSÉ, Gabriel. *Elogio da leitura*. São Paulo: Manole, 2005.

PETIT, Michèle. *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

PETIT, Michèle. *Nuevos Acercamientos a los jóvenes y la lectura*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

PIAGET, Jean. *O raciocínio da criança*. Rio de Janeiro: Record, 1967.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. São Paulo: Pontes, 1989.

RESENDE, Stela Maris. *Esses livros dentro da gente*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

RICHTER, Noé. *Le lecture & sés institutions*. Bibliothèque de l'Université del Maine & Plein Chant, 1987.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Portugal: Rés, s/d.

RIDDER, Guido de. *Médiateurs du livre: animateurs ou missionaires?* IN.: SEIBEL, Bernardette (Dir.). *Lire, faire lire: des usages d l'écrit aux politiques de lecture*. Paris: Le Monde, 1995. p.253-274.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANDRONI, Luciana. *Ludi na revolta da vacina*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

SARLAND, Charles. *La lectura en los jóvenes: cultura Y respuesta*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

SARTRE, Jean Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1999.

SOARES, Magda. *A escolarização da leitura literária*. IN.:EVANGELISTA, Aracy Alves Martins (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.

SOUZA, Gláucia de. *Saco de Mafagafos*. Porto Alegre: Projeto, 1997.

SOUZA, Gláucia de. *Tecelina*. Porto Alegre: Projeto, 2003.

URBIM, Carlos. *Saco de brinquedos*. Porto Alegre: Projeto, 1997.

VYGOTSKY, Liev. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Liev. *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Akal Bolsillo, 1982.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1989.

YUNES, Eliana. *Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo*. IN.: Revista Palavra, n° 7, PUC - Rio, 2001. p. 76-106.

ZILBERMAN, Regina (Org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, Regina. (Org). *A produção cultural para criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.

ZIRALDO. *O menino maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Instrumento de pesquisa

A LEITURA EM MINHA VIDA

- 1) Tinhas acesso a material escrito (livros, jornais, revistas...) na infância?
- 2) Alguém te estimulava a ler?
- 3) A leitura fazia parte das tuas atividades infantis?
- 4) Em caso de resposta negativa na questão anterior, que circunstâncias te afastavam da leitura?
- 5) Em caso de resposta positiva na questão 03, que livro (ou livros) marcaram a tua infância?
- 6) Como foi a tua relação com os livros na adolescência? Eras um leitor nessa época da vida?
- 7) Em caso de resposta negativa na questão anterior, que circunstâncias te afastaram da leitura?
- 8) Se foste um leitor na adolescência, que livro (ou livros) marcaram tua juventude?
- 9) Hoje a leitura tem espaço no teu cotidiano?
- 10) Qual a finalidade das leituras que realizas?
- 11) Atualmente, te consideras um leitor? Por quê?

MINHA HISTÓRIA NO CLIC

- 12) O que sabes sobre a criação do projeto?
- 13) O que te motivou a participar do CLIC?
- 14) Quais as tuas primeiras lembranças relacionadas ao projeto?
- 15) Que atividades desenvolveste no CLIC?
- 16) Na tua trajetória como mediador de leitura, menciona experiências positivas e negativas relacionadas ao trabalho no CLIC.

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...

- 17) Descreve tua trajetória profissional após teres saído do projeto e/ou teus planos para o futuro.
- 18) O que levas do CLIC para tua vida?
- 19) Para ti leitura significa.....
- 20) Para ti um mediador de leitura deve.....

APÊNDICE 2: ENTREVISTAS

Marília Papaléo Fichtner**A LEITURA EM MINHA VIDA**

1): Sim. Revistas: Cruzeiro, Manchete, Seleções. Jornal: Correio do Povo, Diário de Notícias e, depois, Zero Hora. Livros: De tudo um pouco, ficção, técnicos, coleções (Barsa)

2)O contexto familiar em geral

3)Na hora de dormir, quando chovia ou ficava doente e nas atividades escolares.

4) -----

5)Simbá o Marujo e David Coperfild

6) Sim. Havia uma troca e conversas com os irmãos

7) -----

8)Teresa Batista Cansada de Guerra (Jorge Amado), O conde de Monte Cristo e outros livros da coleção Abril sobre literatura em geral. Literatura Latino-America e Literatura Brasileira

9)Sim

10)Curiosidade, prazer, estudo

11) Sim. Porque eu compreendo e interpreto o mundo e a vida, em grande parte, lendo.

Minha história no CLIC

12) Ele foi um sonho da Vera que contagiou alguns pesquisadores. Ele se concretizou e se renova a cada semestre. Muito do que ele foi, é ou será está registrado no texto ou relatório O CLIC da experiência (setembro de 2004)

13) A curiosidade e o espírito de aventura

14) Os meus primeiros encontros com a profa. Vera e sua praticidade e capacidade de mobilização grupal.

15) Oficina de Literatura e teatro

16) As experiências positivas dizem respeito ao espaço de invenção e criação proporcionados pelo grupo e pelos desafios enfrentados pelos participantes do CLIC. Não me ocorre, pelo menos nesse momento, nada que pudesse classificar como experiências negativas. Considero as dificuldades enfrentadas, em todos os âmbitos (poucos recursos, conflitos grupais, divergência de opiniões, renovação do grupo, est), como algo constituidor de minha experiência de vida e formação profissional.

MARCAS DO QUE SE FOI, SONHOS QUE VAMOS TER...

17) Bom, eu descobri que trabalhar com a formação de leitores me permitiria sintetizar a formação de psicóloga e a vontade de criar e brincar que existe em mim.

18) O prazer de criar, experimentar e expor idéias. Os amigos e a sólida formação de pesquisadora

19) Descobrir o significado da vida, dar sentido ao real e a mim mesma.

20) Despertar o desejo de ler no outro (em qualquer âmbito). "Decifra-me que eu te decifrarei"

Um beijo.

Fui sintética, mas fiz de coração.

LUÍS PEDRO DA ROSA FRAGA

A Leitura em minha vida

- 1) sim, na infância li livros infantis , revistas , jornais etc....
- 2) Meus Pais , professores
- 3) Sim , todos os dias
- 4) -----
- 5) O macaco preguiçoso, Maria Dinorah"
- 6) tinha o hábito de ler na infância e na adolescência continuei lendo os livros , do meu gosto e interesse pela leitura.
- 7)-----
- 8) Os meninos da rua da praia (Sérgio Caparelli), as caçadas de Pedrinho(Monteiro Lobato), Machado de Assis, Erico Veríssimo , Mario Quintana
- 9) Sim,
- 10) A leitura que realizo no cotidiano tem contribuído para minha formação acadêmica.
- 11) sim , pois a leitura diária faz parte da minha rotina . Leio livros, jornais , revistas .

Minha história no CLIC

- 12) este projeto tem por finalidade a formação de novos leitores através de oficinas lúdicas , despertando o interesse pela leitura dos livros de literatura infantil e Infanto-juvenil.
- 13) Conhecer o projeto auxiliando na escolha do público-alvo , divulgando este serviço dentro de comunidade da Vila Nossa Senhora de Fátima .
- 14) lembranças são muitas , todos as pessoas envolvidas na construção do trabalho na comunidade , a responsabilidade dos monitores a participação das crianças e dos adolescentes nas atividades.
- 15) Acompanhei implantação deste projeto na comunidade , auxiliando nas orientações dos grupos participantes das atividades . penso que minha participação tenha contribuído para o sucesso de serviço na

comunidade , mediando as relações da comunidade com a Faculdade de Letras.

- 16) Considero como aspecto positivo a participação das crianças e adolescentes neste processo de formação de leitores. Não tenho aspectos negativos para relatar na minha participação como mediador de leitura , fiz a minha parte durante todos esses anos apoiando o projeto na comunidade , divulgando o serviço como muita responsabilidade .

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...

- 17) Estou terminando a minha graduação no curso de pedagogia Anos iniciais como muito êxito e planejando uma carreira acadêmica . É importante ressaltar que não abandonei o Clic, pois tem colaborado com este serviço divulgando para os participante a importância da participação do mesmo na comunidade contribuindo para a formação de leitores.
- 18)O gosto pela leitura através dos livros , presente no acervo deste serviço, as amizades e as conquistas deste projeto na formação de novos leitores.
- 19) Novas descobertas , prazer , conhecimento, aprendizagem
- 20)um agente da leitura , criativo e um divulgador deste serviço para todos (as) leitores.

Características deste mediador:

- ser um leitor diário;
- gostar de ler;
- multiplicador ;

Frieda Morales Barco

A LEITURA EM MINHA VIDA

- 1) Somente os livros do colégio.
- 2) Os professores, na escola, e às vezes pela competência que se estabelecia entre os colegas da sala de aula. Por exemplo, havia uma menina chamada Maria Fernanda que no segundo grau de primaria era a que lia de corrido, não silabando, e muito rápido. Todos na aula queríamos fazer igual, mas cada qual tinha seu ritmo...
- 3) Somente nas atividades da escola. E no íntimo, era satisfazer a curiosidade que me deixava a continuação das historias de gibis que saíam no jornal aos sábados.
- 4) -----
- 5) Os livros de leitura e os gibis de jornais.
- 6) Nessa época a leitura era como algo chato, pois na escola tinha que ler por obrigação livros aburridos como “Tradiciones Peruanas”, Joaquim Palma (Peruano), “Maria” de Jorge Isaacs (colombiano), “Mio Cid” (español), “Lazarillo de Tormes” (Español) e outros... agora na vida adulta não consigo voltar a esses livros.
- 7) -----
- 8) Quando tinha quatorze anos comecei estudar na capital e tinha que viajar 60 km de ônibus... então comecei a pegar os livros de uma estante da casa da minha avo. O primeiro foi “Crimen e Castigo” de Fedor Dostoievsky para lê-lo na viagem diária. Esse livro pirou a minha cabeça... depois ler se tornou um hábito corriqueiro e já procurava em outros cantos.
- 9) Sim, diria que quase cem por cento.
- 10) Neste momento estou fazendo pesquisa histórica da cidade da Guatemala, por tanto tenho que estar lendo jornais dos séculos XIX y XX, além de revisar arquivos históricos, e todas as leituras possíveis do tema.

- 11) Sim. E leitora não só de livros, se não de todo o que vejo, experimento... porque tudo se relaciona e se associa.

MINHA HISTÓRIA NO CLIC

12) Bom, em 1996 a minha relação com o CLIC foi por casualidade e começou por causa de uma bolsa de intercâmbio (Brasil-Guatemala), a Regina Zilberman designou-me a Vera Aguiar como orientadora. Ela estava começando a pensar na projeto de pesquisa de poesia e cognição e eu entrei junto na reflexão e na construção do espaço. Agora que penso, acho que naquele momento não me dei conta desse processo, pois era parte do compromisso que tinha como bolsista. Depois a coisa foi tomando outros rumos e fui-lhe pegando jeito.

13) Já foi respondido na questão anterior.

14) Ingarden... por supuesto, pois antes tínhamos que montar o marco teórico para depois partir para a teoria, e este diabo de teórico tem sido o xodó do pós em letras da PUCRS durante muito tempo... e eu não o conhecia tem tinha uma formação teórica muito sólida. Assim que a tarefa começou por compreendê-lo. Depois foram se somando as outras vozes teóricas.

15. Meu forte mesmo, no CLIC, foi a tecnologia. De sempre eu tenho tido uma fascinação pelos programas de compus e todo o que se relaciona com eles... assim comecei participar no desenvolvimento de unidades poéticas utilizando o computador. Empezamos com um programa chamado LOGOS, mas não sirviu, depois partimos para o Microsoft Writer de crianças e por último o TOOLBOOK multimídia, que foi o que mais bons resultados nos deu. Com ele pude desenvolver as primeiras duas unidades... que depois quando as monitoras as aplicavam com as crianças da vila diziam que em um dois por três as resolviam, e a gente levava às vezes até seis meses para programá-las.

16. -----

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...

17) Bom, eu tive que sair do CLIC em 1999 devido a pressões do doutorado. Assim, que somente acompanhei de perto, e de forma anônima as atividades. Terminado o doutorado voltei para a Guatemala, onde pensava aplicar esses conhecimentos adquiridos, mas a realidade era bem outra. O país continua envolvido em muitos problemas secuelas da guerra interna e há muita violência

urbana. Além do mais, não consigo me incorporar a academia (escolas, universidades, etc.).

Contudo consegui um lugar na Prefeitura da Guatemala donde além de pesquisa histórica comecei desenvolver projetos de fomento à leitura. Nesse sentido pus em marcha o “Prazer de ler”, “Sendero da Arte” e “Brinquemos à leitura”, que de alguma forma têm-se tornado um pequeno CLIC aqui na Guatemala. No seu conjunto, estes projetos mereceram o reconhecimento da população assim como do BID que nos deu um dinheiro para comprar mais livros e continuar o projeto.

Acho que desta forma o que aprendi no CLIC está sendo aplicado.

18) Muitas coisas boas. Para mim foi um aprendizado de vida, me ajudou a crescer em todos os sentidos e saber que, o meu país não é único que tem problemas.

19)

20) fazer a diferença na vida dos outros...

Zila Leticia Goulart Pereira Rego

A LEITURA EM MINHA VIDA

- 1) Sim. Primeiro, através de minha mãe, que sempre foi leitora e que, de uma forma ou de outra, com livros seus ou retirados da biblioteca, sempre nos mantinha em contato com a leitura. Na medida em que me alfabetizei, também me associei na biblioteca pública de minha cidade e lá, mais do que na escola, escolhia livros para ler. Havia, também, um pequeno acervo de minha avó que eu explorava na fazenda onde morei e onde, mais, tarde, ia passar finais de semana ou férias escolares.
- 2) Diretamente, um estímulo verbalizado, não. Havia, isso sim, um hábito em minha família disseminado entre pais, avós, tios, e ler era, assim, algo natural, que eu fazia sem que me cobrassem ou sugerissem diretamente.
- 3) Sim. Nos primeiros anos, é muito forte a lembrança de minha mãe nos contando histórias, principalmente as de Monteiro Lobato, ou a dos causos contados no galpão, pelos peões, que alimentavam curiosidade e medo....
- 4) –
- 5) O primeiro livro que tenho em minha memória é a cartilha que minha mãe usava para alfabetizar seus alunos na escola rural que mantinha nos fundos de nossa casa. Era (hoje percebo isso) um livro sem graça, sem cor e com ilustrações pobres, em que o menino Davi se aventurava no mundo das palavras. Mas eu cobiçava aquele livro, pois meus irmãos mais velhos, alunos da escolinha, aprendiam a ler através dele...Outras obras marcaram também: Reinações de Narizinho, em capa dura vermelha, era lido à luz de vela ou lampião para nós, e me fascinava. Mais tarde, já na cidade, fiquei impressionada com o conto Polegarzinha e já perto da adolescência, chorei muito com Éramos seis.
- 6) A adolescência foi o período em que mais li, sem dúvida. Os livros eram um refúgio, motivo para não falar com os outros e de não ser perturbada também.
- 7) -
- 8) Li uma mistura de gêneros e obras, de A pele, de Curzio Malaparte (que me impressionou muito e pelo qual tenho um afeto especial) às obras da coleção Biblioteca das Moças. Uma paixão da adolescência foram Hemingwai e Fitzgerald. Gostava daquele estilo desencantado de ver o mundo, acho que correspondia aos meus sentimentos adolescentes. Também mergulhei na poesia, em especial nos textos de Manuel Bandeira e Cecília Meirelles. Autores que não abandonei...
- 9) Sim, completamente, e cumpre dois papéis: é meu foco de estudo e trabalho e, sempre, fonte de prazer. É lazer e necessidade.
- 10) Como disse anteriormente, leio porque trabalho com leitura e preciso retomar autores e obras (teóricos ou não) para minhas atividades docentes. Mas leio por uma necessidade de deslocar meu foco do cotidiano, para buscar outra lente para ver o mundo. Ainda vejo a leitura como refúgio, não venci aquele sentimento adolescente de habitar um espaço que é só meu e sobre o qual tenho domínio.

- 11) Sim. Porque a leitura está no meu cotidiano, no dia-a-dia, como ponto de partida, meio ou fim de um trabalho ou de um prazer.

MINHA HISTÓRIA NO CLIC

- 12) Sei que ele nasceu como uma tentativa de aproximar dois objetos, à primeira vista, estranhos, senão excludentes: a literatura e o computador. Outro motor do projeto foi levar essa experiência de leitura através do computador para um público, inicialmente, com acesso limitado a ambos.
- 13) O desejo de participar de uma pesquisa que envolvesse uma prática de formação de leitores, além do desafio de aproximar literatura do computador, num momento em que essa discussão estava apenas começando.
- 14) Minhas primeiras lembranças foram os estudos que realizávamos para organizar o modelo teórico do projeto. Depois, a montagem das unidades de trabalho com a poesia no computador, o que demandava um exercício de criatividade e, ao mesmo tempo, de bom-senso, já que nem sempre o que imaginávamos era exequível....
- 15) Comecei, como já disse, quando estávamos, sob a coordenação da professora Vera Aguiar, montando o modelo teórico que embasaria a proposta. Depois, fui, durante todo o período em que estive ligada ao projeto, monitora de oficinas de leitura.
- 16) Sim, com certeza. O CLIC é uma experiência que marcou minha formação, pois me fez pensar a abordagem do texto literário sob o prisma de uma ferramenta altamente técnica como o computador, mas, principalmente, por ter me proporcionado acompanhar, *in loco*, o papel da leitura na vida de indivíduos que trazem carências das mais variadas naturezas. O CLIC foi tão importante que determinou o tema da minha tese de doutorado, ou seja, aquilo sobre o qual quis me debruçar e construir uma reflexão.

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...

- 17) Saí do projeto quando concluí meu doutorado. De lá para cá, tenho atuado em cursos de graduação tanto de Letras como de Pedagogia, e a disciplina de Literatura Infanto-Juvenil é uma das que tenho ministrado com frequência. Além disso, faço oficinas e palestras sobre o gênero ou sobre formação de leitores, o que sempre me remete às experiências vividas no CLIC.
- 18) Levo a certeza de que a leitura literária pode promover a reabilitação do ser humano no que ele tem de mais caro: a sua capacidade de imaginar. Muitas vezes, vi os meninos e meninas do CLIC, fragilizados por tantas carências, encontrarem caminhos em si mesmos para driblarem seus tempos difíceis. Uma história engraçada, um poema declamado em alto e bom som, uns versos criados aqui e ali com o colorido das letras do computador, resgatou não só o brincar com as palavras, mas também com as determinações de que eram vítimas. É especialmente a lembrança desses momentos que eu levo do CLIC...
- 19) ...seguir o fio de outra vida e, de repente, ver que eu já o incorporei no meu caminho. Ou seja, ser outro e ser eu mesma.
- 20) Especialmente, transmitir o seu próprio gosto pela leitura. Convencer pela paixão, pelo exemplo, pelo envolvimento que ele mesmo tem com a literatura.

Anelise borba Meyer greeland

A LEITURA EM MINHA VIDA

- 11) Sim, tinha acesso a livros, livros didáticos, jornais, revistas, revistas em quadrinhos, enciclopédias e dicionários em casa e na escola.
- 12) Sim, minha mãe, minha avó e meus irmãos sempre tiveram o hábito de ler (inclusive como atividade de lazer), estimulando a leitura pelo exemplo e contando histórias.
- 13) A leitura fazia parte de minhas atividades infantis especialmente porque por um bom tempo freqüentava uma biblioteca infantil diariamente (com livros, filmes e brinquedos) no turno inverso às aulas (as crianças ficavam ali enquanto as mães trabalhavam).
- 14)
- 15) Os primeiros livros (e as primeiras histórias) que marcaram minha infância foram *As Aventuras do Avião Vermelho*, *Rosa Maria no Castelo Encantado*, *O caranguejo bola*, *No país dos anões*, *A pequena vendedora de fósforos*, *A roupa nova do imperador*, *O homem da Mala*, a história da velhinha que queria atravessar a ponte (um conto de acumulação), umas histórias que a minha avó inventava, misturando contos de fadas com livros da *Coleção das Moças* (por exemplo, *Cinderela* + *A pata da gazela* ou + *Iracema*, a história da mulher que cortava o cabelo para comprar uma pulseira de relógio para o homem ao mesmo tempo em que o homem vendia o relógio para comprar um prendedor de cabelo para a mulher), *O que os olhos não vêem o coração não sente*, *A fada que tinha idéias*, *O menino maluquinho*, *Flicts*, *Pipi Meialonga* (adaptada por Orígenes Lessa), *Memórias de um cabo de vassoura*, *Confissões de um fusca*, *Bule de café*, *Maneco*, *caneco*, *chapéu de funil*, *A breve história de Asdrúbal, o terrível*, *Reinações de Narizinho* (contada), *A chave do tamanho*, *O Minotauro* (e toda a série do Lobato), *Histórias cantadas e outros poemas* (Mundo da Criança); *Lendas Brasileiras* (contadas pelo palhaço Arrelial!); *O caso da borboleta Atíria* (e vários da coleção vagalume, especialmente os da série do Xisto), *O cachorrinho samba* (e o *Cachorrinho Samba na floresta*, o *Cachorrinho Samba na fazenda*), *A ilha perdida* e *A montanha encantada* (que também eram da série vagalume, eu acho), *Corda bamba*, *O sofá estampado*, *As aventuras do barão de Munchausen*, *Ou isto ou aquilo*, *os saltimbancos*, *Fábulas de Leonardo da Vinci* (era um livro lindo, muito grande, ou ao menos parecia muito grande, e bem ilustrado, com a escrita ao contrário do Leonardo estampando as folhas de guarda) *Arca de Noé*, *Zero Zero Alpiste*, *Raul da Ferrugem Azul*, *O burrinho azul* (ou era o cavalinho azul?), etc. Gostava das histórias em quadrinhos da Mônica e do Pererê (não gostava do Mickey e do Pato Donald,

mas gostava dos filmes da Disney) e gostava de ler livros didáticos, textos de enciclopédia e do tipo “grandes vultos da humanidade” (histórias de inventores, etc.).

- 16) Gostava de ler na adolescência, especialmente leituras “não escolares”.
 17)
 18) Os autores que marcaram minha juventude foram Poe, John Fante, Henry Miller, Bukowsky, Kurt Wonnengut, o autor do *Mochileiro das Galáxias* (esqueci o nome), o autor de *Sob o Vulcão* (também esqueci o nome), Cortazar, Kafka, (destes dois últimos, sabe-se lá o que eu entendia do que estava sendo lido, mas era gostoso de ler mesmo assim), J. D. Salinger, os poemas de Emily Dickinson, Rimbaud e Baudelaire (idem). Dos autores brasileiros, gostava, de Augusto dos Anjos, Cruz e Souza e de Clarice Lispector. Não gostava muito dos romances de Machado de Assis, porque era obrigada a ler na escola, mas gostava dos contos. Das leituras obrigatórias na escola, os romances urbanos do Érico Veríssimo e os contos do Luís Fernando Veríssimo eram os preferidos. Gostava de ler quadrinhos, *Sandman*, todos os publicados na revista *Animal*, os “quadrinhos sérios” do Will Eisner, os do Manara, o *Little Nemo*, etc. (nesta época a L&PM publicava uma série de livros de quadrinhos), de biografias (como *Olga*, *Lady Sing the Blues*, etc) e de textos de História do Brasil e de História Geral.
 19) Sim, mas atualmente tenho tido pouco espaço para leituras de lazer.
 20) Tenho lido praticamente apenas as obras em estudo nas disciplinas cursadas, textos informativos (jornais, revistas, etc) e histórias para o meu filho.
 11) Sim, porque tenho este hábito.

Minha história no CLIC

- 12) Não acompanhei de perto a criação do projeto.
 13) O contato direto com as crianças, a possibilidade de aprender com a prática de leitura não relacionada ao ambiente escolar, o fato de ser um projeto que oferece um retorno à comunidade (por mínimo que seja, dá acesso a livros para pessoas que não têm condições econômicas de adquiri-los).
 14) Cheguei a ver um pouco do início do projeto, há alguns anos, quando o espaço no campus aproximado estava sendo organizado.
 15) Oficinas.
 16) Estou de volta ao CLIC há pouco tempo, até então só tive experiências positivas: a organização das crianças é admirável; eles respeitam o espaço; utilizam o material com cuidado e sem desperdiçá-lo; posicionam-se em círculo, sentados no tapete, quase automaticamente quando chegam; fazem relações entre os textos lidos e o seu dia-a-dia (e mesmo entre outros textos); têm referências de imagem (reconhecem um quadro de Picasso, uma Mona Lisa, etc.).

MARCAS DO QUE SE FOI, SONHOS QUE VAMOS TER...

- 17) Como entrei no projeto há pouco tempo, pretendo continuar nele por um tempo.
- 18) O aprendizado através da experiência.
- 19) Para mim, leitura significa uma forma de contato com o mundo à qual todos deveriam ter acesso.
- 20) Dar acesso à leitura e fazer desta uma atividade prazerosa e transformadora.

Cristiane Domingues

A LEITURA EM MINHA VIDA

- 21) sim, porém gostava mais dos livros.
- 22) Minha família.
- 23) Sim. Sempre ia a biblioteca da escola, tinha sempre um livro em casa, durante o ano letivo e nas férias meus pais compravam livros.
- 24)-----
- 25) A casa das quatro luas e o Pequeno Príncipe.
- 26) Não tive uma leitura específica e tão significativa como foi na infância, porque lia tudo que sugeriam e o que achava interessante na biblioteca.
- 27)-----
- 28) Não lembro.
- 29) sim.
- 30) Estudar e também por satisfação pessoal.
- 11) Sim, porque ler está incorporado ao meu jeito de viver.

Minha história no CLIC

- 12) Que o projeto foi criado a 10 anos.
- 13) O incentivo a leitura como projeto social, acho gratificante realizar o trabalho.
- 14) -----
- 15) Literatura e imagem e literatura e contação de histórias.
- 16) Posso mencionar somente aspectos positivos: crianças que mudaram a atitude perante o livro, passando a gostar de ler; melhora significativa nos estudos depois de participar das oficinas; entusiasmo das crianças pela projeto e etc.

MARCAS DO QUE SE FOI, SONHOS QUE VAMOS TER...

- 17) Ajudar professores do ensino fundamental a trabalhar literatura de forma mais lúdica e prazerosa na sala de aula.
- 18) Importância do trabalho social com crianças da classe popular e valorização da literatura na escola.
- 19) um ato prazeroso, divertido
- 20) motivar a aluno para que ele seja no futuro um leitor.

Marcelo Buckowski

A Leitura em minha vida

- 1) Tinha sim, meus pais sempre me compraram livros de literatura infantil, lembro da minha mãe me contando histórias do sitio do pica-pau amarelo.
- 2) Minha mãe e minha avó, meu pai não é leitor, sempre disse que era importante que eu lesse, mas ele nunca o fez. Mas minha mãe lia para mim e minha avó sempre contava histórias de leituras clássicas, hoje ela é falecida e me deixou de herança um ótima biblioteca.
- 3) Mais ou menos, eu sempre li, mas nunca tive um hábito de terminar um livro e começar outro. Lia um livro, depois de um tempo lia outro, sempre quando eu achava algum interessante, lembro que adorava pintar os livro também. Mas nunca foi algo essencial na minha infância, eu gostava, mas não ficava mal se eu não ganhasse um livro.
- 4) Algo que me afastava dos livros, muitas vezes, era o vídeo game.
- 5) Sítio do pica-pau amarelo.
- 6) Na adolescência eu comecei a despertar o gosto, que mantenho até hoje, por literatura policial, adoro histórias de detetives.
- 7)
- 8) Todos os livros de Agatha Cristie e Georges Simenon.
- 9) Tem sim, leio todos os livros cobrados pela faculdade.
- 10) Tenho que ir bem na faculdade, então leito tudo o que pedem e o que indicam como apoio.
- 11) Sim, porque leio regularmente. Me considero um leitor porque peguei o costume de comprar livros, retirar na biblioteca e ler com prazer. Sinto falta da leitura quando não leio.

Minha história no CLIC

- 12) Sei que foi um projeto criado em 1996/97, com o propósito de incentivar a leitura da literatura. O trabalho sempre foi realizado com crianças carentes.
- 13) O principal motivo que me levou a participar do projeto foi as oportunidades que o CLIC nós dá de poder testar atividades, de poder errar e saber com esses erros a gente está aprendendo a acertar. As atividades que criamos no CLIC serão muito úteis para o meu futuro profissional. Saber como entrar em uma sala de aula, como tratar os alunos, que maneiras devemos criar para tornar o ambiente das oficinas agradáveis.
- 14) As reuniões que sempre foram maçantes hehehehe! Mas acredito que as reuniões têm uma importância, fazer com que todos os participantes do projeto entendam os objetivos da pesquisa.
- 15) Desenvolvi métodos de organização da biblioteca do CLIC, desenvolvi métodos de incentivo a leitura, desenvolvi projetos como as oficinas culturais que eu aplicava nas oficinas de biblioteca, desenvolvi passos para incentivo da leitura para crianças não leitoras, atividades relacionando a música e a literatura infantil e fiz uma pesquisa no Canadá que me trouxe novos olhares para o projeto, idéias que quero esperar a hora certa de propor.
- 16) Experiências positivas todas as aulas eu tenho, os alunos me passam muito carinho quando eles me pedem auxílio na leitura, quando me dizem que gostam de ler, quando vejo que conseguem ler sozinhos... Negativas acho que só quando planejamos uma aula e ocorre tudo errado, mas isso não é tão negativo assim, com isso podemos melhorar.

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...

- 17) Ainda não saí do projeto e não pretendo sair tão cedo. Quero fazer mestrado na área da literatura infantil, a Vera me fez ver que é uma área boa de trabalho, então acho que vale a pena tentar. Quero fazer doutorado, pós doutorado se possível um doutorado em filosofia também.
- 18) Do CLIC eu levo tudo, o projeto de pesquisa foi tão importante quanto a faculdade para mim, acho que eu aprendi muito mais no projeto de pesquisa do que na própria faculdade, a Vera me ensinou muitas coisas também. Toda

a questão humanitária, sinto que me tornei muito mais humano com as pessoas após ter entrado no CLIC

19)Prazer.

20)Ser uma pessoa muito correta, acima de tudo muito paciente, entender que todos somos diferentes, que um aluno adora ler e que o outro odeia, por isso criar formas diferenciadas para incentivar a leitura de cada um.

Maurício Piccini

A LEITURA EM MINHA VIDA

31) Sim. Quando bem pequeno, meus pais liam para eu ler, principalmente a coleção do Monteiro Lobato, que ainda tenho em casa. Na verdade, por muito tempo achei que havia lido (ou leram para mim) as histórias do Peter Pan. Há pouco tempo, descobri que eu mesmo havia lido os livros do Monteiro Lobato com essa personagem. Ao longo do desenvolvimento, tive mais contato com histórias em quadrinhos mesmo.

2) Não sei quem “estimulava” mesmo. Lembro de minha avó fazendo brincadeiras com desenhos e palavras quando eu era pequeno. Ela era professora de séries iniciais, mas não lembro de ser estimulado especificamente a ler qualquer coisa.

3) Sim

4) Livros que eu lembro de ter lido são apenas os do Monteiro Lobato. Claro, livros obrigatórios do colégio eu sempre abria, passava os olhos e fazia um resumo. Mas livros para ler mesmo, por prazer, não lembro de nenhum.

No entanto, tive muito contato com histórias em quadrinhos (isso fica de fora?).

Desde de Pato Donald (acho que ainda tenho uma coleção especial de aniversário) até Sandman (o melhor até agora), que continuo lendo.

5) Livro de Literatura, não. Embora eu tenha tido muito contato com livros de áreas mais distantes, Física – não livros de aula, livros de autores como Stephen Hawking e Freeman Dyson (Dyson de mais agrado do que Hawking, que li porque era moda, acho). Vez ou outra encontrava livros de assuntos interessantes, mas, por coincidência, literários. Li Dom Casmurro por querer. Também li Código Gênese, um livro do início da década de 90 que traz muito do que apareceria em Código Da Vinci, só sem o Da Vinci.

6) Sim

7) -----

8) Na adolescência, continuei com gosto “velado” por Pato Donald (que é muito melhor que o Mickey, Tio Patinhas e a fins). Heróis com Spawn me pareciam muito bem elaborados. Sandman veio mais tardiamente e apresentou um mundo muito mais complexo do que simplesmente combate de bem ou mal, o que trazia um conceito novo para o que significava uma boa história para mim.

Nos livros “não-ficcionais”, comprei e ainda leio às vezes (está ao lado da minha cama) Infinito em todas as direções, de Freeman Dyson. Embora o conteúdo seja científico, ele trata a ciência com uma espécie de descoberta do imaginário.

9) Claro! Queria que tivesse mais, mas tem. Um professor meu (de física) ensinou um truque para poder arrumar tempo para ler, eu uso ainda de vez em quando. Ele sugeriu que guardássemos os exercícios de física ao lado do vaso do banheiro. Assim, sempre teríamos quinze minutos diários para fazer tema de casa da aula dele. Pois eu agora uso essa técnica para ler escondido livros não obrigatórios.

10) Pois é. A maioria das vezes leio por obrigação. Claro que me esforço ao máximo para ler o mínimo possível do que está estipulado no cronograma das disciplinas. Prefiro ler o que me agrada (por prazer) e o que parece mais diferente do que eu já havia lido nas aulas (para pensar diferente, não adianta ler os mesmos autores nas aulas de Teoria da Literatura Infanto-Juvenil, Literatura Infantil Brasileira e Narrativa, é absolutamente inútil).

11) Sim. Sou um bom leitor, porque eu quero ser e gosto de ser.

Minha história no CLIC

12) Nada, ou quase nada. Embora eu tenha lido e relido relatórios e tenha ouvido as histórias do projeto, “história” não costuma ser de meu interesse.

13) A possibilidade de trabalhar com computador na Literatura, tanto o uso dele como ferramenta, quanto o uso dele como meio de exercício do Literário.

14) O ônibus indo para a Vila Fátima e a menina me perguntando se o cachorro da minha namorada se escondia de baixo da cama quando “tinha tiro”.

15) Oficinas de Literatura e Computador. Elaboração e programação de atividades no computador, principalmente nas duas Unidades (O velho que trazia a noite e Tecelina).

16) Positivas: a facilidade em fazer com que as crianças abraçassem o computador como parte do processo de leitura e escrita. Não porque isso lhes dê melhores condições para trabalhar, mas porque demonstrava que o próprio computador é democrático. Crianças semi-alfabetizadas (estou sendo bondoso) se moviam pelo computador com a mesma facilidade das alfabetizadas.

Negativas: dificuldade de me relacionar com crianças que não enxergavam finalidade no trabalho e falta de alguém que para dialogar sobre o uso do computador como modo e não como ferramenta.

MARCAS DO QUE SE FOI, SONHOS QUE VAMOS TER...

17)...

18) Por enquanto, levo trabalho pra casa.

19)exercitar pensamento não-cartesiano sobre o mundo, formar mitos e desmontá-los só para começar de novo do zero.

20)descobrir o que pode agradar a um leitor e mostrar para ele que aquilo existe.

VIVIANE DEXHEIMER GIL

A LEITURA EM MINHA VIDA

- 1- Sim, meus pais eram leitores, de livros, jornais e revistas, minha mãe assinava duas revistas, meu pai assinava o correio e comprava outro jornal e a biblioteca era bem grande, daquelas de brincar de casinha com livros, além de ler eu costumava também fazer isto. Morávamos numa cidade do interior do RS, mas meus pais davam um jeito de sempre ter material para estudo e também para diversão, prazer.

- 2- Meus pais me estimulavam muito a ler, meu pai deve ter começado a me ensinar a ler antes de um ano, pois a primeira palavra eu li com 3 anos, foi AMÉRICA, num jornal que eles guardaram por muito tempo e contavam para toda a família, não saiu no Fantástico, pois não tinha isso naquela época, mas devem ter ficado todos impressionados, pois falam até hoje. Mas hoje a gente sabe que isto não é genialidade. Graças a Deus eu não era superdotada, mas tive sempre muito estímulo. Minha mãe leu toda a Ilha do tesouro quando eu tinha 6 anos, sentada na beira da lareira, em capítulos e eu esperava ansiosa por aquilo. Entrei na primeira série aos 5 anos, já sabendo ler e escrever, eu era péssima em matemática, exatamente pela falta de maturidade, fui adiante por causa da leitura.

- 3- Sim, como liam muito para mim, eu costumava fazer histórias daquelas leituras, por exemplo com a ilha o tesouro, eu enterrava uma pedra e fazia um mapa. Também tinha uma eletrola com discos de contos de fadas que acompanhavam livros, eu escutava, enquanto lia ao mesmo tempo as histórias. Eu costumava levar livros para cima de uma árvore e comia bergamotas, lendo. (não estou querendo imitar o Erico, muito mais tarde li seu livro Solo de Clarineta e soube que ele também fazia isto, escrevi até uma crônica sobre essa coincidência.)

- 4

- 5-As histórias em quadrinhos da turma da Mônica, A ilha do tesouro, contos de fadas em geral, mas principalmente A Cinderela, que eu lia algumas vezes por dia. Tinha também uns livros azuis, uma enciclopédia, em que tinha curiosidades e descobertas, lembro que lia aquilo várias vezes. O primeiro romance que li foi A pata da Gasela, de José de Alencar, com 9 anos, depois com 10 O guarani e em seguida Iracema e Olhai Os lírios do Campo.

6- Sim, como disse na questão anterior, depois dos dez anos, continuei lendo Erico Verissimo, mas adorava José de Alencar, pelo romantismo. Mas também lia Sabrina (romances de banca) e livros do gênero, Agatha Christie, todos os livros que eram adaptados nas novelas da 6 da Globo e na praia devorava fotonovelas. Na escola, eu lia o que mandavam e geralmente lia muito antes de pedirem o livro. Lia também poesias e nesta época comecei a escrever poemas, depois um conto.

7-

8- Senhora, A escrava Isaura, Fernão Capelo Gaivota, e todos do Richard Bach (A ponte para o sempre, ilusões, Um, etc.) E também as crônicas do Arthur da Távola, que saiam no jornal O Globo e também comprei 3 livros dele, que eram de cabeceira e bastante sublinhados. Eram crônicas de auto-ajuda para adolescentes, pois ele falava de drogas, timidez, namoro...etc.

9- Sim, tem um espaço muito grande. Não consigo ficar um dia sem um livro. Se acabo uma leitura, preciso ter outra em vista. Fico uma ou duas horas lendo somente por prazer e isto me faz falta. Na disciplina da Vera, num texto que lemos o autor falava em vício, é assim que me sinto com relação ao livro na minha rotina diária.

10) Em primeiro lugar por puro prazer, preciso ter sempre um livro que ocupe a função do prazer, eu realmente entro no livro, parece que os personagens começam a fazer parte da minha rotina, eu mergulho no universo criado pelo autor. Talvez pelo hábito da infância, eu adoro ler no sol comendo bergamota. Geralmente são romances, que envolvem suspense ou alguma trama familiar. Claro, leio também o que preciso para o meu curso, a tese e literatura infantil, pois me ajuda a perceber o que está sendo escrito para crianças, pensando também na minha escolha de escrever livros infantis.

11) Sim, leio tudo o que necessito para minha formação profissional, mas me considero uma leitora, principalmente porque o livro faz parte da minha vida como uma fonte de prazer e consegui transmitir isso para meus filhos. Acho que o verdadeiro leitor lê porque gosta, porque sente prazer em mergulhar na história, porque faz diferença a vida quando há um livro esperando e não vemos a hora de terminar alguma obrigação para pegar o livro. Portanto, sou leitora, porque ler me deixa mais feliz.

Minha história no CLIC

12- Sei que foi criado há 10 anos, que foi muito difícil conquistar a sala, os materiais, a confiança da comunidade e que desde o início a finalidade maior era

o incentivo a leitura, isto é, que o livro passasse a fazer parte daquela comunidade carente, transformando e até criando uma história de leitura para cada criança.

13- A minha paixão pela leitura e também por contar histórias. O primeiro contato que tive com contos de fadas foi numa Fundação Educacional em que eu tinha que adaptar os contos de fadas tradicionais para serem veiculados no rádio em comunidades carentes. Muitas vezes visitávamos as comunidades, divulgando o projeto aproveitávamos para contar histórias. Quando tive meus filhos, me divertia, contando histórias para eles e também inventando muitas. Desde o início o projeto me encantou.

14- As primeiras lembranças e impressões que tive do CLIC foi observando e conversando com minhas colegas de Mestrado na época, Cristine e Gabriela. Eu trabalhava num outro projeto, mas sempre ficava imaginando se não deveria trocar, pois eu teria mais afinidades com o CLIC. Uma vez, quando conversei com a Marília sobre minha tese, algumas dúvidas sobre Jung, ela me convidou para fazer parte e falou para a Vera que eu tinha que entrar no CLIC. Mas terminei o Mestrado, fui morar em São Paulo. Quando retornei para fazer o Doutorado, a Vera me convidou e eu estou aqui até hoje.

15) Realizei atividades de contação de histórias, principalmente com contos de fadas. Como meu grupo de crianças sempre tinha entre 6 e 9 anos, acho que ficou bem adequada minha escolha. Fiz várias oficinas, utilizando estímulos criados especialmente para contos de fadas. Cuidei por um ano da mala de leitura e também realizei alguns encontros culturais com os livros que publiquei: A fada dos números, Páginas Mágicas e Melitta tecendo sua vida. Depois, quando o CLIC passou a funcionar na escola Coelho Neto, passei a realizar as visitas, para turmas numerosas e variadas. Procurei utilizar para os maiores a poesia misturada com filmes e música e para os menores, contos de fadas também utilizando videos e dvd.

16) Tenho muito mais experiências positivas. Quando utilizei contos de fadas pela primeira vez com a primeira turma, achei que eles achariam sem graça, mas prestaram muito a atenção, no entanto não conseguiam entrar na história. Mas aos poucos, depois de 4 ou 5 semanas, comecei a sentir que eles entravam lentamente na magia. Sonhavam, discutiam as temáticas, mas já participavam da história. E esta evolução foi muito positiva. Obtive resultados muito significativos, é possível observar e evolução dos desenhos, as respostas que davam.

Tive alguns problemas quando precisei trocar de turno. A antiga turma dispersou, alguns saíram, outros estudavam a tarde, então acabei pegando outras crianças, que estavam acostumadas com jogos, video e computador. Foi difícil iniciar a contação de histórias, havia dois meninos muito agressivos. Falar de fadas parecia piada, mas aos poucos foram conseguindo, eu misturava gêneros, pedi que eles criassem histórias, foi uma conquista. Depois, esta turma reduziu, cheguei a ficar sem nenhum aluno, depois fiquei algumas semanas somente com um, até que voltaram novamente. Foi aquela ocasião que o Sase fechou. Mas eles começaram a chegar por conta própria e mantive 8, 9 até terminar tudo.

Depois, teve a fase do Coelho Neto. Foi positivo por um lado, pois exigiu muito mais de nossa parte, já que as turmas eram distribuídas na hora, mas adaptamos logo (eu e a Giovana) e acho que o trabalho foi melhorando. O ponto negativo é que muitas vezes sentíamos que atrapalhávamos os conteúdos dos professores, mas é claro que os alunos gostavam. Chamo a atenção para uma turma diferente, na qual havia meninas de 16, 17 anos, que usamos poesia e música e também o outro extremo, fizemos uma oficina para uma pré-escola (4,5 anos) em média e uma outra sensacional! uma experiência marcante, para uma turma especial, eram excepcionais, contamos um conto de fadas e obtivemos um retorno emocionante, desenhos muito significativos. Não sei se o CLIC já havia feito algum trabalho para uma turma especial.

Acho que o mais negativo foi, quando fechou a associação, que desarticulou a experiências, minha troca de turno e a passagem para a escola, quando senti novamente uma quebra no desenvolvimento do trabalho na nossa sala do CLIC, ocorreu um desânimo com relação aos objetivos do trabalho.. Acho que algumas crianças sentiram bastante o término provisório na Vila.. Eu tinha um grupo muito assíduo e acho que eles devem ter sentido falta. Acho também que a mediação é muito necessária e também em nossas reuniões é preciso discutir a oficina de cada um, como estamos fazendo agora. É preciso ficar claro o que cada um faz, para que faz e onde quer chegar. Poucas vezes que não planejei, senti que o trabalho não ficou tão produtivo. Acho que precisamos discutir cada vez mais o que estamos fazendo e saber para onde estamos indo.

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...

17- Em primeiro lugar, preciso terminar a tese. Deixei as oficinas por isso. Meus planos imediatos, além da tese, é continuar escrevendo e publicando. Também pretendo trabalhar numa universidade com literatura, de preferência infantil.

18- Eu levo o fato de ter lutado para que a leitura também faça diferença na vida dessas crianças, como fez na minha, a importância de planejar um trabalho e acompanhar os resultados, enxergar pequenos resultados como um feijão que plantamos depois de contar “João e o pé de feijão”, e algumas semanas depois eles trouxeram o pé já brotado, dizendo que aquilo se transformaria numa árvore e que eles iriam subir...os desenhos que guardo todos numa pasta que me mostram um pouco daqueles momentos e a certeza de que, se aquilo foi apenas um grão de areia, são muitos grãos de areia que sustentam o oceano, então AO TRABALHO!

19- Para mim leitura significa um enorme prazer, entre os maiores da minha vida, uma necessidade, um equilíbrio. É completamente diferente de outros prazeres, pois este exige silêncio, tranquilidade, solidão. E , ao mesmo tempo significa também não estar sozinho, pois quando entramos na história, submergimos num universo e acabamos ao lado dos personagens.

20- Um mediador de leitura deve contaminar, seduzir, estimular. Para isso, precisa ser um leitor, é necessário que sinta este prazer para que consiga atingir a comunidade onde trabalha. Se alguém decide ser um mediador de leitura, precisa antes revisar sua história de leitura, se não possui ainda uma, deve escrever as páginas em branco imediatamente, antes de tentar ajudar os outros a formar a sua história.

RENATA CAVALCANTI EICHENBERG

A Leitura em minha vida

1. Tinhas acesso a material escrito (livros, jornais, revistas...) na infância? Sim. Meus pais sempre foram leitores, incentivando os filhos. Passei minha infância ganhando livros de presente, não só dos meus pais, mas também dos meus tios e da minha avó. Revistas e jornais também sempre estiveram presentes na minha vida, em especial, Veja, Zero Hora e Folha de São Paulo, exemplares assinados pelos meus pais.
2. Alguém te estimulava a ler? Meus pais e minhas tias que moram no Rio de Janeiro. Meu pai me estimulava a ler nas férias, na rede, depois da praia. Quando ele pegava o livro, eu ia correndo e fazia o mesmo. Minha mãe foi quem me introduziu no mundo da leitura, lendo histórias para eu dormir todas as noites. Minhas tias sempre me deram livros de presente, até hoje me dão. Lembro bem da embalagem e da etiqueta da *Malasartes*, livraria infanto-juvenil de propriedade da escritora Ana Maria Machado, localizada no shopping da Gávea, no Rio de Janeiro (não sei se existe ainda hoje). Eram de lá os livros presenteados pelas minhas tias, livros que me possibilitaram conhecer a própria Ana Maria Machado, bem como Sylvia Orthof, Ruth Rocha, entre outros escritores brasileiros.
3. A leitura fazia parte das tuas atividades infantis? Sim. Brinquei muito de ler quando pequena, seja montando barraca na cama e lendo com o auxílio de uma lanterna, na companhia do meu irmão mais novo; seja lendo em voz alta para as minhas bonecas; seja lendo em silêncio, sozinha ou juntamente com meus pais e irmãos.
4. Em caso de resposta negativa na questão anterior, que circunstâncias te afastavam da leitura?
5. Em caso de resposta positiva na questão 03, que livro (ou livros) marcaram a tua infância? Os contos de fadas, reunidos numa edição de capa dura e folhas douradas da Walt Disney; a coleção portuguesa de *Aninhas e o tio das pernas altas* (não recordo o autor); *Maneco caneco chapéu de funil*, de Luis Camargo; *Curiosidade premiada*, de Fernanda de Almeida; *A vaca mimosa*, de Sylvia Orthof; *Lucia já vou indo*, de Maria Heloisa Penteado; *A arca de Noé*, de Vinicius de Moraes; *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles; *Marcelo, marmelo, martelo e Teresinha e Gabriela*, de Ruth Rocha; *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado; entre outros.
6. Como foi a tua relação com os livros na adolescência? Eras um leitor nessa época da vida? Sim, era leitora, não sei se tanto como na infância, em função de outros atrativos que apareceram, como festas e videogame. Mas nunca deixei de gostar de ler, dividindo meu tempo entre as leituras

obrigatórias da escola e as por mim escolhidas entre tantas opções que me chegavam pelas prateleiras da minha casa. Foi nessa fase que criei o hábito de ler antes de dormir, talvez como uma forma de substituir a contação de histórias feita antes pela minha mãe. Na cama, nunca lia o que me obrigavam, só quando o que me obrigavam era de fato prazeroso. Gostava de passear de pijama pelo corredor, descobrindo títulos atrativos para ler.

7. Em caso de resposta negativa na questão anterior, que circunstâncias te afastaram da leitura?
8. Se foste um leitor na adolescência, que livro (ou livros) marcaram tua juventude? *A casa das quatro luas*, de Josué Guimarães; *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga; *Revolução em mim*, de Márcia Kupstas; *Diário de um adolescente hipocondríaco*, de Aidan Macfarlane; *O passado esteve aqui e O monstro do Morumbi*, de Stella Carr; *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle; *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *O continente*, de Erico Verissimo; *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles; *As parceiras*, de Lia Luft; *Cães da província*, de Luis Antonio de Assis Brasil; entre outros.
9. Hoje a leitura tem espaço no teu cotidiano? Sim, muito.
10. Qual a finalidade das leituras que realizas? Realizo quatro tipos de leitura: a leitura informativa, buscada principalmente na revista Veja e no jornal Zero Hora; a leitura teórica, devido a minha atual condição de doutoranda; a leitura que eu chamaria de “teórico-prática”, destinada à busca de corpus para a minha tese, fazendo-me ler e ao mesmo tempo avaliar livros literários infantis (não entrando aqui os livros teóricos, esses reservados à leitura teórica já mencionada); e a leitura prazerosa, que se resume a livros, geralmente literários, sem ligação com o meu doutorado, livros que escolho para ler por puro prazer, em especial, antes de dormir.

11) Atualmente, te consideras um leitor? Por quê? Sim, afinal a leitura está presente no meu cotidiano, não apenas como parte do meu trabalho, mas como fonte de deleite e prazer. Reclamo, porém, da falta de tempo que tenho hoje para ler apenas por prazer, ocupando grande parte das horas livres (os finais de semana, por exemplo), com leituras teóricas, com o objetivo de analisar, e não apenas de relaxar e de buscar a fruição que essa arte nos permite.

MINHA HISTÓRIA NO CLIC

12) O que sabes sobre a criação do projeto? Sei que o CLIC, Centro de Literatura Interativa da Comunidade, nasceu em 1997, sob a coordenação da professora Dr. Vera Teixeira de Aguiar, da PUCRS, com o objetivo de permitir o acesso de crianças carentes à cultura por meio da leitura literária. Crianças moradoras da Vila Nossa Senhora de Fátima, Campus Aproximado II da PUCRS, passaram a freqüentar oficinas de incentivo à leitura, por meio de um trabalho extra-escola, uma vez que tal iniciativa

estava diretamente ligada à comunidade carente. Era o líder comunitário quem selecionava e trazia as crianças para as oficinas. Formando leitores, o CLIC ao mesmo tempo atingiu outro objetivo, o de formar mediadores da leitura. Os estudantes vinculados ao projeto eram capacitados para trabalhar de maneira emancipatória com a literatura, aproximando o livro da criança como fonte, por um lado, de prazer e diversão e, por outro, de conhecimento e esclarecimento sobre si e o mundo ao redor.

13) O que te motivou a participar do CLIC? O interesse pela literatura infantil e pelo desafio de formar leitores nos dias de hoje.

14) Quais as tuas primeiras lembranças relacionadas ao projeto? Como minha participação no projeto sempre esteve ligada a um dos “braços” do CLIC, minhas primeiras lembranças remetem à formação de um desses “braços”. Ao ingressar no curso de Letras, em 2002, logo no primeiro semestre trabalhei como voluntária no CELIN, Centro de Referência para o Desenvolvimento da Linguagem, sob a coordenação da professora Dr. Vera Pereira. Sabendo do meu interesse pela literatura infantil, ela me direcionou para um projeto que estava para iniciar, no qual eu ministraria aulas de incentivo à leitura para alunos do Colégio Marista Champagnat. O projeto surgia de um pedido da então coordenadora pedagógica das séries iniciais do Colégio para a realização de um trabalho focado no ensino da leitura da literatura infantil, destinado a alunos de série iniciais, em especial, de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, com dificuldades de leitura e escrita em sala de aula. A intenção da Escola era, mais precisamente, formar leitores e, com isso, garantir-lhes melhoras no ato de ler e de escrever. Para atender a esse pedido, a professora Vera Pereira pediu o auxílio da professora Vera Aguiar, diante da experiência dessa última na formação de leitores. Foi assim que o CLIC passou a estar presente também no ambiente escolar, atendendo crianças de classe média, num trabalho extraclasse.

15) Que atividades desenvolveste no CLIC? Desde o início, ministrei, juntamente com a colega Paula Barboza Muhle, oficinas de incentivo à leitura para alunos de séries iniciais do Colégio Marista Champagnat. Assim que começamos, sentimos dificuldade em escolher as obras a serem lidas para as crianças. Por isso, passamos semanalmente a freqüentar a biblioteca infantil da professora Vera Aguiar. Lá, tivemos a oportunidade de ler clássicos e novidades da área, além de planejar as oficinas. Em troca, nos obrigamos a colocar em ordem o acervo. Esse contato constante com a leitura literária infantil nos fez refletir sobre nossas ações. Começamos a nos sentir muito inseguras quanto à maneira como deveríamos conduzir as oficinas. Sentíamos falta de uma metodologia, de um conteúdo programático a ser perseguido. Diante disso, a professora Vera nos forneceu uma bibliografia teórica sobre o tema e passamos a nos reunir semanalmente para discutir tais carências. Como resultado desses encontros aliados aos nossos estudos, surgiram a metodologia e as temáticas utilizadas até hoje. Além dessas atividades, também me envolvi com outro “braço” do CLIC, o projeto *Literatura na escola*, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Leopoldo Tietböhl. Por incentivo de um pai de um dos alunos da Escola, o CLIC realizou um

trabalho de pesquisa com o objetivo de formar leitores, envolvendo pais, professores e alunos. Participei do início ao fim desse projeto, desde a sua elaboração e aplicação até a análise e divulgação dos resultados. No momento, acabo de ingressar em outro “braço” do CLIC, já em andamento, que une literatura e informática na elaboração de unidades de leitura literárias via computador.

16) Na tua trajetória como mediador de leitura, menciona experiências positivas e negativas relacionadas ao trabalho no CLIC. Como experiência positiva, destaco a possibilidade que tive de aprender a formar leitores. Nunca vou esquecer os olhares especiais das crianças que, através do meu gesto, se encantaram com uma trama, com uma rima, com uma personagem, transpondo suas próprias histórias para dentro das histórias lidas. O acesso a uma biblioteca infantil também considero uma experiência positiva. Através do contato com os livros, consegui entender melhor o meu papel, preparando-me cada vez mais para formar leitores. Como experiência negativa, ressalto o certo preconceito que existe quanto à formação de leitores “não carentes”. Partindo do pressuposto de que crianças de classe média têm acesso à leitura e à cultura, seja por meio dos pais, seja por intermédio da escola, muitos envolvidos não crêem na importância de um trabalho de incentivo à leitura em escolas particulares, esquecendo da dificuldade que enfrentamos em atrair esses pequenos para o universo literário. Afinal, disputamos com a televisão, com o computador e com tantas outras formas de divertimento que eles têm acesso. Independentemente da situação financeira em que sem encontram, eles também são crianças, e o fato de serem inseridos de forma não marginalizada na sociedade não lhes garante a formação como leitor. Nesse sentido, acredito, acima de tudo, que o nosso compromisso é o de levar a magia da leitura para todas as crianças, ricas ou pobres.

MARCAS DO QUE SE FOI, SONHOS QUE VAMOS TER...

17) Descreve tua trajetória profissional após teres saído do projeto e/ou teus planos para o futuro. Como ainda estou no projeto, fico apenas nos planos. Penso muito em continuar meu trabalho como mediadora de leitura, mas ainda não consegui achar o caminho certo para tanto. Sempre que possível, pesquiso sobre iniciativas na área que deram ou estão dando certo, de maneira a criar algo na minha cidade, mas tudo ainda está muito vago. Assessorias para escolas privadas e públicas, trabalhos de incentivo à leitura em feiras do livro e trabalhos sociais nessa área são algumas idéias que me surgem, enquanto não consigo realizar um sonho maior. Gostaria de conseguir fundar um espaço próprio para a difusão da leitura, permitindo o acesso do público carente e do público de classe média, e, ao mesmo tempo, servindo como local para palestras e cursos sobre o tema, de modo a formar não só leitores, mas também mediadores de leitura. Sei que é um sonho difícil de ser realizado, mas ainda não desisti dele.

- 18) O que levas do CLIC para tua vida? A certeza de que todo o ser humano possui a capacidade de transformar alguém para melhor, ainda mais quando tem em mãos um livro, uma história para contar e encantar.
- 19) Para ti leitura significa..... Viajar, descobrir, chorar, sorrir, aterrizar e, finalmente, sentir que cresci.
- 20) Para ti um mediador de leitura deve..... Encantar sempre!

ADRIANA ELIZABETE BAYER**A Leitura em minha vida**

1. Na minha infância, o acesso aos livros ocorreu somente na escola. Porém, meu avô era um excelente contador de histórias.
2. Meu avô era quase um “Blau Nunes”. Eu gostava daquele mundo mágico presentificado através da narração. Esse foi o meu estímulo.
3. Somente quando entrei para a escola, a leitura começou a fazer parte da minha vida.
4. Em casa, não tínhamos acesso aos livros, porque éramos bastante pobres. Logo, a primeira necessidade era a sobrevivência.
5. Na escola, o encantamento surgiu com a leitura dos contos dos irmãos Grimm, Perrault e Andersen. Lembro-me de que gostava demais do Barba-Azul.
6. Na adolescência, lia vorazmente.
- 7.
8. Os livros da Agatha Christie, a Bíblia (primeiro Testamento), Jorge Amado, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e muitos outros.
9. Sim.
10. Ultimamente o meu objetivo é dar conta da vasta bibliografia exigida no mestrado.
11. Leio em média um livro por dia. Penso ser uma leitora.

MINHA HISTÓRIA NO CLIC

12. Confesso que sobre a “criação do CLIC” eu nada sei.
13. Durante a graduação em Letras na Unisinos, conheci a Talita. Quando cheguei a PUC, ela me falou sobre o projeto e convidou-me a participar.
14. As minhas primeiras lembranças estão relacionadas às reuniões do grupo que integrava o CLIC. Gosto de ouvir o coletivo. Tenho dificuldades em ouvir “egos” individuais.
15. A minha primeira atividade foi ministrando a oficina Literatura e Computador.
16. Positiva – poder estar em um projeto dentro de uma comunidade “carente” (não gosto dessa palavra, mas falta-me algo mais adequado). Negativa – o afastamento temporário do Campus Aproximado (no fim essa experiência acabou positiva).

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...

- 17.
18. Impossível descrever nesse momento.
19. Para mim leitura significa possibilidade de me colocar no lugar de outros.
20. Para mim um mediador de leitura deve fazer de cada encontro um momento de encantamento.

Diógenes Buenos Aires

A LEITURA EM MINHA VIDA

1) Sim. Nasci num ambiente letrado, no entanto o volume e a variedade não era tão grande, visto que morei até os 09 anos de idade numa cidade de pequeno porte, Jaicós, no interior do Estado do Piauí, cujo o acesso a esses materiais era bastante restrito.

2) Não sei determinar uma pessoa especificamente, pois havia um ambiente marcado pelo esforço dos meus pais em torno da educação dos filhos (03 homens e 01 mulher) e sendo o mais novo compartilhava com meus irmãos dos materiais de leitura que circulavam em casa. Além disso, há a lembrança da professora alfabetizadora que simboliza o acesso ao mundo da escrita.

3) Sim. Ao lado dos livros e revistas, fazia parte do meu universo as brincadeiras em grupos, sobretudo, na rua, pois essa era o principal espaço de encontro de uma cidade pequena e sem acesso à televisão.

4) -----

5) A minha infância é marcada pela coleção “Minha primeira biblioteca”, composta de contos de fadas, encadernada com capa dura e de cor azul, que fora comprada pelos meus pais para o meu irmão mais velho e que passou de irmão para irmão. Esses livros circularam pela minha casa até a minha adolescência quando minha mãe resolveu repassar para as filhas de uma prima. Outra coleção é a “Bíblia para jovens”, encadernada com capa dura e colorida, a qual eu lia seus textos como histórias de aventuras. Além disso, havia a circulação das histórias em quadrinhos.

6) A minha adolescência acontece num segundo espaço, pois saímos de Jaicós, em face do falecimento do meu pai, e fomos morar em Teresina, capital do Estado do Piauí. Essa mudança é fruto do compromisso da minha mãe com a educação dos filhos. Os livros, nesse momento, estão vinculados ao processo de educação escolar, o que significa a leitura dos livros indicados pela escola.

7) -----

8) Os livros que marcaram a minha juventude fazem parte da Coleção Vagalume, da Editora Scipione. Eu me lembro do livro “O caso da borboleta Atíria” que li em duas circunstâncias escolares, mas que em ambas a leitura é marcada pelo mergulhar na história para vivenciar as aventuras. Além disso, os famosos clássicos da literatura brasileira se impuseram como um desafio por causa do ensino médio. A poesia também aparece através da leitura da criação

poética de um colega de sala de aula, tornando-se objeto de leitura do grupo de colegas. Infelizmente, a escola, mesmo sendo particular, não possuía biblioteca e em Teresina havia apenas uma biblioteca pública, cujo acervo era bem precário.

9) Sim. A leitura faz parte do meu labor e do meu prazer.

10) As leituras têm dupla finalidade: prazer e profissional.

11) Sim. Porque, hoje, tenho uma atitude leitora, o que implica o desejo e a autonomia para a escolha das leituras que busco realizar.

Minha história no CLIC

12) O CLIC nasceu em 1996 a partir de uma experiência realizada pela Marília Fichtner, orientada pela Profa. Vera Aguiar, no Campus aproximado da PUCRS. Depois dessa oficina, a Profa. Vera Aguiar estruturou um projeto de pesquisa-ação e encaminhou para o PROIN/CAPES, através do qual conseguiu o financiamento de infra-estrutura para a compra de computadores, livros, mesa, cadeira, armário, som, tv, scanner, impressora. Com a instalação dessa estrutura começaram a ser realizadas oficinas de leitura da literatura em diálogo com outras linguagens, tendo como monitores alunos da graduação, especialização, mestrado e doutorado. Dessa forma, o projeto tem dupla finalidade, a formação de professores e a de leitores.

13) O primeiro contato que tive com o CLIC foi no período final do mestrado na PUCRS (2000), momento em que tomei conhecimento do projeto através da movimentação do grupo no gabinete da Profa. Vera Aguiar. Em julho de 2001, eu voltei para cursar o Doutorado e a Vera me convidou para participar do projeto. Nesse segundo semestre de 2001, o meu envolvimento se limitava a participar das reuniões semanais, uma vez que estava elaborando meu projeto de doutorado. A partir de março de 2002, eu comecei a participar das atividades de forma efetiva.

14) As primeiras lembranças estão vinculadas às reuniões do projeto, no segundo semestre de 2001, principalmente, o trabalho de análise das unidades de ensino que estavam sendo desenvolvidas e testadas. O encantamento com a concretização do diálogo entre texto literário e leitor mediado pelo computador. Além disso, há toda a movimentação do grupo para a montagem das atividades, bem como a recepção das atividades por parte das crianças. E, no momento de entrada efetiva para a realização da oficina, havia o desejo de participar e o receio ou medo de não conseguir dar conta do recado, pois já estava avisado de que as crianças não estavam acostumadas com a autoridade masculina, como também por estar diante de um público que não era 'minha praia', crianças com idade a partir de 07 anos.

15) No segundo semestre de 2001, eu participava apenas das reuniões semanais. A partir de 2002, eu desenvolvi a oficina Literatura e Computador e depois a oficina Literatura e Biblioteca. Também desenvolvi o sub-projeto

Memória do CLIC, responsável pela montagem de um banco de dados sobre as atividades do grupo. Fui fotógrafo em muitas situações e responsável pela circulação das informações para o grupo. Além disso, participei de oficinas de formação de professores e dos encontros culturais.

16) Dessa experiência no CLIC, acho que só tenho a mencionar experiências positivas: aprendi a trabalhar em grupo, onde as ações são coletivas e não individuais; a perceber que o trabalho de formação de leitores é composto de pequenas conquistas diárias, pois no processo de leitura a percepção/aquisição/domínio de elementos do texto se dá aos poucos; a tentar respeitar o ritmo de cada criança e o meu próprio ritmo; a entender a lógica infantil de um grupo que não se enquadra na lógica do perfil de criança que a escola/universidade nos apresenta; a romper com preconceitos impostos pela sociedade sobre as pessoas que são marginalizadas por ela; a aquisição de um repertório de leituras de textos literários infantis ou não; aprender a redimensionar as atividades planejadas diante dos obstáculos; aprender a lidar com o comportamento das crianças.

MARCAS DO QUE SE FOI, SONHOS QUE VAMOS TER...

17) Quando eu entrei no CLIC, eu já estava vinculado à Universidade Estadual do Maranhão, como professor assistente do Departamento de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Caxias. Continuo na Universidade, agora, com uma responsabilidade maior de transpor essa experiência do CLIC para a minha realidade local, seja na sala de aula ou em outros espaços.

18) A certeza de que é possível formar leitores nos mais diversos lugares e nos mais adversos.

19) O direito à vida. Eu digo isso porque é no CLIC que a grande maioria das crianças da favela tinha o direito de ser criança, de viver a fantasia.

20) Propiciar o acesso aos diversos bens culturais produzidos pela sociedade. Na verdade, o mediador de leitura é um mediador da cultura, o que não se limita à arte literária, mas também as demais formas de arte, ou seja, cumpre ao mediador estabelecer um diálogo entre o leitor e as demais manifestações artísticas.

Paula Mastroberti

A LEITURA EM MINHA VIDA

1) Sim.

2) Sim, meus pais.

3) Sim, desde sempre.

4) -----

5) Aprendi a ler na Bíblia. Desde pequena, o Antigo Testamento me fascinava. A primeira vez que li em voz alta para mostrar aos meus pais que já havia aprendido a ler foi a cena do nascimento de Jesus, Evangelho São Mateus. Depois, comecei a gostar de Mitologia Grega, aventuras como O Corsário Negro, O Conde de Monte Cristo, essas coisas. E os Contos de Fantasia em geral.

6) Quando a gente diz que literatura salva, é da adolescência que a gente está falando. Lia de tudo, de porcarias a coisas boas, de quadrinhos a poesia...

7) -----

8) Quadrinhos da Heavy Metal Magazine. Agatha Christie. A trilogia (ou seria tetra?) sobre a história de um clã da China, cujo nome não lembro, da Pearl S. Buck. Baudelaire. Fausto, do Goethe. As irmãs Brönte. Li toda a Comedia Humana do Balzac aos dezoito anos. Etc...

9) Adianta dizer que não? Nem sempre leio o que eu gostaria... Mas tá na fila: Suassuna; Shakespeare (reler em inglês); Abusado; fora a fila de poetas me aguardando na estante, que eu gosto de ler salteando, como Barros, Carpinejar, Carpi, Alexei Bueno. E livros sobre artes plásticas, de Hans Belting e outro Arthur Danto. É pra citar os periódicos também? Sou compulsiva pra comprar e pra ler: no mínimo três livros ao mesmo tempo.

10) Ai, ai ,ai. Entretenimento, vício, pesquisa, informação, formação, enfim... finalidade erótica e visceral, mesmo.

11) Fundamental e existencialmente eu sou, acima de tudo, uma leitora. Até quando estou escrevendo eu sou leitora.

Minha história no CLIC

- 12) Que foi criado a quase dez anos.
- 13) Os objetivos de inclusão social, aliados ao vínculo acadêmico.
- 14) A primeira reunião: não entendi bulhufas. Mas adorei o clima.
- 15) Visitas a escola Coelho Neto, como agitadora cultural. Atualmente, sou mediadora de uma oficina de literatura e criação gráfica
- 16) Muito cedo pra dizer, porque não finquei pé no projeto ainda. Gostei de todas as experiências, mas é claro que trabalhar na escola não era exatamente o que entendia de um projeto como o CLIC.

MARCAS DO QUE SE FOI, SONHOS QUE VAMOS TER...

- 17) -----.
- 18) A sensação de ser incluída no coletivo. Como artista e escritora, sempre me sinto um pouco isolada. Participar de projetos como o CLIC me dão a sensação de que eu estou agindo mais concretamente. Dá sentido a minha vida de artista e escritora, é isso.
- 19) Prazer, viagem, consciência e integração de idéias.
- 20) Provocar nos outros aquilo que a leitura provoca nele. Pra ser mediador de leitura, tem que ser apaixonado pelo ato de ler.

Paula Barbosa Muhle

Minha história de Leitura

1) Sim. Meus pais sempre trouxeram jornais, revistas e livros para a convivência familiar. Além de meus pais, contava com contribuição das minhas irmãs mais velhas que, por já estarem no colégio, levavam livros para casa.

2) Estimular a ler, assim como fazemos nos projetos, não. Mas só o fato de minha mãe contar, algumas vezes, histórias pra mim, já era um incentivo.

3) Pode-se dizer que sim. Mas não era uma das atividades principais.

4) -----

5) Principalmente os contos de fada. Mas tem um livro que marcou muito, tanto a infância de minha irmã como a minha, que era "O touro Ferdinando". Ambas começamos a ler naquele livro.

6) Acho que foi a fase que mais me afastei da leitura de livros. Jornais e revistas eu lia, mas livros eram lidos muito contra a minha vontade.

7) Acho que a forma como são impostas, muitas vezes, as leituras na escola, fazem com que os indivíduos percam a vontade de ler. No meu caso um dos motivos pra eu ter me afastado da leitura de livros eram as tais "fichas de leitura".

8) -----

9) Sim. Tento fazer a leitura algo presente em todos os meus dias.

10) As leituras que realizo têm muitas finalidades. Há dias que leio porque tenho q ler determinada coisa. Há dias que eu faço apenas leitura por prazer.

11) Acho que ainda não sou uma leitora assídua. Estou em fase de formação, pois assim como eu leio, eu me disperso muito facilmente da leitura.

MINHA HISTÓRIA NO CLIC

12) O projeto do Champagnat surgiu baseados nos encontros do CLIC. No entanto, tomou proporções tão grandes que, hoje, caminha sozinho. Já o projeto de capacitação dos professores da Escola Leopoldo surgiu por intermédio de um pai que tinha seu filho nessa Escola em uma conversa com a Renata, que é nossa colega no trabalho de incentivo a leitura no colégio Champagnat. A Escola Leopoldo demonstrou muito interesse e a partir da predisposição da Prof. Vera Aguiar, foi montando um projeto, assim

como o projeto do Champagnat, e da Vila Fátima, os quais todos funcionam sob orientação dela.

13) Fui, primeiramente, para ver o que era e como funcionava. No entanto, após ver um crescimento tanto dos alunos como meu, me apaixonei por trabalhar com incentivo a leitura.

14) O rosto de cada aluno e cada professor no primeiro encontro. Um olhar de desconfiança, que no final de tudo se transforma em um olhar de segurança e de objetivo alcançado.

15) Trabalho como monitora (professora) no colégio Champagnat. Na Escola Leopoldo, juntamente com o restante do grupo que trabalha no CLIC, fomos os “palestrantes” de um curso inicial sobre leitura e fizemos o acompanhamento do grupo de professores da Escola

16) Como experiência positiva, tenho muitas lembranças: Como ver o empenho das professoras da Escola Leopoldo, vindo nos solicitar sugestões de livros e depois nos contando que o número de alunos frequentadores da biblioteca dobrou.

Como experiência positiva também, no Champagnat, a situação de ver um aluno feliz por estar ali, dizendo que prefere ir pra Oficina a ficar dormindo ou fazendo qualquer outra atividade, me faz refletir sobre o papel incentivador que temos sob estes seres.

Quanto a experiências negativa tenho uma situação de um aluno que adorava frequentar a Oficina, no entanto, sua mãe, por não gostar de acordar cedo, o tirou da Oficina. Isso me faz refletir sobre a questão do incentivo. Não adianta, muitas vezes, de um lado o aluno ser incentivado e do outro lado, ser banido.

MARCAS DO QUE SE FOI, SONHOS QUE VAMOS TER...

17) Hoje, juntamente com o projeto que ainda desenvolvo no Champagnat, e do projeto que foi desenvolvido na Escola Leopoldo, eu trabalho com educação a distância. E, por ter muitos resultados positivos dentro do ambiente de formação de leitores, eu trabalho em uma Escola Infantil, fazendo hora do conto e tentando despertar em cada novo indivíduo, o gosto pela leitura.

18) Levo o ensinamento de que cada um de nós consegue plantar uma sementinha em cada indivíduo, independentemente da classe social a que pertence e a idade que tive, para conseguirmos formar novos leitores. Assim, não podemos deixar de lado a nossa missão de passar a nossa idéia da importância da leitura.

19) Um passo para um novo mundo

20) Ser capaz de despertar o gosto pela leitura em seus mediados.

ANEXOS

ANEXO 1: O CLIC EM PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira. *Sociedade oral versus cultura letrada*. Encontro Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, v. 1, n. 18, p. 232-234, 2002.

AGUIAR, Vera Teixeira. *Sociedade oral versus cultura letrada*. Revista Nonada Letras Em Revista, Porto Alegre, v. 5, p. 91-98, 2001.

AGUIAR, Vera Teixeira. *Leitura e interdisciplinaridade*. Artexto, Rio Grande, v. 1, p. 11-25, 1998.

AGUIAR, Vera Teixeira. *A leitura em sua dimensão histórico e social: as competências do leitor*. Revista Ciência e Letras, Porto Alegre, v. 20, p. 143-152, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira. (Org.); MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Org.). *O caminho dos livros: da biblioteca à comunidade*. In: *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. v. 1. 267 p. 255-267.

AGUIAR, Vera Teixeira. *Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores*. 2. ed. Belo Horizonte: Formato, 2003.

AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura e educação: diálogos*. In: Aparecida Paiva; Aracy Martins; Graça Paulino; Hércules Corrêa; Zélia Versani. (Org.). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: CEALE / Autêntica, 2007, p. 17-27.

AGUIAR, Vera Teixeira. *Mediadores de leitura no meio da vida*. In: 3 Congresso Mundial da IASA - International American Studies Association, 2007, Lisboa. Trans/American; trans/oceanic; trans/lation, 2007. v. 1. p. 355-355.

AGUIAR, Vera Teixeira. *A leitura literária e a distribuição do capital cultural*. In: VIII Congresso Internacional Internacional de Lusitanistas, 2005, Santiago de Compostela. Resumos do VIII Congresso Internacional de Lusitanistas. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2005. p. 212-213.

AGUIAR, Vera Teixeira; FAUSTI, Carlines. *As crianças contam histórias: a recepção do conto de fadas*. In: Salão de Iniciação Científica PIBIC / CNPq, 2004, Porto Alegre. Catálogo dos Resumos 2004, 2003. p. 383-383.

AGUIAR, Vera Teixeira. *Oficinas de leitura no CLIC: a formação de educadores para formar leitores. A leitura da literatura e o desenvolvimento do imaginário infantil*. In: V Salão de Iniciação Científica, 2004, Porto Alegre. V Salão de Iniciação Científica. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

AGUIAR, Vera Teixeira; SOUZA, Viviane. *Poesia e cognição: uma experiência de ensino de primeiro grau para alunos do curso de Licenciatura em Letras da PUCRS*.

In: Salão de Iniciação Científica PIBIC / CNPq, 2004, Porto Alegre. Catálogo dos Resumos 2004, 2000. v. 1. p. 366-366.

AGUIAR, Vera Teixeira; MILAN, Letícia; BIZARRO, Rodrigo Faganello. *Literatura e cognição*: uma proposta de formação inicial e continuada dos professores de Letras - segunda fase. In: Salão de Iniciação Científica PIBIC / CNPq, 2004, Porto Alegre. Catálogo dos Resumos 2004, 2002. p. 376-376.

AGUIAR, Vera Teixeira. *A leitura literária e o cruzamento de linguagens*. In: IX Congresso Internacional da ABRALIC, 2004, Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. p. 204-204.

AGUIAR, Vera Teixeira. *Renoir na periferia*: o acesso aos bens simbólicos da cultura letrada. In: VIII Congresso Internacional ABRALIC, 2002, Belo Horizonte. VIII Congresso Internacional ABRALIC, 2002. v. 1. p. 217-217.

AGUIAR, Vera Teixeira. *Poesia e educação*: encontros e desencontros. In: I Congresso Internacional em Educação, 1997, Teresina. I Congresso Internacional em Educação. Teresina: UFPI, 1997. p. 9-10.

AGUIAR, Vera Teixeira. *Poesia e desenvolvimento cognitivo infantil*. In: IX Encontro Nacional da ANPOLL, 1996, João Pessoa. IX Encontro Nacional da ANPOLL. João Pessoa: ANPOLL, 1996. p. 245-246.

BAYER, Adriana Elisabete. *Literatura e outras linguagens*. In: Semana Acadêmica de Letras - PUCRS, 2006, Porto Alegre, 2006.

BAYER, Adriana Elisabete; PICCINI, Maurício. *Literatura e Computador*. In: Semana Acadêmica de Letras - PUCRS, 2005, Porto Alegre.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *As crianças contam as histórias*: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais. www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/tese6, 2002.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *Literatura infanto-juvenil, leitura e ensino*. In: Vera Teixeira de Aguiar; Vera Wannmacher Pereira. (Org.). Pesquisa em Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, v. 01, p. 39-46.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A leitura da literatura na escola: o lugar da criança como sujeito sociohistórico. In: Vera Teixeira de Aguiar; Alice Aurea Penteado Martha. (Org.). Territórios da leitura: da literatura aos leitores. São Paulo/Assis: Cultura Acadêmica/ANEP, 2006, v. 01, p. 127-141.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *Com a palavra o leitor infantil*. In: João Luis C. T. Ceccantini. (Org.). Leitura e Literatura Infanto-juvenil: memória de Gramado. 01 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004, v. 01, p. 269-285.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de; ZANCANI, Cristine Lima ; AGUIAR, Vera Teixeira de . Centro de Literatura Interativa da Comunidade - CLIC: uma experiência de democratização da leitura na periferia de Porto Alegre - RS. In: Graça Paulino; Maria Zélia

Versiani Machado; Aparecida Paiva; Aracy Alves Martins. (Org.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. 01 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, v. 01, p. 157-165.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A produção de texto na escola. In: ARAUJO, Antonia Dilamar; BOAKARI, Salete. (Org.). Linguagem, escola e comunidade. 01 ed. Teresina: EDUFPI, 1998, v. 01, p. 205-220.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *A literatura, a infância e a escola: horizontes de leitura em formação*. In: XXI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2006, João Pessoa. XXI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste. João Pessoa: GELNE, 2006.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de: *Leitura da literatura na escola: o lugar da criança como sujeito sociohistórico*. In: IX Congresso Internacional da Abralic, 2005, Porto Alegre. IX Congresso Internacional da Abralic - Travessias. Porto Alegre: ABRALIC, 2004.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais*. In: XVII Encontro Nacional da ANPOLL, 2002, Gramado - RS. ANPOLL - Boletim Informativo Nº 31, 2002. v. 01. p. 240.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti. *Brincar de ler: um método lúdico de leitura literária*. In: Lugares dos discursos: X Congresso Internacional ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro. Lugares dos discursos: X Congresso Internacional ABRALIC, 2006.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti. *Literatura na escola: um projeto de incentivo à leitura*. In: II Colóquio Leitura e Cognição, 2006, Santa Cruz do Sul / RS. Anais II Colóquio Leitura e Cognição, 2006.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti; MUHLE, Paula Barboza. *Literatura na escola: um projeto de incentivo à leitura*. In: XXIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul, 2006, Porto Alegre. XXIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul, 2006.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti. *Ler e brincar na escola: uma combinação possível para formar leitores*. In: III Colóquio Leitura e Cognição, 2007, Porto Alegre. III Colóquio Leitura e Cognição. Santa Cruz do Sul : IPR, 2007. v. 1.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti; MUHLE, Paula Barboza. *Oficina de leitura da literatura Champagnat: quem sou eu?*. In: V Jornada de Iniciação Científica UNIRITTER, 2003, Porto Alegre. V Jornada de Iniciação Científica UNIRITTER, 2003.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti; MUHLE, Paula Barboza ; GONCALVES, L. K. ; ANJOS, R. L. . *A construção lírica e a formação do leitor: repercussões do cânone*

na imprensa (1870 a 1930). In: V Jornada de Iniciação Científica UNIRITTER, 2003, Porto Alegre. V Jornada de Iniciação Científica UNIRITTER, 2003.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti; GONCALVES, L. K. ; MUHLE, Paula Barboza ; ANJOS, R. L. . *A construção lírica e a formação do leitor: repercussões do cânone na imprensa (1870 a 1930)*. In: IV Salão de Iniciação Científica PUCRS, 2003, Porto Alegre. IV Salão de Iniciação Científica PUCRS, 2003.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti; MUHLE, Paula Barboza . *Oficina de leitura da literatura Champagnat: quem sou eu?*. In: IV Salão de Iniciação Científica PUCRS, 2003, Porto Alegre. IV Salão de Iniciação Científica PUCRS, 2003.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti; GONCALVES, L. K. ; MUHLE, Paula Barboza ; ANJOS, R. L. . *A construção lírica e a formação do leitor: repercussões do cânone na imprensa (1870 a 1930)*. In: XV Salão de Iniciação Científica UFRGS, 2003, Porto Alegre. XV Salão de Iniciação Científica UFRGS, 2003.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti; MUHLE, Paula Barboza. *Oficina de leitura da literatura Champagnat: quem sou eu?*. In: XV Salão de Iniciação Científica UFRGS, 2003, Porto Alegre. XV Salão de Iniciação Científica UFRGS, 2003.

FICHTNER, Marília. *A Caixa de Concretizações: uma proposta lúdica de interação texto/leitor à luz da psicologia da imaginação*. Nonada Letras Em Revista, Porto Alegre-RS, v. 3, n. 4, p. 11-42, 2000.

FICHTNER, Marília. *A leitura de textos poéticos à luz da psicologia da imaginação*. Revista da ANPOLL, São Paulo, v. 9, n. p.1-296, p. 119-154, 2000.

FICHTNER, Marília. *A leitura de textos poéticos e a representação de um mundo que balança, mas não cai*. In: Vera Teixeira de Aguiar; Alice Áurea`Penteado Martha. (Org.). *Territórios da leitura, da literatura aos leitores*. 1 ed. Assis/SP: Cultura Acadêmica; ANEP, 2006, v. 1, p. 221-235.

FICHTNER, Marília. *A leitura de textos poéticos, os mapas que criamos em nossas mentes e a geografia do mundo*. In: João Luís C. T. Ceccantini. (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil*. São Paulo - Assis: Acadêmica- Anep, 2004, v. , p. 255-268.

FICHTNER, Marília. *O fingir dos objetos transicionais e a leitura de poemas e contos populares na Educação Infantil*. In: Seminário de Educação, Imaginação e Linguagens Artístico-Culturais, 2005, Criciúma. Seminário de Educação, Imaginação e Linguagens Artístico-Culturais, 2005.

FICHTNER, Marília. *A leitura de textos poéticos e a representação de um mundo que balança, mas não cai*. In: IX Congresso Internacional da ABRALIC, 2004, Porto Alegre. Resumo, 2004.

FICHTNER, Marília. *A Caixa de concretizações: uma proposta que visa a desenvolver jogos e experiências que promovam a interação texto-leitor*. In: XVII Encontro Nacional da Anpoll, 2002, Gramado. XVII Encontro Nacional da Anpoll, A

Pós-Graduação em Letras e Linguística no Brasil: Memórias e Projeções. Porto Alegre : Capes, CNPq, Fapergs, UFRGS, 2002. v. 31. p. 254-255.

MASTROBERTI, Paula. *Artes Plásticas e educação: um diálogo urgente, necessário e possível*. Reflexão e Ação, UNISC - Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 55-64, 2006.

MASTROBERTI, Paula. *Literatura Infante Juvenil: reflexões Sobre Um Rótulo*. Logos (Canoas), Canoas, RS, v. 14, n. 2, p. 9-10, 2003.

MASTROBERTI, Paula. *CLIC – Uma proposta de inclusão através da ressignificação da leitura*. In: Semana de Letras, 2006, Porto Alegre, 2006.

MUHLE, Paula Barboza. *Oficina de Leitura da Literatura - Champagnat : Eu no mundo das linguagens*. In: VI Salão de Iniciação Científica, 2005, Porto Alegre. Salão de Iniciação Científica PUCRS. Porto Alegre: PUCRS Virtual, 2005.

MUHLE, Paula Barboza; CAMILLO, G. *Literatura na escola: projeto de incentivo à leitura*. In: VI Salão de Iniciação Científica, 2005, POA. Salão de Iniciação Científica. Porto Alegre: PUCRS Virtual, 2005.

MUHLE, Paula Barboza. *Literatura na escola: um projeto de incentivo à leitura*. In: I Jornada de estudos lingüísticos, 2005, POA. I Jornada de estudos lingüísticos, 2005.

RÊGO, Zila Letícia Pereira. *Poesia é voz de fazer nascimentos*. In: Vera Teixeira de Aguiar; Alice Áurea Penteado Martha. (Org.). Territórios da leitura da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, v. , p. 209-219.

RÊGO, Zila Letícia Pereira. *Imaginar é preciso: jovens relêem a infância através da poesia*. In: XIX Encontro Nacional da ANPOLL, 2004, Maceió. Boletim Informativo no. 32. XIX Encontro Nacional da ANPOLL. Maceió : Q Gráfica, 2004.

RÊGO, Zila Letícia Pereira. *Poesia é voz de fazer nascimentos*. In: IX Congresso Internacional Abralic 2004, 2004, Porto Alegre. Travessias- IX Congresso Internacional da Abralic, 2004.

RÊGO, Zila Letícia Pereira. *Poesia e subjetividade: uma experiência para jovens leitores*. In: XVII Encontro Nacional da ANPOLL, 2002, Gramado. XVII Encontro Nacional da ANPOLL- Boletim Informativo no. 31, 2002. p. 259-260.

RÊGO, Zila Letícia Pereira. *Poesia e subjetividade: uma experiência para jovens leitores*. In: 13 Congresso de Leitura do Brasil, 2001, Campinas. Poesia e subjetividade: uma experiência para jovens leitores. Campinas : ALB, 2001. p. 141-141.

ZANCANI, Cristine Lima. *Centro de Literatura Interativa da Comunidade _ CLIC: uma experiência de democratização da leitura na periferia de Porto Alegre*. In: PAULINO, Graça, PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy, VERSANI, M. (Org.).

Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, v. , p. 21-35.

ZANCANI, Cristine Lima . *Uma relação possível entre a literatura e o computador: um CLIC na experiência*. In: XV Encontro da ANPOLL, 2000, Porto Alegre. Anais do XV Encontro da ANPOLL, 2002.

ZANCANI, Cristine Lima . *A visão premiada da infância: a legitimação do texto infantil*. In: IX Congresso Internacional da ABRALIC, 2004, Porto Alegre. IX Congresso Internacional da Abralic- Travessias, 2004.

ANEXO 2: A SALA DO CLIC

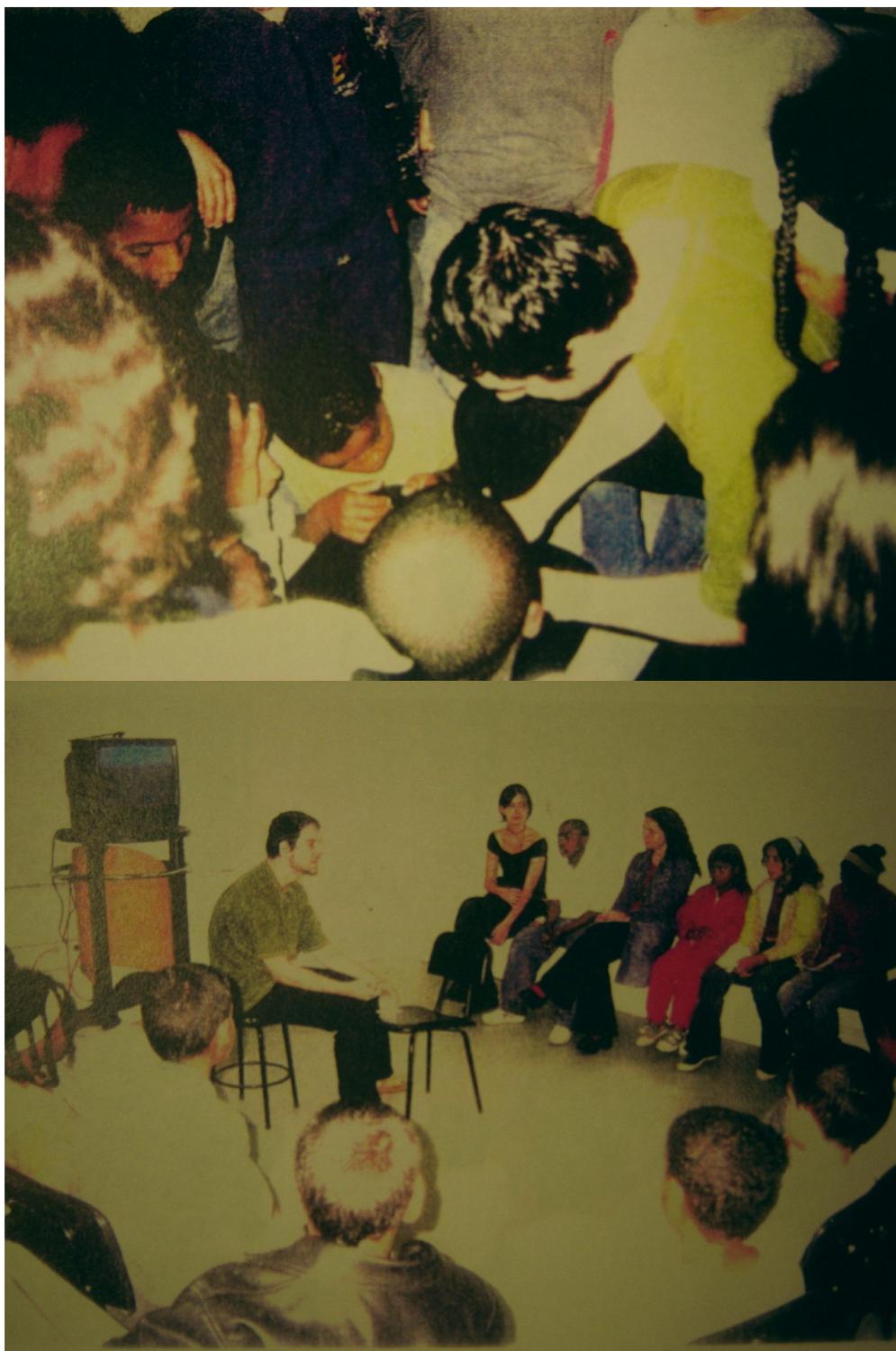


A SALA DO CLIC

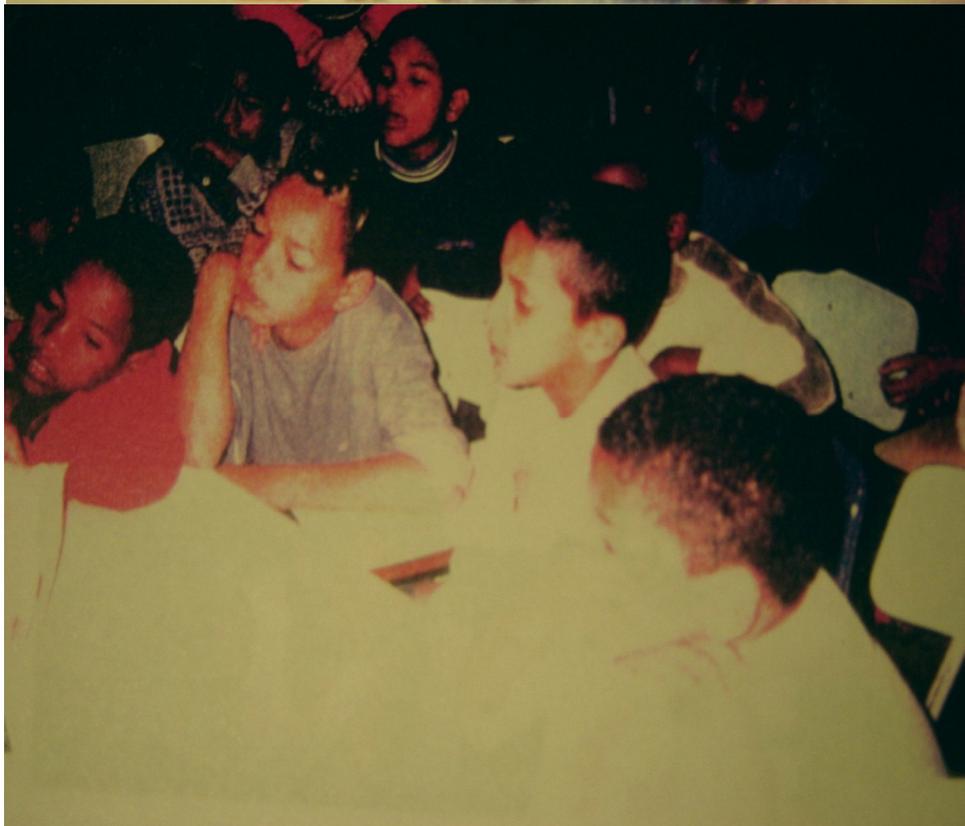


ANEXO 3: FOTOS DOS ENCONTROS CULTURAIS

Rodrigo John fala sobre animação



Rodrigo Rosa fala sobre ilustração



Carlos Gerbase fala sobre fotografia



Curriculum Vitae

Curriculum Vitae
Cristine Lima Zancani

Dados pessoais

Nome	Cristine Lima Zancani
Filiação	Paulo Zancani e Rejane Belinda de Freitas Lima
Nascimento	13/11/1970, Porto Alegre/RS - Brasil
Carteira de identidade	1051698734 / SSP / RS / 29/04/1988
CPF	67453538068
Endereço profissional	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Departamento de Pós-Graduação em Letras. Avenida Ipiranga, 6681 Parthenon 90619-900 Porto Alegre, RS - Brasil Telefone: (51) 33203676 E-mail: pg-letras@pucrs.br
Endereço residencial	Rua Barão do Triunfo, 60/103 Menino Deus 90130100 Porto Alegre, RS - Brasil Telefone: (051) 32312523 E-mail: cristinezancani@yahoo.com

[Voltar](#)

Formação acadêmica/Titulação

2000 - 2002	Mestrado em Lingüística e Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Rio Grande do Sul, Brasil. Título: A visão premiada da infância: análise literária de personagens consagradas pela FNLIJ.. Ano de obtenção: 2002. Orientador: Luis Antonio de Assis Brasil. Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.
1998 - 1999	Especialização em Literatura Infanto Juvenil. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Rio Grande do Sul, Brasil.
1994 - 1998	Graduação em Licenciatura Em Letras Português. Faculdade Porto Alegrense de Educação Ciências e Letras, FAPA, Rio Grande do Sul, Brasil.
2004	Doutorado em Lingüística e Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Rio Grande do Sul, Brasil. Título: Um CLIC para favorecer às crianças oriundas das classes populares o acesso ao capital cultural: o trabalho do Centro de Literatura Interativa da Comunidade. Orientador: Vera Teixeira de Aguiar. Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ, Brasil.

[Voltar](#)

Atuação profissional

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Vínculo
institucional

1998 - Atual Vínculo: pesquisador.

Atividades

3/1998 - Atual [Pesquisa e desenvolvimento](#), Faculdade de Letras, Departamento de Pós-Graduação em Letras.

Linhas de pesquisa

1. [Literatura Infantil - Leitura e ensino](#).

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Campus Uruguaina - PUC-RS/CAMPUS II

Vínculo
institucional

2002 - 2002 Vínculo: Professor, Enquadramento funcional: Professor substituto, Carga horária: 10.

Atividades

3/2002 - 9/2002 *Ensino*, Licenciatura Em Letras, Nível: Graduação.

- Disciplinas ministradas
1. Teoria da Literatura.
 2. Literatura Brasileira.
 3. Literatura Portuguesa.
 4. Literatura Sul-Riograndense.

[Voltar](#)

Linhas de pesquisa

1 Literatura Infantil - Leitura e ensino.

[Voltar](#)

Áreas de atuação

1 Teoria Literária, Literatura Infantil Ensino e Leitura.

[Voltar](#)

Idiomas

Compreende Espanhol (Bem), Português (Bem).

Fala Espanhol (Bem), Português (Bem).

Lê Espanhol (Bem), Português (Bem).

Escreve Espanhol (Bem), Português (Bem).

[Voltar](#)

Produção científica, tecnológica e artística/cultural

[Produção bibliográfica](#)

[Produção técnica](#)

[Produção artística/cultural](#)

[Orientações concluídas](#)

[Demais trabalhos](#)

Produção bibliográfica

Trabalhos completos em anais de eventos

- 1 ZANCANI, Cristine Lima. Uma relação possível entre a literatura e o computador: um clic na experiência. In: XV ENCONTRO DA ANPOLL, 2002, Porto Alegre. Anais do XV Encontro da ANPOLL. 2000.

Resumos simples em anais de eventos

- 1 ZANCANI, Cristine Lima. A visão premiada da infância: a legitimação do texto infantil. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2004, Porto Alegre. IX Congresso Internacional da Abralic- Travessias. 2004.

Livros publicados

- 1 ZANCANI, Cristine Lima. *Antes de partir revelarei meu amor por ti na última frase*. Porto Alegre: Câmara do Livro, 1997. v. 1.

Capítulos de livros publicados

- 1 ZANCANI, Cristine Lima. Centro de Literatura Interativa da Comunidade _ CLIC: uma experiência de democratização da leitura na periferia de Porto Alegre. In: PAULINO, Graça, PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy, VERSANI, M. (Org.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte, 2004, p. 21-35.

Demais trabalhos

- 1 ZANCANI, Cristine Lima. Curso de extensão em literatura sul-rio-grandense. 2006. (Pesquisa).
- 2 ZANCANI, Cristine Lima. Leitura e Cultura Portuguesa na escola: como formar leitores. 2005. (Curso).
- 3 ZANCANI, Cristine Lima. Preparando-se para o vestibular. 2005. (Palestra).
- 4 ZANCANI, Cristine Lima. Testando a compreensão auditiva de estudantes estrangeiros. 2005. (Oficina).
- 5 ZANCANI, Cristine Lima. Centro de Literatura Interativa da Comunidade - CLIC: Uma experiência de leitura na comunidade. 2004. (Palestra).
- 6 ZANCANI, Cristine Lima. Literatura e outras linguagens. 2004. (Oficina).
- 7 ZANCANI, Cristine Lima. Literatura Infanto-Juvenil. 2004. (Palestra).
- 8 ZANCANI, Cristine Lima. Experiências de leitura: literatura infantil. 2003. (Palestra).
- 9 ZANCANI, Cristine Lima. Literatura no ensino fundamental. 2003. (Palestra).
- 10 ZANCANI, Cristine Lima. A qualidade do livro infantil. 2002. (Palestra).
- 11 ZANCANI, Cristine Lima. Análise de textos literários para crianças. 2002. (Oficina).
- 12 ZANCANI, Cristine Lima. Como escolher um texto de qualidade para crianças. 2002. (Palestra).
- 13 ZANCANI, Cristine Lima. Literatura e computador: roteiros de leitura. 2001. (Oficina).
- 14 ZANCANI, Cristine Lima. Literatura infantil fora da estante. 2001. (Oficina).
- 15 ZANCANI, Cristine Lima. Oficina Poesia no CLIC: a leitura do texto poético e a mediação do computador. 2000. (Oficina).
- 16 ZANCANI, Cristine Lima. Poesia no CLIC: a leitura do texto poético e a mediação do computador. 2000. (Oficina).
- 17 ZANCANI, Cristine Lima. Uma relação possível entre a literatura e o computador: um clic na experiência. 2000. (Comunicação).
- 18 ZANCANI, Cristine Lima. Uma relação possível entre a literatura e o computador: um CLIC na experiência. 2000. (Comunicação).

[Voltar](#)

Dados complementares

[Participação em bancas examinadoras](#)

[Participação em bancas de comissões julgadoras](#)

[Participação em eventos](#)

[Orientações em andamento](#)

Participação em eventos

- 1 XXII Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXII Seminário De crítica no Rio Grande do Sul. 2004. (Participação em eventos/Seminário).
- 2 XX Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XIX Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul. 2002. (Participação em eventos/Seminário).
- 3 IV semana acadêmica do curso de letras da UNISC- Escola cidadã: compromisso com a inserção do aluno no mundo. 2001. (Participação em eventos/Outra).
- 4 Jornada de estudos portugueses. 2000. (Participação em eventos/Outra).
- 5 Seminário Internacional Clássicos para crianças. 2000. (Participação em eventos/Seminário).
- 6 XVIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária, XVII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul e I Jornada Internacional de Narratologia. 2000. (Participação em eventos/Seminário).
- 7 III Seminário Internacional de Historia da Literatura. 1999. (Participação em eventos/Seminário).
- 8 Jornada de estudos portugueses. 1999. (Participação em eventos/Outra).

- 9 Seminário de Assuntos portugueses. 1999. (Participação em eventos/Seminário).
- 10 Seminário Internacional de Leitura e Desenvolvimento Social. 1998. (Participação em eventos/Seminário).
- 11 Seminário Nacional Imagens de criança - A representação da infância nas artes. 1998. (Participação em eventos/Seminário).
- 12 IX Seminário Nacional de Literatura e História- A representação da pobreza na literatura. 1997. (Participação em eventos/Seminário).
- 13 II Seminário Nacional de Literatura: O fantástico na Literatura. 1996. (Participação em eventos/Seminário).
- 14 Das muitas faces de Eva- A representação feminina na literatura. 1995. (Participação em eventos/Seminário).
- 15 I Seminário Nacional de literatura- A narrativa contemporânea. 1995. (Participação em eventos/Seminário).
- 16 Seminário de capacitação de recursos humanos: proler - módulo zero. 1995. (Participação em eventos/Seminário).
- 17 A LITERATURA E A EVOLUÇÃO DOS GÊNEROS. 1994. (Participação em eventos/Seminário).
- 18 Seminário 40 anos do IEL - A LITERATURA GAÚCHA DOS ANOS 90. 1994. (Participação em eventos/Seminário).

[Voltar](#)
